

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

João Eratóstenes Doulgras Cardoso

**POR ENTRE RUAS E MEMÓRIAS: A BELO HORIZONTE NO BEIRA-MAR
DE PEDRO NAVA**

Orientador: Dr. Marcos Antônio Menezes

Goiânia
2015

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR AS TESES E DISSERTAÇÕES ELETRÔNICAS (TEDE) NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: ☒ Dissertação ☐ Tese

2. Identificação da Tese ou Dissertação

Autor (a):	João Eratóstenes Doulgras Cardoso		
E-mail:	doug-eras@hotmail.com		
Seu e-mail pode ser disponibilizado na página?	☒ Sim ☐ Não		
Vínculo empregatício do autor	Bolsista		
Agência de fomento: Coordenação de aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior		Sigla:	CAPES
País:	Brasil	UF:	GO CNPJ: 00889834/0001-08
Título:	Por Entre Ruas e Memórias: A Belo Horizonte no Beira-Mar de Pedro Nava		
Palavras-chave:	Pedro Nava, Belo Horizonte, História, Memória e Narrativa		
Título em outra língua:	Por Entre Ruas e Memórias: A Belo Horizonte no Beira-Mar de Pedro Nava		
Palavras-chave em outra língua:	Pedro Nava, Belo Horizonte, Historia, Memoria y Narrativa		
Área de concentração:	Cultura, Fronteiras e Identidades. Linha de Pesquisa: Poder, Sertão e Identidades.		
Data defesa: (dd/mm/aaaa)			
Programa de Pós-Graduação:	Programa de Pós Graduação em História – PPGH		
Orientador (a):	Prof. Dr. Marcos Antônio Menezes		
E-mail:	pitymenezes.ufg@gmail.com		
Co-orientador (a):*			
E-mail:			

*Necessita do CPF quando não constar no SisPG

3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento ☒ SIM ☐ NÃO¹

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF ou DOC da tese ou dissertação.

O sistema da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações garante aos autores, que os arquivos contendo eletronicamente as teses e ou dissertações, antes de sua disponibilização, receberão procedimentos de segurança, criptografia (para não permitir cópia e extração de conteúdo, permitindo apenas impressão fraca) usando o padrão do Acrobat.

Data: ____ / ____ / ____

Assinatura do (a) autor (a)

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

João Eratóstenes Doulgras Cardoso

**POR ENTRE RUAS E MEMÓRIAS: A BELO HORIZONTE NO BEIRA-MAR
DE PEDRO NAVA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal de Goiás, como requisito para o título de Mestre em História (Área de Concentração: Cultura, fronteiras e identidade; Linha de Pesquisa: Poder, Sertão e Identidades.)

Orientador: Dr. Marcos Antônio Menezes

Goiânia
2015

Ficha catalográfica elaborada automaticamente
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob orientação do Sibi/UFG.

Cardoso, João Eratóstenes Doulgras

Por entre ruas e memórias [manuscrito] : A Belo Horizonte no Beira
Mar de Pedro Nava / João Eratóstenes Doulgras Cardoso. - 2015.

f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Antônio de Menezes.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade
de História (FH) , Programa de Pós-Graduação em História, Goiânia, 2015.
Bibliografia.

Inclui fotografias.

João Eratóstenes Doulgras Cardoso

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal de Goiás, como requisito para o título de Mestre em História (Área de Concentração: Cultura, fronteiras e identidade; Linha de Pesquisa: Poder, Sertão e Identidades.). Aprovada em ____ de _____ de 2015, pela Banca examinadora constituída pelos professores:

Professor Dr. Marco Antônio Menezes (UFG)
Presidente da Banca

Professora Dra. Maria Amélia Garcia de Alencar (UFG)
Examinadora

Professor Dr. Miguel Rodrigues de Sousa Neto (UFMS)
Examinador

Professor Dr. Edson Arantes Junior (UEG)
1ª Suplente

Professora Dra. Sandra Nara da Silva Novaes (UFG)
2ª Suplente

Professor Dr. Agnaldo Rodrigues Gomes (UFMT)
3ª Suplente

Goiânia, ____ de _____ de 2015.

AGRADECIMENTOS:

Primeiramente a Deus pelo dom da Vida.

Aos meus pais Belchior e Zila, por tudo que ensinaram e por todo amor que me transmitiram. Cada um à sua forma, fizeram-me quem sou hoje. Ao senhor, à senhora, todo amor desse mundo. Aos meus irmãos, Maria das Dores e Áureo, por toda confiança e paciência que tiveram comigo, desejo sempre ser para vocês um pouco do que vocês foram e são para mim. Aos meus sobrinhos, os pestinhas David, Zé Henrique e Aline, obrigado por todos os momentos de distração. Brincar com vocês é um descanso para a alma. Aos meus cunhados, Edna e João, obrigado pelas “joias” que vocês me deram e por tudo que fizeram para hoje ter meu respeito. A vocês, minha família, meu amor sincero.

Aos meus amigos que me acompanham desde sempre, cujos nomes não posso listar para não correr o risco de ser injusto, obrigado por entender a minha falta durante esses anos. Aos amigos conquistados durante o mestrado, meu muito obrigado, vou guardá-los para sempre.

Tenho, contudo, que destacar um amigo em especial: Edson Arantes Junior. O que seria de mim sem sua biblioteca particular, obrigado pelos constantes incentivos e auxílios. É muito bom ter pessoas que acreditam em nosso potencial e que nos impulsionam a romper barreiras. Você foi o grande incentivador dessa trajetória, obrigado.

Sou grato, também à família da minha esposa, o Sr. Antônio, D. Inês, Vandira, Valcira, Valtônio, Isabella e Gabriel. Meu muito obrigado pela compreensão e pela amizade.

À minha esposa, sei que não serei capaz de escrever tudo que você representa para mim, não só agora, nessa sufocante tarefa, mas em todos os momentos de nossas vidas. Companheira, escudo, farol, esteio, meu chão, com você ao meu lado serei sempre mais forte. Te amo. Obrigado por tudo.

Ao meu pequeno Gustavo. Sua chegada em meio a essa jornada de estudos serviu para um novo direcionamento na minha vida. Seu sorriso inocente e as horas destinadas aos seus cuidados me dão um novo sentido. Para você tudo, meu filho amado.

Ao professor orientador Dr. Marcos Antônio Menezes muito obrigado por aceitar fazer parte dessa jornada comigo. Tenha em mim um amigo, pois aprendi a ser um

professor melhor tomando o senhor como exemplo. Sempre compreensivo e disponível, só tenho a agradecer por tudo. Obrigado por ter contribuído para o meu crescimento enquanto pesquisador, historiador e enquanto pessoa.

Aos professores (a) Dra. Maria Amélia e Dr. Miguel, também aos suplentes Dr. Edson e Dra. Sandra Nara, minha gratidão por se prestarem à leitura e à arguição desse trabalho. Obrigado ainda ao professor Dr. Carlos Oiti e à professora Dra. Maria Amélia pelas grandes contribuições na banca de qualificação.

Ao Programa de Pós Graduação em História – UFG.

À CAPES por ter financiado essa pesquisa e proporcionado a conclusão desse trabalho.

PEDRO NAVA

BEIRA-MAR

MEMÓRIAS/4

UNIVERSIDADE
DE OLYMPIA
EDITORA



3.ª edição

A VOCÊ GUSTAVO, TUDO!

RESUMO

A história como representação do tempo está vinculada a leitura e interpretação de suas fontes. Por esse prisma, esse trabalho lida com a reconstrução dos anos de 1920 a partir da ótica do memorialista Pedro da Silva Nava. Na obra *Beira-Mar*, o quarto volume das memórias, percebe-se então os arranjos políticos, as estruturas culturais, além do próprio espaço físico da capital mineira. Para tanto, o texto busca sua contextualização temporal num primeiro momento, seguido de uma contextualização sobre o debate entre história e memória, narrativa e literatura, para assim, trabalhar a representação do cenário urbano de Belo Horizonte no transcorrer da história do Brasil no período da República das Oligarquias. Tais características da obra memorialística de Pedro Nava corroboram a ideia de que a literatura é representativa do pensamento social em seu tempo-espaço, assim como também o cenário físico de suas experiências.

Palavra Chave: Pedro Nava, Belo Horizonte, Memória, Narrativa e História.

RESUMEN

La historia como representación del tiempo está ligada a la lectura e interpretación de sus fuentes. Por ese prisma, este trabajo trata sobre la reconstrucción de los años 1920 a partir de la óptica del memorialista Pedro da Silva Nava. En su obra *Beira-Mar*, el cuarto volumen de las memorias, se percibe entonces las confabulaciones políticas, las estructuras culturales, además del propio espacio físico de la capital de Minas Gerais. Para tanto, el texto busca su contextualización temporal en un primer momento, seguido de una contextualización sobre el debate entre historia y memoria, narrativa y literatura, para así, trabajar la representación del escenario urbano de Belo Horizonte en el transcurrir de la historia de Brasil en el periodo de la República de las Oligarquías. Tales características de la obra memorialística de Pedro Nava fortalece la idea de que la literatura es representativa del pensamiento social en su tiempo-espacio, así como también el escenario físico de sus experiencias.

Palabras-clave: Pedro Nava, Belo Horizonte, Memoria, Narrativa e Historia.

Sumário

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO I	23
O SUJEITO, SUA OBRA E SEU CONTEXTO	23
1.1 O SUJEITO DAS MEMÓRIAS	24
1.2 DE NAVA AO EGON	33
1.3 ESTUDOS SOBRE UM ESCRITOR	42
1.4 FLANANDO EM BELO HORIZONTE, BELOHORIZONTE... ..	48
CAPÍTULO II	58
A HISTORIOGRAFIA E A OBRA DE PEDRO NAVA	58
2.1 HISTÓRIA E LITERATURA	59
2.2 HISTÓRIA E CIDADE	71
2.3 HISTÓRIA E NARRATIVA	81
2.4 HISTÓRIA E MEMÓRIA	91
CAPÍTULO III	103
A REPRESENTAÇÃO DE UMA ÉPOCA	103
3.1 OS “MENINOS” DO ESTRELA	104
3.2 ENTRE CRÍTICAS E AFAGOS	115
3.3 O GRANDE BAR DO PONTO	126
CONCLUSÃO	150
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:	157
FONTE PRIMARIA:	157
BIBLIOGRAFIA:	157
SITES:	163
FILME:	164

INTRODUÇÃO

As memórias de Pedro da Silva Nava são, sem sombra de dúvida, um meio para se pensar a história de Belo Horizonte como um espelho do que era o Brasil. Com textos que buscam períodos até mesmo anteriores ao do próprio narrador e caminham até sua velhice, elas perpassam assim vários momentos da nossa política, sociedade e cultura, marcadas por um emaranhado de personagens, figuras e lugares que dão vida a um outro emaranhado de histórias que, por consequência, representam o Brasil em suas mais variadas nuances desde o fim do século XIX até meados para o fim do século XX.

Todavia, esmiuçar todos os seis volumes das memórias naveanas seria um trabalho que requereria um fôlego maior. Por isso a proposta aqui é pensar o espaço material e imaterial de Belo Horizonte na década de 1920 por meio do volume considerado o mais belo-horizontino de sua obra, *Beira-mar* (1978). O texto, que se passa em Belo Horizonte nos anos da juventude de Pedro Nava, tem todo o calor da juventude, o que contrasta com o dia a dia de uma sociedade extremamente polida, uma política em vícios de poder, uma arte arcaica e seus anos de faculdade.

Beira-mar é então a fonte para a leitura do Brasil dos tempos de coronelismo, modernismo e revoluções numa cidade-marco das ideias progressistas da república brasileira com seus mais de 30 anos de existência, mas que ainda guardava muito de conservadorismo mineiro, em contraste com o sentimento renovador de parte da sociedade da qual Nava fazia parte. Sua obra pode ser trabalhada na representação da cidade, tanto por sua via material quanto por aspectos imateriais.

Entendem-se como campo imaterial todos os elementos que de uma forma ou de outra exercem influência na sociedade de Belo Horizonte, de Minas Gerais e do Brasil – a cultura, os hábitos e costumes, a política, os valores e princípios. Já no campo material encontram-se a construção física da cidade e suas alterações, os espaços e seus significados. Dessa forma, os dois campos se entrecruzam na obra de Pedro Nava, dando uma visão da cidade como um todo.

Belo Horizonte, uma cidade projetada com praças em seus cruzamentos, largas avenidas e bairros em diagonal, marcou a vida desse menino de Juiz de Fora que se torna homem na capital do estado. Misturam-se as mudanças do cenário citadino, as lutas

travadas por sua geração e a decomposição e construção de um novo espaço da cidade nas histórias narradas por Pedro Nava. Dessa forma, é impossível, dentro da perspectiva de representação do espaço urbano, separar o sujeito de seu espaço-tempo.

A cidade-símbolo do progresso da república era dividida, em seu plano inicial, assinado pelo o engenheiro Aarão Reis, em três setores: o urbano, limitado pela avenida do contorno, onde se concentrava o plano administrativo e comercial, além dos bairros residenciais; o suburbano, composto de chácaras e de quintas residenciais; e, por fim, o setor rural, que abrigava as atividades agrícolas. Entre 1910 e 1930 verifica-se uma maior ocupação dos espaços vazios, gerando uma nova configuração. Sua expansão só se limita em direção ao sul por conta da barreira natural criada pela serra do Curral.

No período conhecido como “entreguerras” nota-se o surgimento de novas vilas de operários como resultado de uma nova política industrial. Assim, a expansão urbana manifesta-se como um amontoado de bairros periféricos carentes de infraestrutura se multiplicando (PEREIRA e XAVIER, 1997). Essa era a nova cara da sociedade urbana brasileira, principalmente do sudeste: grande concentração de pessoas na zona urbana em busca de novas condições de vida. Aquela que foi projetada para ser símbolo de uma nova política revelava as mazelas de uma sociedade que ainda sofria os desmandos de grupos políticos formados nos tempos do império.

Belo Horizonte viria assim a consagrar a obra da modernidade, identificada com o ideal republicano, rompendo com a imagem do Império e ao mesmo tempo preservando a ordem e a unidade, caras não somente à Nação, mas também à de relação de forças regionais. O desequilíbrio econômico das regiões do estado, garantindo à região da Mata e Sul – graças à expansão da cafeicultura e do transporte ferroviário – o posto de motor econômico do estado, refletia-se nas próprias ambições de mando político e foram potencializadas com o advento da República.

(ARRAIS, 2008, p. 18)

O que Nava viu e narrou é a confirmação de uma nova onda de progresso, como o caso da inserção dos bondes, automóveis e até mesmo da energia elétrica na capital mineira, em contraste com a preservação de uma espécie de rotina política que ainda carregava em seus ombros a ordem e a unidade da nação. A cidade em si carrega muito mais do que o olhar humano pode alcançar, pois sua paisagem se traduz em uma combinação de objetos naturais e sociais acumulados em gerações. A fisionomia do espaço urbano é capaz de transbordar todas essas nuances pertinentes à sua composição.

As várias formas de se enxergar a cidade e suas experiências também são maneiras de perceber a construção simbólica dessa paisagem. Na obra naveana, esses elementos são reprodutores dos significados dos espaços urbanos. Sua narrativa abarca seus sentimentos, seu cotidiano, suas frustrações, realizações e, de forma explícita ou implícita, sua construção como um sujeito histórico. Nessa perspectiva, a memória passa a fazer a função de armazenar o passado.

As experiências do jovem modernista mineiro não são separadas de sua paisagem. Esse cenário representa valores que vão além de uma realidade fria e objetiva e chega até mesmo à nossa própria concepção e compreensão de mundo. Por esse caminho realiza-se a compreensão da década de 1920. A cidade está impregnada de significados que são guardados na memória e expostos na narrativa. Dessa forma não se pode cair na ideia de uma análise crítica e imparcial daquilo que está escrito, pois a imagem é uma construção que se dá na relação entre o observador e a paisagem, variando assim seu significado de acordo com quem a observa.

A memória do autor é carregada de afetividade e emoções. A representação de uma história brasileira a partir da obra de Pedro Nava passa pelo olhar do historiador em busca de uma fonte que permita ler experiências individuais e coletivas em um sistema de relação entre o homem e seus espaço-tempo. “A memória topográfica não visa a reconstrução dos espaços pelos espaços, mas estes são pontos de referência para captar experiências espirituais e sociais” (BOLLE, 2000, p. 335).

A construção da imagem é um processo complexo, que tem como ponto de partida a percepção, fenômeno físico e inteligente que coloca o ser humano diante de algo externo a ele próprio, fazendo com que ele construa de maneira inteligente, mas nem sempre consciente as imagens que se transformem em lembranças. A percepção é um fenômeno humano presente, isto é, realiza-se no aqui e agora. Não há possibilidade de se perceber o que aconteceu no passado ou o que irá acontecer no futuro. O processo do passado é o da memória e do futuro é a inferência.

(PEREIRA e XAVIER, 1997, p. 94)

As paisagens construídas pela memória naveana têm como consequência natural uma gama de intenções e significados. A cidade é produto de muitos construtores e está em contínua transformação. Dessa forma, recuperar a paisagem de Belo Horizonte é recuperar valores que o próprio narrador atribuiu ao seu espaço. As referências físicas da cidade traduzem o que elas eram no tempo da memória.

A rua da Bahia, com toda sua complexidade social, política e cultural, onde tudo acontecia nos frenéticos anos 1920, caracterizada, acima de tudo, por ser um lugar de encontro das diferenças; o Bar do Ponto, local de parada obrigatória para um cafezinho ou cervejinha, desde o mais simples cidadão belo-horizontino até o de mais distinta classe; o centro do poder do estado, a praça da Liberdade; ou a Zona, espaços dos prostíbulos – tudo isso foi vivenciado e experienciado por Pedro Nava.

O olhar sempre minucioso e uma atenção meticulosa aos detalhes levam o narrador Nava a processar a interação sujeito-espaço. Assim, os valores culturais que o próprio indivíduo carrega também influenciam em sua percepção do ambiente. Neste trecho podem-se notar os tempos da lembrança e do momento da vivência para perceber como a memória guarda e a narrativa revela a época que já não existe mais, o passado. Trata-se de uma referência à mudança na paisagem da cidade, uma reforma no prédio que antes serviu de farmácia para atender o bairro dos Funcionários. Vejamos.

A vivenda do Mestre Aurélio fora, nos princípios de Belo Horizonte, também sua farmácia e servia para atender com remédios à tênue população do Bairro dos Funcionários – nome daquela parte da cidade. Saudade. Descobri isso já nuns futuros, vez que fazendo o trajeto, verifiquei que a casa estava em reforma. Pois a retirada da antiga deixava ver a pintura primitiva (que ficara intacta entre o telhado e o forro do alpendre). Fora de cor marrom e sobre essa destacavam restos de letras muito grandes fazendo frase de cabala – MACIA DE AUREL – que era o que sobrara do primitivo dístico PHARMACIA DE AURELIO PIRES.

(NAVA, 1978, p. 41)

Nota-se o apreço pelo detalhe, o olhar atencioso sobre seu espaço, além do envolvimento afetivo com o lugar quando declara sua saudade daquele tempo. Dessa forma, a impossibilidade de separar a forma do significado integra o cenário material ao imaterial. A imagem ambiental captada pela memória é compreensível por sua identidade, estrutura e significado, em que a representação espacial do indivíduo assume uma forma própria, que entra em consenso com as captadas pelo grupo, por ser um lugar habitual a muitas pessoas.

Um cenário físico e integrado, capaz de produzir uma imagem bem definida, que desempenha também um papel social. Pode fornecer a matéria-prima para os símbolos e reminiscências coletivas da comunicação do grupo.

(LYNCH, 2011, p. 5)

As lembranças de Pedro Nava captam, dessa forma, o cenário de Belo Horizonte e, ao serem narradas, desempenham sua função social. Portadora da memória, a paisagem trabalha como um mecanismo de construção de sentimentos e pertencimentos. Sua atmosfera está ligada a momentos da vida, tais como festas, reuniões, trabalho, perdas, ilusões, amores e desamores, encontros e desencontros. Enfim, a tudo aquilo que pertence ao espaço urbano.

A ideia da lembrança enquanto reconstrutora da imagem do passado reforça a narração como um resgate do tempo perdido. A pesquisa memorialista se apoia na narração, pois, como afirma Walter Benjamin (2009), narrar não é apenas dar uma informação, mas sim intercambiar experiências. Assim, a imagem da cidade produzida por Pedro Nava é o resultado da experiência individual com as experiências coletivas – a família, o trabalho, os amigos são parte do indivíduo em sua cidade, e vice-versa.

Por esse prisma, pensar a narrativa naveana como representação de um tempo-espaço passa pela reflexão em relação à história estabelecida em seu cenário, seus significados e suas paisagens. A cidade é um encontro não só entre pessoas, mas também entre tempos, espaços, culturas, religiões e tradições. O registro de sons, de imagens, de pequenas situações do dia a dia ou de situações marcantes faz da memória naveana uma guardiã das referências culturais da cidade de Belo Horizonte.

Para se pensar dessa forma a representação do espaço urbano de Belo Horizonte na década de 1920, é preciso conhecer o sujeito das memórias e suas obras, os debates historiográficos acerca do tema e, a partir desse panorama geral, construir essa representação do ponto de vista histórico. Ou seja, é necessário pensar Nava em suas mais variadas funções – médico, literato, professor – para pensá-lo como o sujeito histórico.

Dessa forma, este texto está dividido em três capítulos, subdivididos em tópicos que buscam trabalhar o personagem da narrativa em sua própria escrita. O objeto não é o Nava em si, mas sua obra, especificamente *Beira-mar*. O tempo da narrativa não é o mesmo do acontecimento, por isso vale ressaltar algumas armadilhas possíveis aos estudos com a memória enquanto fonte para história. A obra serve como um documento-monumento na busca por um passado que não existe mais. É, sobretudo, uma tentativa de compreender a história como uma possibilidade do direito do indivíduo de reconhecimento como personagem e testemunha de seu tempo e espaço, como uma espécie de encarnação da memória coletiva.

No capítulo I, *O sujeito, sua obra e seu contexto*, a ideia geral é colocar o sujeito e sua obra dentro de um tempo-espaço. No tópico *O sujeito das memórias*, desenrola-se uma biografia do autor em consonância com os principais fatos históricos acontecidos no contexto em que o memorialista estava inserido. Assim entenderemos suas referências e influências, como também suas críticas. De onde ele veio e qual caminho percorreu, associado a qual mundo ele estava inserido, seus encontros e desencontros. Em resumo, a vida pessoal e o contexto histórico do narrador.

De Nava ao Egon, segundo tópico do primeiro capítulo, compõe-se de uma descrição analítica e explicativa de sua bibliografia memorialística. Vale ressaltar que Pedro Nava também escrevia vários artigos, poemas e crônicas, além de suas publicações na área da medicina. Desde *Baú de ossos*, quando busca suas origens, até sua narração na terceira pessoa – Egon – é possível perceber a representação dos espaços e seus significados. Até mesmo os títulos e subtítulos de suas obras eram referências a lugares e/ou situações de sua vida. Um momento para se conhecer a obra do mineiro em sua estrutura e significado.

No terceiro tópico, *Estudos sobre um escritor*, foram selecionados alguns dos principais trabalhos sobre sua obra ou sobre o próprio sujeito Pedro da Silva Nava. Seria impossível apresentar a vastidão de trabalhos sobre os mais variados temas em que é possível o encaixe de suas obras e/ou de sua personalidade, por isso, selecionamos textos que trabalham na mesma perspectiva historiográfica ou que se aproximam dos nossos debates.. Um momento de apresentação das principais contribuições e leituras sobre o objeto Nava/obra, articuladas com a perspectiva de representação do espaço urbano.

Flanando em Belo Horizonte, Belohorizonte..., último tópico do primeiro capítulo, busca pensar o debate entre história e literatura para compreender a memória como fonte passível de problematização no exercício do historiador. Busca-se analisar, assim, suas influências internas e externas, e acima de tudo seu modelo de narrativa. Para se compreenderem esses modelos, as memórias de Pedro Nava serão articuladas em debates de autores da chamada “história cultural” ou “nova história” e também de outros momentos do debate sobre o conhecimento histórico, tais como Walter Benjamin, Rusen, Certeau e Nora, Koselleck, Le Goff, Rancière, dentre outros.

Nesse último momento do primeiro capítulo desenrola-se o debate sobre narrativa e memória, sua opção pela colagem e pelo hábito de colecionar, que servem de

mecanismo para o resgate do passado, seu olhar minucioso sob tudo que o cerca. Esse debate continua no segundo capítulo, nos tópicos *História e memória* e *História e narrativa*.

No capítulo II, *A historiografia e a obra de Pedro Nava*, a busca é por produzir um debate voltado para a problematização e a análise da obra de Pedro Nava – como já salientado, o volume IV, *Beira-Mar* – dentro de uma concepção historiográfica que debata *História e literatura*, *História e cidade*, *História e narrativa* e, por fim, *História e memória*.

O primeiro tópico, *História e literatura*, parte do pressuposto de que a literatura pode ser, assim que problematizada pelo historiador, uma fonte histórica. Dessa forma, o trabalho não se preocupa com a separação entre literatura de ficção e literatura histórica, o próprio memorialista mineiro não se prendia a essa separação. Vale ressaltar que o que chamo de literatura histórica não são livros de história propriamente dita, mas sim os passíveis de problematização. As separações entre os campos da literatura servem para não se cair na leitura da fonte e produzir uma mera crítica literária, mas sim usá-la como uma representação de um contexto, tendo assim papel fundamental o historiador em seu ofício.

O tópico *História e cidade* busca a interação dos conceitos historiográficos, como memória e narrativa, com conceitos geográficos, como espaço, para se pensar a evolução de uma cidade. Como ela se desenvolve e se transforma, e como isso atinge o sujeito que faz parte de sua paisagem. As alterações que a cidade sofre são também as alterações sentidas pelos sujeitos. Nesse cenário se constroem valores, princípios, cultura, enfim, todo tipo de relação social que é representada nas obras de Pedro Nava na articulação de elementos materiais e imateriais.

História e narrativa, terceiro tópico, dá continuidade a um debate já iniciado no primeiro capítulo, perpassando a ideia de modelos e formas narrativas para se chegar ao debate da funcionalidade resgatadora da narrativa para a história enquanto ciência. Busca-se no texto o sentido do presente, tendo o passado como referencial, percebendo, dessa forma, impressões que o narrador carrega de si e do mundo que o cerca.

A obra naveana articula a todo momento os elementos sociais a práticas culturais, o que faz da sua narrativa uma apresentação das convenções sociais, descrevendo uma perspectiva totalizante do passado narrado. Sua narrativa não escapa à coletividade – os

valores em xeque, as mudanças físicas e ideológicas do espaço narrado são sobrepostas numa colagem de imagens e sensações percebidas e vivenciadas pelo mineiro na busca pelo passado para a construção do presente.

Sua narrativa vai para além da esfera familiar para narrar também sua sociedade. Como colecionador que é, e como amante da obra de Marcel Proust, Nava nos coloca em um grande impasse, pois suas lembranças se encaixam tanto na perspectiva da memória voluntária quanto na da involuntária. Memória é o tema que fecha o segundo capítulo, *História e memória*.

Por esse prisma, esse último tópico se articula no debate entre memória individual e coletiva para pensar o sujeito como parte de um todo e o todo como parte do sujeito; articula-se também o debate entre memória involuntária, que segue o lampejo para a lembrança, e memória voluntária, que se vale de mecanismos para o auxílio na rememoração. Pedro Nava se valia tanto do lampejo, pois muito se lembra no instante, quanto também do exercício da rememoração, como, por exemplo, o uso de cartas e desenhos para lembrar lugares e situações.

Entrelaçado a esses debates aparece o conceito de história. Uma aproximação com a ideia de totalidade, de se valer de todos os elementos componentes do tempo-espaço para compreender ou se aproximar um pouco mais da realidade como de fato foi. Assim, a história tem a função de dar sentido ao presente ao mesmo passo em que o historiador deve se entender como mediador entre as representações ficcionais e reais da literatura e da memória.

O terceiro e último capítulo, intitulado *A representação de uma época*, está dividido em dois momentos. No primeiro momento há uma análise dos elementos imateriais da obra *Beira-mar*, subdivididos em cultura e política, sendo que o primeiro tópico trabalha o modernismo e o segundo, o coronelismo. No segundo momento, a ênfase passa a ser dada à representação física da cidade de Belo Horizonte na década de 1920 como lugar das experiências do jovem estudante Pedro Nava.

O primeiro tópico do terceiro capítulo leva o título de *Os meninos do Estrela*, em que é trabalhada a força do modernismo na cidade de Belo Horizonte. O movimento, que propunha uma ruptura, ganha a adesão tanto de Nava quanto de outros jovens intelectuais da capital mineira. Temas como pré-modernismo e futurismo também são abordados, a fim de ressaltar a amplitude do debate desenvolvido pelo famoso Grupo do Estrela.

No segundo tópico, *Entre críticas e afagos*, produzimos uma leitura dos mecanismos usados pela política vigente da época – o café com leite – e os movimentos revolucionários que contribuíram para a teórica queda das oligarquias do poder no Brasil. Vale destacar a crítica e, ao mesmo tempo, os benefícios recebidos por Pedro Nava em relação à política do coronelismo, como vale também ressaltar sua atuação efetiva na Revolução de 30 e a descrição de outros movimentos revolucionários que aparecem em sua obra.

No último tópico, *O Grande Bar do Ponto*, reconstruímos o espaço físico de Belo Horizonte narrado por Pedro Nava, assim como o movimento desse espaço. É o momento em que se articula a ideia de sobreposição entre espaço e sujeito. Muito além de descrever e reorganizar o espaço habitado por Nava, é também o momento de analisar o fluxo desse ambiente, as mudanças de paradigmas que ali ocorriam, as renovações culturais e tecnológicas, as várias faces do mesmo espaço.

Por meio da história do espaço, sua proposta política e social, desenha-se o lugar do sujeito, suas aventuras, seus dilemas, seus lugares. O lugar de paquerar, beber, estudar, trabalhar e, é claro, se divertir. A cidade passa por transformações e a Belo Horizonte de Pedro Nava da década de 1920 já não está mais como estava, entretanto, suas memórias dão conta de todas as perspectivas de uma época em um lugar. O narrador buscou na memória a representação de um tempo-espaço. A reconstrução de sua época resultou na representação de sua cidade; esta, por sua vez, é a representação de uma época. A história do sujeito se confunde com a do lugar. Assim como o sujeito envelhece e se transforma, também o espaço tem seu processo de mutação.



Auto retrato de Pedro Nava

CAPÍTULO I

O SUJEITO, SUA OBRA E SEU CONTEXTO

1. 1 O SUJEITO DAS MEMÓRIAS

Para falarmos de Pedro Nava é importante que conheçamos Pedro Nava. Nesse momento o desafio é mostrar sua vida privada e social, a fim de entendermos as condições e contradições em que viveu. Mostraremos o Nava sujeito das memórias e de seu tempo; por meio dessa pequena biografia localizaremos o ser social, que o torna autor e parte do espaço social que condiciona as experiências pertinentes àquele tempo-espço. Dessa forma buscaremos apresentar, além do próprio Nava, os fatos históricos mais importantes contemporâneos ao memorialista. De onde veio? Quem ele era? Onde residiu? Quais foram seus casos e acasos?

Sobre sua biografia, o Acervo Casa de Rui Barbosa² reconstrói a cronologia da vida do memorialista, seus encontros e desencontros, suas vitórias e suas perdas, seus amores e desamores, sua vida particular, política e profissional. Outra importante fonte é o trabalho da coleção *Literatura comentada*, de 1983, sob a supervisão de Maria Aparecida Santili, que busca mostrar o autor e seu contexto histórico, político e social, além de tecer comentários sobre sua obra. E, é claro, a vastidão de estudos sobre os mais importantes aspectos trabalhados sobre o sujeito e sua obra nos servirão de sustento para que possamos conhecer Nava e suas memórias.

Pedro da Silva Nava ficou famoso por seus serviços na área da medicina, na política e por seu envolvimento no meio literário. Foi autor de vários poemas, prefácios e artigos, todavia sua fama veio mesmo como memorialista. Nascido na cidade de Juiz de Fora, no estado de Minas Gerais, no dia 05 de junho de 1903, é fruto da união estabelecida em 1902 entre José Pedro da Silva Nava e Diva Mariana Jaguaribe Nava.

² A Fundação Casa de Rui Barbosa acolhe alguns dos mais expressivos e diversificados acervos documentais do país, reunidos ao longo de sua existência. Cabe ao Centro de Memória e Informação, por meio de seus setores especializados (museu, arquivo, biblioteca e arquivo-museu de literatura brasileira), a responsabilidade pela guarda, preservação e divulgação desses acervos, onde é possível encontrar indicações de instituições com acervos bibliográficos e arquivísticos, bem como associações relacionadas à biblioteconomia, arquivologia e à guarda e aos estudos de manuscritos literários.

Até o casamento, sua mãe residiu na Cidade de Minas, futura Belo Horizonte. A família paterna de Nava é do estado do Ceará, onde foi batizado. Em 1910, seu pai consegue emprego na cidade do Rio de Janeiro após ser aprovado no concurso para sanitarista e legista. Nava Nesse ano, Nava matriculara-se no Colégio Andrés, em Juiz de Fora no Colégio Andrés. Em 1911 morre seu pai, enquanto sua mãe se encontrava grávida de sua irmã caçula – Pedro era o filho mais velho, seguido de José e Maria Luiza. Esse episódio força a volta da família para Juiz de Fora. Com esse episódio, Nava passa a estudar no Colégio Lucindo Filho e, posteriormente, no Ginásio Anglo-Mineiro, como aluno interno.

Como um fisiologista, Nava usa da sua imensa capacidade analítica e de sua minuciosa observação para recriar sua sociedade. Afinal, a *belle époque* no Brasil – fim do século XIX e início do XX – é marcada por transformações de grande profundidade no dia a dia da cidade e das pessoas. A passagem da população do campo para a cidade, o processo de industrialização do litoral, a imigração, a passagem da mão de obra escrava para assalariada marcam as transições correntes em nosso país.

Esse era o contexto no qual o memorialista estava envolvido. O fim da *belle époque* acenava com a consolidação do urbanismo e do capitalismo no Brasil. É importante salientar que esse processo de construção de um capitalismo urbano não foi fácil, pois o contraste aqui era claro. De um lado, mais precisamente no litoral, sobretudo as cidades do Rio de Janeiro e São Paulo acenavam com a indústria incipiente e o domínio econômico de grandes latifundiários; de outro lado, o interior e também a elite do oeste paulista alimentavam a economia agroexportadora. Estávamos na república das oligarquias – Nava nascerá em meio à política coronelista.

O século XX inaugura-se sob a égide da velocidade. A humanidade que andou a cavalo no século XIX passou a seus herdeiros do século seguinte a concessão de embarcar nas correrias do automóvel que Ford começava a produzir em série, desde 1903. A obra de Nava assinala a rápida apropriação da máquina a finalidades muito do gosto nacional, registrando sua presença no carnaval carioca. Eram os automóveis abertos já cheios de pierrôs, colombianas, arlequins pelas ruas alvoroçadas da capital do país. Não deixe também passar em branco a interiorização desse invento, atentado para a presença dos primeiros carros de aluguel nas ruas de Juiz de Fora e as transformações arquitetônicas e urbanísticas que desde então os fordes da vida inevitavelmente imporiam.

(SANTILI, 1983, p. 98).

Em âmbito mundial, as ideias comunistas e a paz armada seriam preponderantes para a formação política e cultural europeia. Explodiria a primeira Guerra Mundial,

motivada por alianças militares, acordos mercantis e, sobretudo, pela ânsia de dominar uma maior zona de influência econômica. A revolução russa consolidaria uma nova perspectiva política, o socialismo. No Brasil o anarquismo trazido por imigrantes italianos era o grande expoente para a formação de sindicatos com os ideais de luta de classes. Altera-se pontualmente a forma de encerrar a vida do operário nas fábricas brasileiras.

A adolescência de Nava se passa no Colégio Pedro II, já que sua família volta para a cidade do Rio de Janeiro. O colégio de sua adolescência marca profundamente sua vida, pois foi o lugar onde construiu grandes amizades, como Afonso Arinos e Aluísio Azevedo Sobrinho, entre outros pelos quais levaria afeição para a vida inteira. Por intermédio de seu tio Antônio Sales passa a ter contato com os mais variados títulos e a frequentar assiduamente a livraria Garnier. Em 1921 retorna a Minas Gerais para fazer o curso de medicina e inicia em seu primeiro emprego. Seu cargo era o de colaborador na administração da Secretaria de Higiene, órgão da Secretaria de Saúde e Assistência do estado de Minas Gerais.

Nesse trecho Nava descreve a sua apreensão para sua primeira entrevista de emprego. Levava consigo um bilhete de recomendação que deveria ser entregue nas mãos do diretor do departamento.

O senhor não prefere vir noutro dia? Não senhor! Espero. Esperei. O relógio bateu as duas, as três, os ponteiros marcavam as três e meia, eu louco para mijar, quando o reverendo saiu. O policarpo entrou e uns três minutos depois entreabriu o vaivém e fez-me um sinal para acompanhá-lo. Atravessei a tal salinha de espera com mobília austríaca clara; outra, com uma vasta mesa desocupada; outra, com uma secretária das de fechar e abriu novos batentes de mola que davam para o *sanctum sanctorum*. Era o “Gabinete do Diretor” como eu tinha lido nos vidros foscos que terminavam em cima, as duas portas. O Policarpo introduziu-me mas não se retirou. Encontrei o diretor já de chapéu na cabeça, pasta debaixo do braço direito – a que atribuí o fato dele não me estender a mão. Seus olhos azuis fitavam-me com indiferença e eu adivinhei mais que ele demonstrou que eu tinha que ser breve, que o homem estava com pressa. Aviei-me. Senhor Diretor, trago aqui um bilhete que o Dr. Afonso Pena Júnior recomendou muito que entregasse em suas mãos. Já o entreguei aberto. (... ..) Está bem, moço – consultou novamente o papel – está bem, seu Nava, pode começar a trabalhar amanhã. Apresente-se na repartição faltando dez para as onze.

(NAVA, 1978, p. 28)

Os anos de 1922 e 1923 marcam sua inserção no círculo jovem da sociedade mineira, quando começa a frequentar as rodas de intelectuais e literatos da cidade, principalmente o Clube Belo Horizonte. Passa a fazer parte de uma confraria de jovens que eram tidos como escandalosos – seus debates e conversas eram sempre com grande euforia sobre assuntos pertinentes à política, economia e literatura. Formaram, então, o

famoso “Grupo do Estrelas”, que frequentemente se reunia no Café Estrela, no baixo da rua da Bahia. No período de sua juventude, Nava e alguns de seus amigos compunham o principal grupo de intelectuais modernistas em Minas Gerais.

Voltando a Minas, frequenta regularmente os “lugares da moda” de Belo Horizonte, o Bar do Ponto, a livraria Alves, a confeitaria Estrela, em companhia de amigos, jovens intelectuais apaixonados pelas ideias novas: o grupo formado com alguns poetas, que passarão a ser os mais célebres poetas do Brasil, tomará o nome do “Grupo do Estrelas”.

(LE MOING, 1996. p. 24)

Em 1925 Carlos Drummond de Andrade, Emílio Moura, Francisco Martins de Almeida e Gregoriano Canedo, entre outros, fundaram A Revista³, que se tornaria a voz dos modernistas de Minas Gerais. Nava se tornou seu grande colaborador, assinando alguns poemas nas três edições que viriam a ser publicadas. Em 1926 assina e se torna diretor de outro periódico, a Revista Medicina⁴, órgão oficial da Faculdade de Medicina de Belo Horizonte. No ano posterior conclui sua graduação; na ocasião, conhecido por sua facilidade com as palavras, foi eleito orador de sua turma.

Segue o primeiro poema publicado por Nava em A Revista (1925) – seria o embrião da vida literária do memorialista mineiro, que só se consolidaria décadas depois.

TEJUCO
(Trecho de um poema)

II – Musica
Violão de sons oblongos no dia longo.
Os minuets de Vêrcelhes,
teem outro som dançando na côte do Tejuco.

Violão põe rithmos mestiços,
põe coleios longos,
requebros bruscos e
sinuosidades pérfidas
no minueto de Chica da Silva

o minueto é lumdum,
é jogo, é cateretê,

³ Periódico criado por um grupo de modernistas mineiros, Nava escreveu poemas para a “Revista”. Aconteceram três tiragens desse periódico no ano de 1925. Seu editor-chefe era Emílio Moura, um dos mais célebres poetas mineiro.

⁴ Pedro Nava publica o poema “Alegria”. Passa a fazer parte da diretoria fundadora do Centro Acadêmico Cícero Ferreira, ocupando o cargo de diretor da Revista Medicina, órgão oficial da Faculdade de Medicina de Belo Horizonte. É publicado o livro “Juiz de Fora – poema lírico”, de Austen Amaro, com ilustração de Nava. Torna-se interno residente da Segunda Enfermaria de Clínica Médica de Mulheres da Santa Casa de Misericórdia de Belo Horizonte e, no final do ano, residente do Sanatório São Lucas (acervo Casa de Rui Barbosa/Pedro Nava – linha do tempo).

na corte mulata do Tejuco.

V – Diamantina
 Tudo acaba...
 Tudo, queimou sól,
 Queimou tudo e cançado,
 Cepenga com' ele só,
 Veio vindo, veio mancando,
 Se firmado nos beirões,
 Pra beber no barranco, a lagôa
 Da rascôa.

(NAVA, 1925)

O poema é uma clara e manifesta expressão modernista no tocante a crítica feita ao francesismo. Uma defesa das coisas nacionais defendidas pelo programa modernista. Nos anos vinte do século XX o Brasil ainda se encontrava dominado pela política das oligarquias mineira e paulista, todavia essa década seria fundamental para a vida econômica e política do país. No âmbito político-cultural, acontece em 1922 a Semana de Arte Moderna⁵, que contribui de forma significativa para a mudança de paradigma na arte brasileira.

A esse movimento artístico-literário, que também chega à política, soma-se a queda da bolsa Nova York em 1929, provocando recessão econômica estadunidense e, por consequência, a quebra da economia brasileira, já que os Estados Unidos eram os principais compradores do nosso café. Com todos esses fatores contrários, a política do “café com leite” entra em crise e perde força, além de desacordos⁶ pontuais entre as oligarquias – não restava outra saída a não ser a ruína desse modelo político. Nesse cenário de grande efervescência política e cultural do nosso país se passa também a juventude de Pedro Nava.

No fim da década de 1920, logo após sua conclusão de curso, Nava passou um tempo atendendo em Teófilo Otoni, no interior de Minas Gerais. Em 1928 tomou posse no cargo de médico auxiliar da Secretaria de Saúde e Assistência do Estado de Minas

⁵ O modernismo foi um movimento literário e artístico do início do séc. XX, cujo objetivo era o rompimento com o tradicionalismo (parnasianismo, simbolismo e a arte acadêmica); a libertação estética, a experimentação constante e, principalmente, a independência cultural do país. (PASSONI, 1998). Sobre esse assunto tomaremos com maior ênfase no Terceiro Capítulo.

⁶ O acordo rezava que os candidatos de São Paulo e Minas Gerais se alternasse no poder, por isso essa política ficou conhecida como café com leite. Entretanto, o presidente Washington Luiz, de São Paulo, indicou outro paulista para sua sucessão, pondo ponto final ao acordo entre as duas oligarquias.

Gerais. Em 1929 se torna chefe do Serviço de Polícia Sanitária do Centro de Saúde de Belo Horizonte. Em 1931 sofre um duro golpe na sua vida particular: morre sua namorada, uma jovem bela e delicada, portadora de leucemia. Desolada pela falta de perspectiva que a doença lhe proporcionava, pois naquele período a medicina ainda era muito precária, ela comete suicídio.

Após esse após esse baque, Nava se muda para a cidade de Monte Aprazível, no oeste de São Paulo. Ainda em 1933 retorna em definitivo para a cidade do Rio de Janeiro, capital federal. Nesse momento de sua vida passa a exercer seu ofício para a prefeitura do Distrito Federal. Em 1936 passa no concurso para livre-docência na Clínica de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro, onde trabalha até 1975. Em 1939 escreve seu principal poema, “O defunto”.

Quando morto estiver meu corpo,
Evitem os inúteis disfarces,
Os disfarces com que os vivos,
Só por piedade consigo,
Procuram apagar no Morto
O grande castigo da Morte.

Não quero caixão de verniz
Nem os ramalhetes distintos,
Os superfinos candelabros
E as discretas decorações.

Quero a morte com mau-gosto!
Deem-me coroas de pano.
Deem-me as flores de roxo pano,
Angustiosas flores de pano,
Enormes coroas maciças,
Como enormes salva-vidas,
Com fitas negras pendentes...

(NAVA. 1939)

Já no ano de 1942 colabora na publicação do livro *Formulário para os serviços clínicos do departamento de assistência hospitalar*, uma edição da Secretaria Geral de Saúde e Assistência Municipal da Prefeitura do Distrito Federal. Em 1943, em virtude de sua assinatura no Manifesto dos Mineiros⁷, juntamente com outros intelectuais

⁷ Segundo Monique Le Moing em *A solidão povoada: uma biografia de Pedro Nava* (1996) Getúlio Vargas passa por crise no período conhecido como Estado-Novo, já que o sistema no qual ele se baseava, o fascismo italiano, também entrava em crise. Esse cenário abre a brecha para o Manifesto dos Mineiros. Sua intenção era denunciar e discutir problemas pertinentes ao poder executivo.

conterrâneos, seu nome aparece no decreto em que Getúlio Vargas o aposenta. Daí em diante começa sua efetiva vida como escritor⁸, sem, é claro, deixar a medicina.

Após a revolução de 30 se estabelece no poder Getúlio Vargas, político gaúcho que representava o fim das oligarquias mineiras e paulistas. A “Era Vargas”, como ficou conhecida, dura até 1945 e é marcada por uma política nacionalista, populista e ditatorial. No cenário internacional explode a II Guerra Mundial – o mundo passava pelo totalitarismo de Hitler, Mussolini e Stalin. A guerra redesenhou não só o mapa da Europa, mas também o mapa econômico mundial. Após o conflito o mundo se dividiria na polarização estabelecida pelos EUA e a URSS na chamada guerra fria.

Em meio a tudo isso, Nava se casa em 1943, mesmo ano de sua aposentadoria, aos 23 dias do mês de junho, com Antonieta Penido. Passam a morar na rua da Glória, na cidade do Rio de Janeiro. Em 1945 retoma suas funções como médico, pois Getúlio já não estava mais na presidência do Brasil. Nava vai começar também sua carreira internacional: em 1947 é admitido como membro da *Société Française D’histoire de La Médecine*. Nos anos seguintes intensifica tanto sua vida profissional, com a construção da sua própria clínica de reumatologia, como também sua vida literária, com publicações frequentes de poemas e também de obras sobre medicina.

A publicação dos primeiros capítulos do texto *História da medicina no Brasil*, pela editora Brasil-Medicina Cirúrgico, dá-se no ano de 1949. Dois anos mais tarde é designado pelo Ministério de Educação e Saúde para estudar sobre reumatologia na Inglaterra, Holanda, Suíça e especialmente na França. É importante salientar que durante todo esse tempo Nava não abandona suas aulas, atuando na cidade do Rio de Janeiro na Escola de Aperfeiçoamento Médico da Policlínica Geral do Rio de Janeiro, da qual foi professor titular.

Em 1955 é admitido como sócio do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais¹² e volta à Europa. Em Portugal vira membro honorário da Associação Portuguesa

⁸ Além das memórias e dos poemas, Nava publicou, em 1949, *Capítulos de história da medicina no Brasil*.

¹² O Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais surgiu em Belo Horizonte em 1907, a exemplo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, fundado no Rio de Janeiro em 1838. Os próceres responsáveis pela independência do Brasil logo sentiram a necessidade de uma instituição específica que cuidasse do registro dos fatos históricos e que fosse repositório dos mapas e das descobertas geográficas do vasto território. No final do império e nos anos iniciais da república, inúmeros estados criaram seus Institutos

de Reumatologia. Dois anos depois se torna titular na Academia Nacional de Medicina, em 1957. Se torna professor titular de Reumatologia do Instituto de Aperfeiçoamento Médico da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. No dia primeiro de junho de 1960 Nava idealiza e se torna sócio-fundador da Sociedade Brasileira de Reumatologia.

Em 1961 aposenta-se do cargo de médico por tempo de contribuição; no ano seguinte torna-se membro efetivo da Academia Nacional de Medicina¹³. Em 1965, em virtude das comemorações dos 50 anos de Carlos Drummond de Andrade, publica o artigo *Evocação da rua da Bahia*. No dia primeiro de fevereiro de 1968 começa a redigir suas memórias – a essa altura Nava já estava com 64 anos de idade. No ano seguinte veio a falecer dona Diva Mariana, sua mãe. Durante esse período recebe condecorações de várias instituições de grande renome da medicina. Chega o momento de seu reconhecimento profissional; entre os órgãos que reconhecem seus esforços estão a Liga Internacional Contra o Reumatismo, *La Asociación Americana de Academias Nacionales de Medicina* e a Escola de Medicina de Pós-Graduação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, entre tantas outras.

Entre o período compreendido como era Vargas e a ditadura militar, instaurada no ano de 1964, o Brasil passou pela a redemocratização, com presidentes civis que se dividiam entre os nacionalistas – que pretendiam uma política que incentivasse a indústria nacional – e os “entreguistas” – como eram chamados os que defendiam uma política econômica que colocava o Brasil à mercê de capital externo. Nomes como Jânio, Jango e ex-colega de estudos de Nava, Juscelino Kubitschek, assumem a presidência do país.

Históricos e Geográficos. Em 1896 Nelson Coelho de Senna iniciou sua pregação para criar o Instituto Histórico e Geográfico em Minas Gerais.

¹³ A história da Academia Nacional de Medicina confunde-se com a história do Brasil e é parte integrante e atuante na evolução da prática da medicina no país. Fundada sob o reinado do imperador D. Pedro I, em 30 de junho de 1829, mudou de nome duas vezes, mas seu objetivo mantém-se inalterado: o de contribuir para o estudo, a discussão e o desenvolvimento das práticas da medicina, cirurgia, saúde pública e ciências afins, além de servir como órgão de consulta do governo brasileiro sobre questões de saúde e de educação médica. Desde sua fundação, seus membros se reúnem toda quinta-feira, às 18h, para discutir assuntos médicos da atualidade, numa sessão aberta ao público. Essa reunião faz da Academia Nacional de Medicina a mais antiga e única entidade cultural e científica a reunir-se regular e ininterruptamente por tanto tempo. A Academia também promove congressos nacionais e internacionais, cursos de extensão e atualização e, anualmente, durante a sessão de aniversário, distribui prêmios para médicos e pesquisadores não pertencentes aos seus quadros.

Em âmbito internacional, a segunda grande guerra chegou ao fim e o mundo se dividiu, como já dito acima, na busca por zonas de influências econômicas entre socialistas e capitalistas, dando início à descolonização africana e à consolidação do capitalismo de mercado na América latina. A segunda metade do século XX se caracteriza por vários conflitos em todo o mundo. No Brasil, a ditadura militar irá comandar as ações políticas no país até 1985, um ano após o suicídio de Pedro Nava. O memorialista mineiro, depois de tanto envolvimento político nas primeiras décadas do século XX, falece antes de ver seu país poder voltar a democracia.

As décadas de 1970 e 1980 foram marcadas por muitas premiações e homenagens ao autor e suas obras. Vejamos alguns deles: em 1973 recebeu o prêmio de *Personalidade Global* e *Prêmio Luísa Cláudio de Souza*; no ano seguinte, os prêmios *Jabuti*, pela Câmara Brasileira do Livro, e *Fernando Chinaglia*, da Associação Paulista dos Críticos de Arte. Em 1975 recebe o *Prêmio Fundação Cultural do Distrito Federal*, em Brasília, e o *Personalidade Global Literária* – TV Globo e jornal O Globo. Em 1983 recebeu o *Diploma de Homenagem Especial*, conferido pela União Brasileira de Escritores (em 1985 esse prêmio passou a ser denominado de *Pedro Nava*) e em 1984 foi homenageado com o *Prêmio José Olímpio*, do Sindicato Nacional de Editores de Livros.

Os jornais da época noticiaram sua morte. Na edição do dia 15 de maio de 1984 do Estadão – jornal O Estado de São Paulo –, a página 17 vinha com o título “Ponto final nas memórias de Pedro Nava”, cujo texto dizia assim:

Foi só um tiro. Mas a rua inteira ouviu. E correu para aquele corpo que caía pesadamente na calçada. Segurava um revólver Taurus calibre 32. Eram cerca de 23h30. A madrugada se aproximava e a rua da Glória, tradicional reduto da boêmia carioca, exibia seus personagens: prostitutas, travestis, moleques de rua, vendedores de amendoim, ocasionais moradores vindos de passeios dominicais. E agora, aquele cadáver, que alguém cobrirá com jornal.

(ALMEIDA, 1984, p. 17)

Em 1984, especificamente no dia 13 de maio, por motivo desconhecido, Nava recebe um telefonema e desce de seu apartamento, senta-se num banco de uma praça na rua da Glória na cidade do Rio de Janeiro e, com um tiro na fronte, tira sua vida. Nava morre, mas sua obra continua viva na história da literatura brasileira, o que leva o autor a viver eternamente em nosso meio.

1.2 DE NAVA AO EGON

As constantes simbologias nas memórias de Pedro Nava são perceptíveis em toda sua obra. Todos os títulos escolhidos por ele remetem a significados importantes para sua compreensão, assim como analisa Joaquim Alves de Aguiar em *Espaços da memória: um estudo sobre Pedro Nava* (1998). Cada livro trabalha momentos diferentes da vida do autor e cada título ou subtítulo tem seu significado próprio. Tomando isso como referência, eles nos levam a lugares, temporalidades ou sensações narradas. Os espaços podem ser sua escola, sua casa ou a própria rua. O tempo não o prende, os lampejos de sua memória o fazem rememorar sua infância e levam a um fato de sua juventude ou fase adulta num instante. As sensações são descritas como um espelho do momento que estava passando, com a proximidade do fim – morte – ou a com euforia da juventude.

Pode-se afirmar que o gosto pela contação de histórias e seu hábito de colecionar, de acordo com o próprio sujeito das memórias, são heranças de seus avós. Pedro da Silva Nava, avô paterno de Nava, era um homem de fala tranquila, de argumentação rica e muita facilidade em se expressar. Outra figura também reconhecida por ele como exímio contador de histórias é seu avô materno, Joaquim Jaguaribe, que tinha um verdadeiro apreço por reunir a família para contação de histórias. A citação a seguir é um trecho em que Nava faz alusão a seu avô paterno.

Seria meu avô um letrado? Creio que não. Em todo caso possuía uma instrução acima da que se podia exigir para seus bilhetes comerciais e para a escrituração da “deve e haver” de suas faturas. Que era um homem informado, vê-se na correspondência mantida com minha avó (que ficara na Suíça) enquanto ele viajava à Itália. Todas as suas cartas são escritas com uma elegância simples e a enumeração do que lhe agradou, Veneza, Florença, Roma, Gênova, Nápoles – mostra sensibilidade artística, acuidade crítica e bom gosto espontâneo...
...Se agradava pela simpatia e pela beleza varonil, encantava também pela alta e nobre inteligência. Era um conversador inimitável e um narrador prodigioso.
(NAVA, 1973a, p. 25-26)

Nava era um colecionador, um sujeito atraído pelos detalhes. Guardava papéis, histórias, correspondências, reunindo um vasto material que lhe serviu de acervo para a construção de suas memórias. Esse gosto por “guardar” coisas pode ter sido herança de sua avó paterna. Contudo, não podemos limitar as influências recebidas pelo narrador apenas ao seu ciclo familiar; toda a gama de experiências que ele vivenciou é perceptível

em sua escrita – o contato com os amigos, o modernismo e, é claro, a própria linguagem da medicina estão presentes em seu texto.

Os quatro primeiros livros são estruturados de forma idêntica, sendo cada um dividido em quatro capítulos mais ou menos do mesmo tamanho. Os dois últimos – exclui-se o *Cera das almas* (2006) por não estar acabado – são divididos em três capítulos nos quais o narrador começa a narrar em terceira pessoa, criando assim o personagem Egon. Apesar de sua vida ser o fio condutor de sua memória, ele não se restringe a ela – em sua obra os temas variam a todo momento. Nava foi um atento observador das marcas de sua sociedade.

O mural da vida brasileira é remontado em suas memórias. Por meio de suas reminiscências o memorialista também representa o passado de sua gente, os modos de pensar, se comportar e agir; os espaços, as casas, ruas e botequins. Nos primeiros livros os títulos indicam assuntos tratados em seu ciclo familiar e início de sua vida pública, como é o caso de *Baú de ossos*¹⁴ (1972), *Balão cativo* (1973) e *Chão de ferro* (2012) que indicam fatos importantes de sua infância e adolescência. Em *Beira-mar* (1978) e *Galo das trevas* (1981), o memorialista se envolve pelos ambientes da cidade guiado por um olhar fisiologista sobre o espaço urbano. A obra de Nava nos possibilita ler no tempo do indivíduo e no tempo coletivo.

Baú de ossos, o primeiro volume de suas memórias, faz referência aos antepassados de Pedro Nava: sua família paterna – liberais da região nordeste do país – e materna – escravocratas da região sudeste. Sua narrativa se ocupa do espaço doméstico em uma minuciosa colagem de miúdos. A ideia do “baú” é a de um móvel doméstico capaz de guardar, de proteger o passado. Já o termo “ossos” é claramente uma alusão aos seus antepassados, como se ele aproveitasse restos mortais para revivê-los em suas memórias.

A vida começava com o sol, na casa de Dona Nanoca. Segundo o velho costume de Fortaleza, as visitas afluíam de manhã. Havia que dar-lhes atenção, ao mesmo tempo que estar de olho na freguesia das mulheres e homens que vinham de Caucaia, Mucuripe, Porangaba e Mecejana com suas atas, caju, mangabas e pitombas, com seus legumes e ovos, com seus beijos e carimãs, com seus caranguejos, camarões e peixes, com as cascas do juá, com o carvão

¹⁴ Em *Baú de ossos* Pedro Nava descreve seus antepassados. O título já é uma alusão àquilo que já não está mais vivificado. Por isso, podemos perceber em sua obra aspectos de um tempo anterior ao seu nascimento. Essa obra narra como sua família chega a Minas, algumas diferenças sociais de seus avós maternos e paternos e seus ranços escravocratas (AGUIAR, 1998).

e mais as cordas, fieiras, urupemas, quengas, abanos, cera e vassouras de carnaúba e as rendas, as redes, os crochês e os labirintos. Muita coisa não se comprava por que era feita em casa – até melhor.

(NAVA, 1973a, p. 33)

Sua genealogia está disposta nos dois primeiros capítulos do livro. O trecho acima transcrito narra o dia a dia de sua avó. Em “Setentrião”, o vento que sopra do norte, Nava usa essa expressão para referir-se à sua família paterna e às histórias que vieram do Ceará. “Caminho novo”, estrada que liga Minas ao litoral fluminense, é também o lugar onde surge a cidade de sua família materna desde os tempos da colonização: Juiz de Fora. Os outros dois capítulos são relatos de sua infância; “Paraibuna” é o rio que passa em sua cidade natal e “Rio comprido” é o nome do bairro onde vai morar em sua primeira mudança para cidade do Rio de Janeiro.

No livro *Balão cativo*, Nava faz alusão aos dois internatos em que estudou em sua infância, o Colégio Anglo e o Pedro II. “Cativo” faz referência à “prisão” que a escola lhe coloca, as regras, os espaços, os horários, ou seja, o cativoiro. O texto em si busca na morte de seu pai, narrada no volume anterior, a continuidade para a redação do tempo que marcou os momentos mais difíceis de sua vida. Sua mãe passa a morar de favor na casa de sua avó, dona Maria Luiza, por quem Nava não tinha bons sentimentos e cuja recíproca era perceptível. (AGUIAR, 1998).

O primeiro capítulo da obra, “Morro do Imperador”, remete à geografia da cidade de Juiz de Fora (esse é o ponto mais alto da cidade), e “Serra do Curral”, o segundo, refere-se ao espaço que gerou a cidade de Belo Horizonte. Esses capítulos, que rememoram os tempos mais difíceis da vida do memorialista, também representam seus anos de escola – em Minas no Ginásio Anglo Mineiro e, no Rio, o curso secundário do Colégio Pedro II. Vale ressaltar que sua mudança para Juiz de Fora se dá por causa da morte de seu pai; com a morte da avó, vão morar em Belo Horizonte, com seu avô Jaguaribe, até sua mãe ser aprovada no serviço público.

Nava inicia a narrativa do segundo volume de suas memórias com uma descrição do que ele sentia e de como ele se relacionava com a paisagem e as pessoas que fariam parte de sua vida naquele momento.

Não importa muito a direção. O que sei é que aquela encosta do morro e a sombra que dele se derramava sobre a chácara da Inhá Luísa ficaram representando o lado Noruega de minha infância. Nunca batido de sol. Sempre no escuro. Todo úmido, pardo e verde, pardo e escorrendo. Dele emergem as figuras próximas ou distantes com quem iríamos conviver em Juiz de Fora. Próximas, a famulagem, as crias da casa. Distantes, minha avó materna, a

princesa sua filha. E um grande ausente, o Major. Nossas verdadeiras companhias eram as negrinhas e mulatas.

(NAVA, 1973b, p. 3)

As memórias familiares dão espaço à inserção do garoto no mundo fora de sua casa. Sua vida escolar vai ser o fio condutor das memórias de *Balão cativo* e *Chão de ferro*. Ao se mudar para o Rio de Janeiro, Nava vai morar com seus tios Alice e Antônio Sales em uma pensão no bairro que batizará o terceiro capítulo de *Balão cativo*, “Engenho Velho”. O quarto capítulo, “Morro do Barro Vermelho”, era referência ao morro que se localizava próximo ao Colégio Pedro II. Vale ressaltar que o ingresso de Nava na instituição de ensino se configura como um marco na composição de suas memórias, abrindo mais espaços para os acontecimentos exteriores ao autor e sua família.

Ainda sobre sua vida escolar, mais especificamente no Colégio Pedro II, e seu retorno a Belo Horizonte mais no fim da obra, *Chão de Ferro* nos remete ao chão, à terra, ao solo das Minas Gerais. No primeiro capítulo desse volume, “Campo de São Cristóvão”, a velocidade do tempo parece ser freada pelo autor, para poder abordar os menores detalhes. Uma curiosidade desse texto está no fato de Pedro Nava gastar sessenta e quatro páginas para narrar apenas um dia no colégio.

“Campo de São Cristóvão” também pode ser visto como extensão do último capítulo de *Balão cativo*, pois as histórias ainda eram sobre o Colégio Pedro II; o título leva o nome do espaço dentro do colégio reservado para a plantação. No segundo capítulo Nava narra sua mudança para casa dos tios Bibi e Heitor Modesto, após a ida para o nordeste de Alice e Antônio Sales. Seus tios são obrigados a mudar para São Lourenço e Nava vai morar com os parentes Eugênia e Ennes de Souza. Como referência à sua nova moradia, coloca como título do capítulo o nome da rua em que morou, “Rua Major Ávila”.

Ao terceiro capítulo, Nava, que a essa altura já voltara a morar com Bibi e Modesto, dá o nome de “Avenida Pedro Ivo”, onde ficava a residência do casal. Os dois últimos anos de aventuras pelo Colégio Pedro II estão narrados nesse capítulo. A transição do colégio para a faculdade e, conseqüentemente, sua mudança do Rio de Janeiro para Belo Horizonte, começa no último capítulo de *Chão de ferro*, com o título “Rua da Bahia” – essa rua é de grande valor para compreender o sujeito Nava. Como uma espécie de continuidade, este se estende por todo o quarto volume das memórias. *Beira-mar* é resultado dos anos de faculdade e boemia do jovem modernista mineiro Pedro da Silva Nava.

Chão de Ferro ainda traz três anexos em sua publicação: “Evocação da Rua da Bahia”, “Episódio sentimental” e “Fim de conversa telefônica com Lúcio Costa”. Dessa conversa sai a sugestão de título do próximo livro. Vejamos um trecho da “Evocação da Rua da Bahia.”

Descer ou subir a rua da Bahia, mesmo materialmente, mesmo no seu aspecto puramente mecânico, era arte delicada. Pelos paralelepípedos ou pelos tijolos queimados dos declives laterais (os tijolos da cerâmica de Caeté, que era como se tivessem sido feitos à mão, um por um, pelo velho João Pinheiro), pelos passeios coalhados das sementes vermelhas que caíam da arborização e que estalavam sob as solas – pelo meio da rua, ou rente às casas – havia um jeito espécie de caminhar, um modo particular de trocar os passos que era especialidade mineira, traço de cultura conservado pelas gerações adestradas nas “escadinhas” de Ouro Preto, nos “pés de moleque” do Sabará, nas “capistranas” da Diamantina... Devagar e preciso. Lento e seguro. Uma espécie de meneio para os lados, a troca dos pés sem pressa, um andar compassado para não perder o folego e poder conversar de rua acima, a cabeça baixa.

(NAVA, 2012, p. 411-412)

*Beira-mar*¹⁵, cujo nome é uma referência à orla da cidade do Rio de Janeiro, é o quarto volume das memórias de Pedro Nava, que se passa inteiramente em Belo Horizonte nos anos 1920. A reminiscência de Nava remonta ao espaço geográfico e temporal da cidade mineira que, simultaneamente, respira os ares da modernidade que se desejava e do tradicionalismo que ainda a impregnava de velhos costumes de sua sociedade. O texto começa e termina com os anos de estudos do memorialista; por meio dessas reminiscências o autor navega por outros assuntos pertinentes, além de sua vida pessoal, também abordava em todo seu contexto.

O café mais famoso da cidade de Belo Horizonte, o “Bar do Ponto”, dá nome ao primeiro capítulo de *Beira-mar*. As histórias aqui rememoradas remetem à juventude do autor, novas experiências, novas pessoas, os estudos, o trabalho e, é claro, a boemia. A “Rua da Bahia” volta a ser título de um capítulo de suas memórias. O texto inicia-se em 1922, o ano da Semana de Arte Moderna. Aqui Nava descreve seus amigos, os calorosos debates e suas aventuras pela noite mineira. “Avenida Mantiqueira”, terceiro capítulo, mescla histórias do “Grupo do Estrelas”, seu trabalho e suas aulas na faculdade de medicina, entre tantas outras histórias. O último capítulo ganhou o nome da rua que dava acesso a saída de Belo Horizonte, “Rua Niquelina”. O assunto? O mesmo, mais de sua

¹⁵ Segundo Joaquim Alves de Aguiar (1998), os títulos metafóricos do autor são os dois últimos volumes, *O círculo perfeito* e *Galo das trevas*. Já *Chão de ferro* e *Beira-mar* são metonímicos, ou seja, a substituição do sentido de uma palavra ou expressão por um outro sentido. Aqui o predominante é o espaço em que se dão os principais acontecimentos.

vida jovial. O eixo temático desse volume envolve o autor em dois mundos, o da medicina e o da literatura.

A 10 de janeiro, um quarto para as nove, estava na Secretaria da Faculdade. Estavam também ali o Dr. Gastão Bhering, médico da turma 1920 que até aquela data não colara grau, nem tirara seu título de médico. Ia fazer isso comigo. Eu estava comovido. (...) Era como se o padre, num batismo, delegasse poderes para celebrar, ao sacristão. Mas o Omar com muita dignidade pôs-se de pé diante de sua mesa, mandou-nos ficar a sua frente e procedeu à cerimônia. Tomou nossos anéis e colocou-os sobre sua pasta. O Gastão leu a adaptação corrente e vagabunda do Juramento de Hipócrates. Passou-me o papel e eu fiz a mesma coisa. Então o Secretario colocou-nos os anéis dizendo a um e depois ao outros as Palavras do Diretor na Colação de Grau. Recebi esse anel como símbolo do Grau que voz concedo. Lede e meditai as Obras de Hipócrates. IDE! Podeis exercer e ensinar livremente a MEDICINA.

(NAVA, 1978, p. 394-395)

No trecho acima citado é narrado o “fim” de sua juventude. Já nas ultimas páginas do volume IV de suas memórias, o agora Dr. Nava começaria sua vida adulta; outros tempos, outras responsabilidades. Depois de sua conclusão de curso, ele se distancia um pouco da produção literária e se joga quase por inteiro na carreira de médico. *Beira-Mar* ainda traz, como anexo, “Sete palmos de terra translúcida”, “Sou a Sabina...” e “Brotoeja Literária”.

Uma alusão ao fim da linha para o narrador, o quinto volume de suas memórias recebe o nome de *Galo das trevas*¹⁶ (1981). “Galo” é a vela do meio do candelabro usado na Semana Santa, que recebe também o nome de círio perfeito. Segundo Aguiar (1998) o sexto volume receberia o nome de *Galo das trevas II*, e foi preterido por *O círio perfeito* em alusão a essa vela. A estrutura da disposição das memórias de Nava se altera nesse volume, com um tom fúnebre.

O volume se divide em duas partes: Na primeira, “Negro”, com um capítulo intitulado “Jardim da Glória a Beira-mar plantado”, e a segunda parte com “O branco e o marrom”, tendo dois capítulos intitulados “Santo Antônio do Desterro” e “Belorizonte belo”. “Jardim da Glória”, que aparece como subtítulo para a primeira parte, é uma referência ao bairro onde autor reside na cidade do Rio de Janeiro. Nesse volume Nava passa a narrar na terceira pessoa, usando o alterego Egon. Em entrevista à *Literatura*

¹⁶ Candelabro triangular, com 13 velas, que vão sendo apagadas à medida que se cantam as várias partes das matinas ou ofícios da semana santa (NAVA. 1981. p, 2).

comentada (1983), da editora Abril, que reúne textos selecionados, estudos histórico-literários, biografia e bibliografia do autor, Nava diz assim sobre o Egon.

Essa transposição de pessoa é pelo seguinte, é um fenômeno psicológico do qual quero falar também. Muito interessante. O Egon, naturalmente é minha pessoa. Eu passei a contar como se fosse terceira pessoa, porque me transformei em simples narrador. Mas, narrando o quê? A minha vida, num personagem imaginário que chamei de Egon. Quase todo mundo diz “Egon”, mas pra mim vale pelo “ego”. Pus “Ego” e acrescentei um “n” para dar certa eufonia, para dar um som mais bonito ao nome que verifiquei, depois, que existe. Há este nome, mesmo, e pensei que fosse um nome criado, inventado. Mas, o fenômeno curioso que observei em mim é o seguinte: eu que tinha tendência a esconder certas coisas quando falava em primeira pessoa, sou mais sincero como narrador contando aquilo como se fosse com outra pessoa, de modo que ainda sinceridade aumenta. Há certas coisas que eu não me sentiria bem em dizer “eu fiz”, mas “o Egon fez”; dá realmente a impressão de que é outra pessoa. E vira outra pessoa para mim que é o meu “eu” em outras épocas, porque nós vamos modificando constantemente, de modo que estou falando de outra pessoa, apesar de ser eu mesmo. Aquilo que é um disfarce.

(SANTILLI, 1983, p. 14-15)

Vejamos um trecho da narrativa de Pedro Nava com o personagem Egon.

O Egon adiantou-se pelo corredor obscuro sentia seus saltos batendo alto no piso. Parou um instante na transversal que cortava e dava um lado para a enfermaria do Borges e outro para a o Werneck. Lembrou-se de sua primeira visita por ali quando fora nomeado interno.

(NAVA, 1981, p. 471)

Sobre os subtítulos, o termo “negro” corresponde à noite, “a morte de um eu que vinha falando por si mesmo e que agora passará a falar através de outro” (AGUIAR, 1998, p. 48). O “desterro” representa a cidade que o rejeita, o sujeito que volta à sua cidade e não é acolhido por ela. Por fim, “Belorizonte belo” retoma as atividades profissionais de Pedro Nava, sobretudo sua volta à capital mineira. Esse também é o título do primeiro capítulo de *O círio perfeito* (1983), que, como já vimos, recebe esse nome por se consumir até o fim. O volume V ainda tem os anexos “Residências no Rio” e “Peixe-vivo”.

No sexto volume, *O Círio perfeito*, Nava quer passar uma ideia de fim. O “círio” aqui remete a uma grande procissão, a algo ou alguém que sai de um lugar, parte de uma localidade, até chegar a outro. O “perfeito” é o que está completo, nesse caso a ideia de que tudo está consumado. Por isso, “círio perfeito” seria consumir-se até o fim. “Assim, círio perfeito é a vela do meio do Galo-das-Trevas que é levada para atrás do altar-mor – onde vai arder até acabar, consumir-se” (NAVA, 1983, p.17).

O primeiro capítulo leva o mesmo nome do último do livro anterior, novamente como uma continuidade; o assunto ainda é sua vida profissional na cidade de Belo Horizonte. Os capítulos posteriores, “Oeste paulista” e “Campo de Santana” também

estão ligados a locais de trabalho do memorialista. Nava foi médico no interior de São Paulo, por isso “Oeste paulista” faz alusão ao interior; e como referência à localidade do Hospital de Pronto Socorro do Rio, “Campo de Santana”. A utilização da expressão “o branco e o marrom” representa na vida profissional de Nava a dicotomia entre profissionais bons e ruins, com vocação ao ofício ou pelo *status* que a profissão oferecia, por momentos de alegrias e tristezas geradas em sua ocupação.

O último volume, *Cera das almas* (2006), foi interrompido por seu suicídio. Sua publicação fez parte das comemorações do centenário do nascimento do autor. O texto é curto, de trinta e sete páginas, com personagens bem-humorados, contrastando com uma melancolia pessoal do autor. O único subtítulo da obra leva o nome de um morro e de um forte da cidade do Rio de Janeiro, respectivamente. O capítulo único se chama “Morro dos Santos Sebastião e Januário”. A edição completa dessa obra vem com o caderno de fac-símiles referentes a esse texto.

A experiência do espaço urbano se concretiza de fato na obra *Beira-Mar*; o sujeito das memórias se vê em domínio de si mesmo, no processo de autonomia pessoal. Sua vida profissional se entrelaça à vida de estudante e ambas não se separam do moço boêmio e intelectual modernista. *Beira-Mar*, o nosso objeto na construção do espaço urbano, coloca Nava na condição de sujeito urbano. O escritor, que tinha uma verdadeira memória visual, não apresentava o cenário como coisa morta, mas sim como um lugar de experiências, muitas vezes como uma extensão do próprio narrador. “O espaço torna-se, assim, elemento da psicologia do homem que narra, por estar profundamente relacionado com as suas experiências” (AGUIAR, 1998, p. 45).

Sabemos da importância da leitura de todos os volumes para melhor compreensão do sujeito Nava. Todavia, *Beira-mar* vem ao encontro de nossa preocupação em representar o espaço citadino vivenciado pelo autor em sua narrativa. É aqui que é representada sua juventude, entre os anos de 1921 a 1930, período esse, como já vimos, em que além de ingressar na faculdade de medicina, aproxima-se da ala dos modernistas em Minas Gerais.

Nesse volume situa-se a geografia sentimental do memorialista. O fato de se passar todo em Belo Horizonte é o que também permite reconstruir o espaço público da cidade. Como sujeito politizado e envolvido que era, por sua vida boêmia, suas memórias

nos levam a coisas e sentimentos que ainda existem e ao que já não está mais no momento do lampejo da rememoração.

No quarto volume, o mais belo-horizontino de seus textos, as memórias escritas deram vida a um universo implicado numa teia de referências materiais e imateriais, valorizando o indivíduo e sua coletividade. O narrador é o próprio personagem, suas recordações desenham um mapa afetivo do espaço em uma visão horizontal, entretanto, apresenta nas entrelinhas um mapa esboçado de referências visuais do espaço urbano. As memórias de Nava, por mais pessoais que sejam, não escapam de temas transversais que aparecem e revelam a todo momento o seu cotidiano.

Assim, o texto, em seus fragmentos, nos remete a uma evocação do espaço em um tempo que já se foi. Os vestígios apresentam aspectos de suas experiências, reúnem um espaço pessoal. Assim se forma o indivíduo narrador, que é sujeito de sua própria narrativa, e também o espaço social, construindo a coletividade da Belo Horizonte na década de 1920. Suas memórias revelam um mapa em aspectos geográficos da cidade e igualmente um mapa afetivo da mesma. Os espaços descritos revelam o sujeito Nava e seus cenários – físicos ou de significados.

1.3 ESTUDOS SOBRE UM ESCRITOR

Para analisar os livros de Pedro Nava, tomaremos os pressupostos teóricos e metodológicos da História Cultural para abordar a obra literária como fonte de produção histórica, além de discussões acerca do uso da narrativa e da memória para construção do saber histórico. Vários são os autores aos quais podemos nos ater como aporte teórico para leitura de Pedro Nava enquanto sujeito e também enquanto literato.

Muito se tem estudado sobre Pedro Nava, não apenas suas memórias, mas também seus estudos sobre medicina e seus poemas. São escritos sempre muitos artigos, resenhas e textos acadêmicos referentes a ele, pois seus textos possibilitam uma grande leva de temas que podem ser desenvolvidos na problematização de sua obra. Obviamente não daremos conta de toda sua bibliografia, mas tentaremos elencar alguns dos principais trabalhos sobre o memorialista.

Grande parte do que temos enquanto documentação está disponível no Acervo Casa de Rui Barbosa (2003), elaborado para as comemorações do centenário de sua vida e organizado por Dilza Ramos Bastos, em colaboração com Adriana Viana Ramos. Temos ainda o próprio site do memorialista, organizado por seu sobrinho, Matheus Nava. No acervo se encontram as obras do autor, livros, poemas, cartas, artigos literários, trabalhos científicos, prefácios e apresentações, além de entrevistas, discursos e ilustrações. No site encontramos arquivos de mídia, reportagens, fotos, biografia, um pouco da arte naveana, correspondências, vídeos familiares, curiosidades, arquivos familiares, poemas e a árvore genealógica do autor.

Sobre Nava enquanto escritor, o acervo também disponibiliza um levantamento bibliográfico minucioso, no qual destaca livros sobre o autor e temas abordados sobre conceitos que aparecem e podem ser articulados no modo de sua escrita. Apresenta ainda livros, artigos científicos, dissertações de mestrado, teses de doutorado, exposições e até folhetos de cordel sobre ele. Os arquivos pessoais de posse do acervo foram doados por Antonieta Penido Nava e tudo isso compõe o inventário do memorialista.

Um importante instrumento de contextualização do autor e sua obra é o acervo disponibilizado digitalmente pelo jornal O Estado de São Paulo, entre tantos outros que trabalham sua biografia e bibliografia. Nesses acervos digitais podem ser encontradas

entrevistas do próprio Nava, artigos que comentam suas obras, críticas literárias e elogios sobre sua trajetória bibliográfica, além de textos sobre sua vida pessoal. Muito se tem escrito sobre o memorialista mineiro, textos relacionados à narrativa, à memória e até mesmo à linguagem, que podem ser usados para traduzir os espaços montados por Pedro Nava.

Sua biografia é articulada ao cenário político-cultural nacional na obra *Solidão povoada: uma biografia de Pedro Nava* (1996), de Monique Le Moing. Seu texto busca o resgate da vida e obra de Pedro da Silva Nava, no qual aborda seus recursos lexicais, uma técnica linguística ousada, seu entusiasmo pela medicina, seu olhar sobre a política, sobre a cidade, sobre o ser humano. Um Nava em sua totalidade, mostrado em sua angústia, em sua alegria e também em sua extraordinária ironia sobre o mundo.

Temos, então, como principais estudiosos da vida e obra de Pedro Nava: José Maria Cançado em seu livro intitulado *Memórias videntes do Brasil, a obra de Pedro Nava* (2003); Antônio Sérgio Bueno em *Vísceras da memória: uma leitura da obra de Pedro Nava* (1997); Joaquim Alves de Aguiar em *Espaços da memória: um estudo sobre Pedro Nava* (1998); e Edina Regina Pugas Panichi, na dissertação *O Processo criativo e a adjetivação de Pedro Nava na obra Beira-mar/volume 4* (1987). Temos ainda a obra *Baú de madeleines: o intertexto proustiniano nas memórias de Pedro Nava* (2002), de autoria de Maira do Carmo Savietto, e *A escrita Frankenstein de Pedro Nava* (1997), de Celina Fontenele Foot Garcia.

Edina Regina Pugas Panichi e Miguel Luiz Contani elaboraram o texto *Pedro Nava e a construção do texto* (2003), discutindo e analisando o processo de escrita do narrador mineiro – um estudo sobre a forma que ele adota para sua comunicação. Esse trabalho se apropria da escrita naveana para poder ensinar a pensar e a escrever; a desordem escritural passa tanto pelo espaço da experimentação quanto do raciocínio e do saber em movimento.

Celina Fontenele Garcia, em *A escrita Frankenstein de Pedro Nava*, destaca o cuidado do escritor em colocar os cacos a serviço do todo e como isso se traduz na montagem ou colagem de seu *Frankenstein*. Para esse pressuposto metodológico, apropria-se de Marcel Proust a fim de desarmar a força pujante da memória pura e da viagem pelo tempo em nome das sensações da vivência daquele que lembra. Nesse processo, Pedro Nava caminha em um fio tênue que o coloca no uso da memória

voluntária e involuntária. Essa aproximação com o que de fato o autor viveu e o que ele projetou nos leva à compreensão de sua ótica de mundo e dos mecanismos por ele utilizados para a construção da memória.

Os detalhes, os fragmentos, foram utilizados por Nava em todo percurso de sua obra. Com grande habilidade narrativa, nada lhe escapava; até mesmo seu processo criativo se valia de observação do espaço da memória para construção de seus cenários. Os miúdos serviam para formar o corpo físico e simbólico de seus lugares de memória. O dia a dia das lembranças revela o sentido de quem lembra e o que nele está, o que Nava completa com a influência proustiana e a certeza de não haver memória sem imaginação. Parafraseando Celina Garcia (1997), todos temos a possibilidade de manipular o tecido morto do passado. E isso ele tecia com extrema elegância.

O passado é o mundo do memorialista, vivificar as construções do passado no tempo presente fica a cargo da narrativa dos fragmentos, ou pedaços, desse *Frankenstein* para compor seu corpo. As migalhas do passado revelam o corpo do presente, enquanto o tempo presente, por sua vez, se revela como um espelho do passado. Nava se apropria do caminho da ficção e dos documentos no trilha da reconstrução do sujeito e de seus contemporâneos. A escrita *Frankenstein*, dentro do processo metafórico da obra, equivale a colagens de lembranças e objetos guardados pelo colecionador Nava. A ideia de colagem se aproximará do conceito de constelação benjaminiana, no uso dos detalhes para composição de um mosaico, entrecruzando as lembranças e as informações que, ao se fragmentarem, revelam seu sujeito.

Maira do Carmo Savietto, em *Baú de madeleines: o intertexto proustiniano nas memórias de Pedro Nava* (2002), sugere a construção espacial de Nava pelo processo sensorial, as visões e percepções do memorialista sobre o espaço familiar, posteriormente sobre o espaço público. A *madeleine*¹⁷ de Proust é a atribuição do olfato e do paladar para convocar o passado. Nava, nesse aspecto, trabalha suas memórias no campo da autorrepresentação e da representação do todo, fornecendo aspectos do homem e do mundo a que ele pertence.

¹⁷ Bolinho doce francês com nome de mulher e formato de concha, provavelmente criado por uma jovem francesa chamada madelaine, que improvisou a receita da avó durante um banquete. A iguaria chegou a corte do Rei Luiz XV, atravessou os tempos e alcançou fama mundial com o escritor Marcel Proust.

Encontra-se, na narrativa do autor mineiro, um eu que, “olhando para a totalidade de sua vida, olha para um contexto cósmico, um mundo histórico, geográfico, definido no tempo em que se desenrolou sua vida, em que seus anteriores encontraram outros seres humanos causando relações, destinos, histórias”. É a complexidade desse universo interior e exterior que se presentifica no texto de Nava, trazendo à tona o perfil de um homem, que é também o de sua espécie e o de sua realidade sócio-político-cultural.

(SAVIETTO, 2002, p. 11)

E é nessa construção de cenários que ele também exerce toda sua admiração pelos franceses, com destaque para períodos históricos, como a *belle époque*, lugares, objetos e, sobretudo, seus autores, como é o caso da influência proustiana na escrita do mineiro. Na sua construção espacial, revive não apenas acontecimentos, como também traços físicos da cidade. Sob forte influência dos franceses no Brasil, a arquitetura belo-horizontina não fugia à regra e Nava demonstrava admiração por essa cultura.

Nava e Proust também tinham suas relações de proximidade: escrevem sobre o dia a dia, a infância, a velhice, não se escondem de temas como a morte e têm apreço pelo detalhe, gastando, por vezes, páginas e páginas em um mesmo momento. Percebemos a influência de Marcel Proust na escrita de Pedro Nava na proposta das multiplicidades possíveis à narrativa no resgate de valores do passado.

Edina Regina Pugas Panichi, em *O processo criativo e a adjetivação de Pedro Nava na obra Beira-mar/volume 4* (1987), busca seu ponto de partida na descrição do método de trabalho do memorialista. Aqui se declara o valor para a percepção do autor como um escritor já maduro, que não se deixa levar apenas pela espontaneidade e nem pelas constantes convocações da memória. Nava é portador de grande acervo sobre sua família e guardião de suas experiências em matéria e em memória. Não que o objetivo seja traduzi-lo como historiador, mas é perceptível que seu processo criativo também trabalha na investigação, na seleção e no manuseio da fonte que, nesse caso, é o próprio autor.

Joaquim Alves de Aguiar, em *Espaços da memória: um estudo sobre Pedro Nava* (1998), possivelmente é o que mais se aproxima de nossa proposta de construção do espaço. Entretanto, Aguiar trabalha os espaços da vida do narrador como projeção de sua vida. Assim, conforme o autor cresce, o espaço muda. Sua infância se passa nas obras que tratam de sua família, a escola tem foco durante a adolescência e a juventude do escritor e, por fim, a maturidade do mineiro se passa na rua. Os espaços são como estações da vida do sujeito das memórias: a casa, a escola, o trabalho e a rua.

Entretanto, nosso recorte está na sua fase jovial, que se passa nos espaços da escola e da rua. Dos temas que se podem retirar da obra, o nosso é a geografia sentimental de Nava e a fisionomia do ambiente urbano. Seus textos o encaminham para a vida literária que, no exercício da rememoração, recorda e descreve a topografia da cidade. “Nas memórias, a flagrante limitação do ponto de vista não acompanha bem a vibrante mobilidade do narrador pelos espaços” (AGUIAR, 1998, p. 210).

Antônio Sérgio Bueno, em *Vísceras da memória: uma leitura da obra de Pedro Nava* (1997), trabalha as obras com o eixo espaço-corpo-figuração, o que é de extrema importância para nossa pesquisa, ao passo que desenvolve o corpo e o espaço do memorialista como componentes dessa paisagem da cidade mineira. O espaço é o lugar que guarda a memória; seu enfoque está na rua da Bahia, que representa o modelo tradicional da cidade, e o Bar do Ponto, podendo ser considerado o centro da cidade, o lugar do choque e, por isso, de sobreposições.

O corpo tem relação com a profissão de Pedro Nava, pois o mesmo era um excelente anatomista, o que revela sua preocupação com a manutenção da imagem. Por fim, figuração. Esse momento se aplica a um estudo que leva à construção do texto – são elencados elementos como desenhos, mapas, fotos, colagens e caricaturas que revelam a fisionomia da cidade vivenciada. Como resultado do trabalho encontra-se um escritor diversificado, que consegue produzir uma imagem globalizante. Nava aqui é antes de qualquer coisa o *flâneur* da cidade mineira, um observador.

Nossa afinidade com esse texto, mais voltado para a análise literária que historiográfica ou memorialística, se dá pela relação entre a ruína e o restauro e, sobretudo, pela ânsia do fragmento para a totalidade. O fragmento a seguir nos mostra o cuidado com os detalhes e o olhar do narrador sobre seus espaços: “Dois espaços vividos pelo narrador: Minas Gerais e Rio de Janeiro. Como a origem da figura do narrador benjaminiano: o viajante” (BUENO, 1997, p. 29). Aquele que viaja conserva histórias, apreende os detalhes e os transforma em memórias.

José Maria Cançado, em *Memórias videntes do Brasil, a obra de Pedro Nava* (2003), também se lança no mundo das memórias para a construção da sociedade brasileira pelo princípio do desmanche e da colagem, por meio da ideia de construção do *Frankenstein*. Nesse aspecto, nossa aproximação com essa obra se dá no plano da leitura da cultura e da sociedade brasileira pelo viés da memória. A cultura brasileira se revela

no sujeito e o sujeito revela a cultura brasileira – Nava ao mesmo tempo é reflexo de uma realidade e realidade desse reflexo.

O narrador acompanha as mutações da sociedade mineira por meio das experiências pessoais e coletivas. Podemos, assim, perceber as amarrações das lembranças de Nava com os fatos políticos e culturais das cidades em que ele viveu. O princípio de sujeito das memórias também o direciona, em nosso trabalho, para o posto de sujeito histórico.

Esses são alguns dos comentadores que afirmam e dão suporte para nossa pretensão de usar o sujeito das memórias como sujeito da história. Nesse prisma, o narrador/Nava percebe seu espaço e tenta conservá-lo no momento da rememoração. Várias são as tentativas de leitura das obras de Pedro Nava. No trecho a seguir, por exemplo, é usada a ótica benjaminiana. Sobrinho do memorialista e organizador do livro *Viagem ao Egito, Jordânia e Israel*¹ (2004), Paulo Penido escreve sobre o tio e mostra essa tentativa de leitura. Vejamos:

Aproximei pela primeira vez dos papéis e coisas de Pedro Nava quando minha filha Stella, professora de filosofia, escolheu como tema de mestrado as memórias: Pedro Nava visto pela ótica de Walter Benjamin. Assim sendo, pediu-me que descobrisse mais coisas de Nava, além das que já tínhamos. Procurei minha tia Nieta, viúva de Pedro, que prontamente se colocou à nossa disposição; em seguida, espalhei a notícia pelo clã dos Penidos de Juiz de Fora: foram muitas as cartas, fotos e desenhos que recebemos, dando corpo ao meu acervo de Nava. O tema de tese escolhido por minha filha acabou rejeitado pelos orientadores e Pedro Nava foi substituído por Marcel Proust.

(PENIDO, in: NAVA, 2004, p. 7)

Entretanto, como vimos, essa tentativa não ganhou fôlego. É evidente que nesse momento demos destaque àqueles assuntos que se aproximam de nossa pesquisa, mesmo porque não encontramos obstáculos teóricos para pensar o autor como construtor do espaço urbano pelo mecanismo da memória. Os textos destacados nos servem de aporte para pensá-lo sob a ótica de conceitos como memória, narrativa e, por que não, história urbana.

1.4 FLANANDO EM BELO HORIZONTE, BELOHORIZONTE...

Em 1968, após se aposentar como médico, Pedro Nava começa a redigir suas memórias, que tratam de suas experiências. Elas tratam de suas experiências pessoais, além da vida socioeconômica do Brasil de 1890 a 1980. Fala-se de quase tudo: educação, saúde, urbanização e, é claro, sobre a vida intelectual brasileira, sobretudo a de Minas Gerais, com o “Grupo do Estrelas”¹⁹, formado pelos modernistas mineiros. Como um mosaico, o espaço brasileiro, por meio de Belo Horizonte²⁰, é descrito em sua minuciosa topografia.

Belo Horizonte²¹ se torna o berço do modernismo em Minas Gerais. A cidade percorrida pelo memorialista trazia latentes aspectos que estavam no centro das discussões dessa corrente de pensamento, sobretudo no que diz respeito aos aspectos tradicionais de nossa sociedade, alvo de críticas desse movimento que objetivava o nascimento ou a consolidação de uma arte genuinamente brasileira.

Trabalhar o debate entre história e literatura será o caminho tomado para a apropriação das memórias de Pedro Nava em sua juventude, sobretudo o tempo narrado no texto intitulado *Beira-mar* (1978 Para tal leitura tomaremos os conceitos debatidos e

¹⁹ Deste grupo fizeram parte: Carlos Drummond de Andrade, Abgar Renault, Emílio Moura, Milton Campos, João Pinheiro Filho, Gustavo Capanema e João Guimarães, entre tantos outros. Esses “garotos”, como foram chamados por Pedro Nava, se encontravam constantemente no Bar do Ponto, na Rua da Bahia, para conversar sobre arte e política no Brasil. Configuram-se como os expoentes do modernismo em Minas Gerais (NAVA, 1978).

²⁰ Nesse caso, a afirmação de uma cidade como espelho não se trata de uniformizar o modelo de cidade e/ou vida citadina no Brasil. Isso seria e é impossível. Aqui deve se levar em consideração as mudanças e debates suscitados pelos modernistas que, em regra geral, levavam o mesmo discurso de transformação da política e da forma de se pensar a cultura brasileira.

²¹ O nome “Belohorizonte “ é uma referência ao encanto do memorialista à sonoridade do nome da cidade de sua juventude. Vejamos nesse fragmento do texto *Balão Cativo*: “Belo Horizonte, que lindo nome! Fiquei a repeti-lo e a enroscar-me na sua sonoridade. Era longo, sinuoso, tinha de pássaro e sua cauda repetia rimas belas e amenas. Fonte. Monte. Ponte. Era refrescante. Continha fáceis ascensões e aladas evasões. Sugeria associações cheias de nobreza na riqueza das homofonias. Belerofonte. Laocoonte. Caronte. Era bom de repetir – Belorizonte, Belorizonte, Belorizonte – e ir despojando aos poucos a palavra: das arestas de suas consoantes e ir deixando apenas suas vogais ondularem molemente. Belo Horizonte. Belorizonte, Beoizonte. Beoionte. Fui à nossa sala de visitas e apliquei no ouvido a concha mágica que me abria os caminhos da distância. Ouvi seu ruído helênico e o apelo longínquo – beoioooooo – prolongado como silvo dos trens que subiam de Caminho Novo acima, dobrando o canto dos apitos na pauta das noites divididas” (NAVA, 1973 p. 80).

desenvolvidos pela história cultural – memória, narrativa e história – a fim de construir a fisionomia da cidade pelo uso das reminiscências de Pedro Nava. Esse estudo memorialístico se preocupa com a função resgatadora atribuída à rememoração. Pedro Nava, considerado por muitos como um dos maiores, senão o maior memorialista brasileiro, nos fornece em seus escritos a representação de várias épocas do Brasil – das oligarquias, de Vargas, do populismo – e de várias cidades e regiões do país.

É notório que o homem interage e se cria com sua paisagem. Sente-se identificado com essa paisagem e por vezes se nega a deixá-la. Essa vivência e interação com o espaço habitado cria uma série de referências que revelam imagens que dão sentido à vida daqueles que ali vivem. Nosso mecanismo perceptivo apreende e confere significado aos detalhes, por mais distantes que sejam daquele que olha de fora. Por isso, entrar no mundo de Nava é perceber a sua Belo Horizonte.

Para a leitura da cidade vista e vivenciada por Pedro Nava, suas recordações nos servirão de guia, como uma espécie de mapa afetivo do autor. A memória individual não está isolada de seu contexto social. Na evocação de seu próprio passado o sujeito preenche algumas lacunas de suas lembranças, reportando-se a conceitos e elementos estabelecidos não apenas por si mesmo, mas também por sua sociedade – as chamadas convenções.

Nesse sentido, é clara e nítida a interferência de valores externos ao sujeito na construção de suas memórias. Seguindo esse aspecto, justifica-se que a memória individual de Pedro Nava nos auxilie na leitura de seu complexo urbano; sua memória pessoal não se desassocia de sua memória social.

A partir desse ponto podemos perceber como o homem interage com seu meio.

A partir de relatos de antropólogos, por exemplo, deduzimos que, em geral, o homem primitivo é profundamente ligado à paisagem em que vive; ele distingue e dá nomes às suas partes menores. Os observadores se referem à grande profusão de nomes de lugares, mesmo em países desabitados, e ao extraordinário interesse pela geografia.

(LYNCH, 2011, p. 139)

Nesta investigação iremos perceber como as análises da memória podem construir o espaço geográfico expressos nos escritos de Pedro Nava. A constituição mnemônica de Belo Horizonte por meio da sua narrativa, uma vez que sua mocidade e boemia são experienciadas nesse cenário, nos revela o todo de seu tempo-espaço. O que vamos observar será uma leitura da construção de Belo Horizonte em todos os fragmentos reveladores de um espaço que podem ser extraídos de seus textos.

A geração de Pedro Nava teve como cenário um mundo marcado pelas transformações e pela modernização, pelo movimento urbanizador e pela vanguarda modernista, nos quais todos os significados das imagens citadinas apreendidas por Nava e ensinadas por Mário e Oswald de Andrade estão embaralhadas em um meio político-social ainda imbuído de valores tradicionais de uma sociedade dividida entre escravocratas e liberais, latifundiários e uma burguesia incipiente. São essas características de figurações das cidades, a presença da defasagem temporal no delineamento da imagem moderna urbanístico-literária, que sugerem a inclusão de outra referência para a leitura de suas memórias.

Com o resgate da experiência por meio da rememoração, o modelo de narrador proposto pelo crítico alemão Walter Benjamin é adotado por Nava. Mesmo que involuntariamente, o narrador, por esse prisma, se apresenta como principal figura no trabalho que torna o passado um utensílio para a construção do presente. As leituras do memorialista mineiro e do crítico alemão esbarram em autores comuns, como Proust, Zola e Balzac. O primeiro inclusive exerce uma enorme influência na forma de escrita de Pedro Nava e em algumas concepções desenvolvidas sobre o espaço urbano ao longo da escrita de Walter Benjamin.

Para Certeau, em *A Escrita da história* (2011), toda pesquisa histórica articula-se com um lugar, chamado de lugar social. O historiador nesse aspecto se torna um detetive, um colecionador, cujo ofício lhe permite selecionar, recortar e estabelecer seu próprio sistema de referência. O *flâneur* benjaminiano, observador da metrópole, pode então ser comparado ao escritor Nava, que organiza o tempo vivido por ele, seus amigos, familiares e até mesmo seus desafetos, além de sua boemia, no campo de sua individualidade e da transição cultural ocorrida no Brasil no campo coletivo.

Para produzir essa leitura do espaço urbano por meio das memórias de Pedro Nava, o *flâneur* de Benjamin, que passeia e observa os detalhes de Paris, se traduz em nosso trabalho no próprio Nava em suas andanças por Belo Horizonte. Os fatos obtidos nas fontes pela pesquisa adquirem sentido próprio. Para Rüsen, em *História viva* (2007), esse sentido se constitui na conexão que a narrativa estabelece com o tempo ao articulá-lo. Nesse sentido, o uso da literatura se respalda na articulação entre espaço – cidade – e passado – memória –, em que a literatura possibilita a formação de um saber histórico. Consideram-se os elementos políticos, linguísticos, culturais, para que possam ser

ponderados na construção de relações sistemáticas por meio de um trabalho com base no conhecimento histórico da análise literária.

A ideia benjaminiana de que a arte não deve ser separada de sua utilidade ressalta a forma como a narrativa pode ser construtora de um cenário. Nava nos permite analisar traços e elementos de uma transição na cultura brasileira, mas especificamente em Belo Horizonte – a história como lugar de experiência leva sentido ao presente, o tempo vivido espelha o tempo de agora.

A autobiografia produzida por Marcel Proust carrega em si um pouco de sátira, mística, síntese e prosa, elementos que são percebidos a todo o momento na narrativa de Pedro Nava. Assim como Proust, Nava inaugura um novo gênero, o texto memorialístico, que, segundo Walter Benjamin (2012a), carrega a evocação da imagem e a expressão fisionômica do espaço narrado, provocadas por seu estágio nostálgico.

O texto, em palavras benjaminianas, constrói um tecido que preenche os espaços por meio da rememoração. O que aconteceu tem seu fim no próprio acontecimento, ali ele se encerra. Todavia, essas lembranças concedem uma chave para o que veio antes e depois, tornando assim a memória sem limites. O texto só é capaz de preservar sua pureza no ato da rememoração, assim como no sonho os acontecimentos nunca são iguais; no máximo, semelhantes.

E quando Proust descreveu, numa passagem célebre, essa hora sumamente individual, ele o faz de tal maneira que cada um de nós a reencontra em sua própria existência. Pouco falta para que a pudéssemos chamar de cotidiano.
(BENJAMIN, 2012a, p. 39)

A trama das memórias de Pedro Nava se torna ainda mais importante quando aquilo que ele vive representa o tecido das histórias que não apenas foram vividas por quem as lembra. Assim como Proust, ele não descreve o passado como de fato ele foi, mas sim como uma vida rememorada por aquele que a vivenciou. As imagens construídas são expressões da fisionomia de um povo.

A narrativa é a forma na qual o memorialista materializa o tempo perdido, presentifica o passado. “Escrever a história significa atribuir aos anos a sua fisionomia” (BENJAMIN, 2009, p. 518). Nava atribui ao seu tempo vivido uma série de significados e elementos concretos e abstratos que nós usamos para remontar a fisionomia da sociedade brasileira contemporânea ao autor.

Na literatura de Pedro Nava as convenções do tempo lembrado estão presentes em suas memórias. No passado o memorialista vê quem ele é, a memória autobiográfica

define o indivíduo pela lembrança sistematizada do tempo de ontem. A ideia da memória em sua condição individual e coletiva tem como condição sua reprodutibilidade via narrativa para tomar em seu corpo a forma da rememoração. Assim, a narrativa de Pedro Nava em seus fragmentos nos remete a uma evocação do espaço em um tempo que já se foi, os vestígios linguísticos nos apresentam seu espaço vivenciado e as rupturas pelas quais ele passou.

Nava narra memórias de festas, encontros e desencontros no seio de sua família e da sociedade da qual fez parte. Trata-se de um observador atento aos pequenos fragmentos que o cercavam. Na juventude foi amigo de intelectuais marcantes no cenário cultural brasileiro: Oswald de Andrade, Tarsila do Amaral, Mário de Andrade (com este último produziu um grande acervo de correspondências). Antes de retornar a Belo Horizonte, morou no Rio de Janeiro nos anos 1930 e viajou pelo exterior: França, Itália, Portugal e países da América do Sul, incluindo também o México entre os anos 1940 e 50.

O memorialista, assim como Benjamin, não se debruça na ruína pela ruína, mas busca o resíduo, o fragmento, o detalhe para construir por meio da narrativa uma história mais próxima de um todo. O narrador encontrado em Nava “é uma espécie de colecionador de ruínas que nelas reconhece ao mesmo tempo o horror do escombros e a glória do vestígio” (BUENO, 1997, p. 45).

O espaço urbano configura um lugar de experiências. A rotina de um lugar evidencia suas intimidades, conflitos, poderes. O escritor expõe uma Belo Horizonte de becos pecaminosos e edifícios de luxo que preservava a “moral” e os “bons costumes” de uma época. As memórias de Pedro Nava revelam as mais distintas classes sociais e suas relações. Walter Benjamin propõe em seus escritos um olhar para a História “a contrapelo”, que consiga abranger a história como um todo. Essa característica benjaminiana de uma produção histórica em âmbito global é percebida na obra do memorialista brasileiro por meio de sua narrativa, mesmo que sua pretensão não fosse produzir uma obra de história.

É importante salientar que muito se fala de Nava como construtor de Minas por sua memória familiar – a construção do espaço, hábitos culturais e sociais, apresentada em seus primeiros escritos de memória. No volume *Beira-mar* (1978) situa-se sua geografia sentimental, o que nos possibilita uma leitura de suas memórias afetivas. Toda

a história se passa em Belo Horizonte; suas memórias reconstróem o espaço público da cidade e suas relações. Oswald de Andrade afirma que o quarto volume é o mais belo-horizontino de seus textos. Com uma vida boêmia, até a linguagem aplicada naquilo que ainda existe e o que já não está mais no momento da rememoração possibilita tal análise.

As memórias escritas deram vida a um universo numa teia de referências materiais e imateriais, valorizando o indivíduo e sua coletividade. Aqui o narrador é o próprio personagem, apresentando nas entrelinhas um mapa esboçado de referências visuais do espaço urbano. A rememoração é o processo de busca do passado vivido, no qual a memória é sempre presente – ela tem o poder de trazer o tempo de outrora para o agora. Pedro Nava, nesse exercício, liga suas recordações a coisas, o que nos permite evidenciar também a atribuição de uma memória afetiva em seus relatos. O lembrar não é somente acolher uma imagem do passado, é também buscá-la. Assim como Walter Benjamin andava por Paris, Moscou, Nápoles e outras cidades, e ali projetava sua Berlim dos anos 1920, também Nava, ao passear por Belo Horizonte, já nas décadas de 1960 e 70, via as mudanças que o espaço sofria. Entretanto, os lugares, praças, bares, avenidas, suscitavam as memórias de sua juventude.

O indivíduo, nessa perspectiva, resgata o passado nas crises do presente. Nava cria seu próprio universo em suas memórias, desde *Baú de ossos* (1972) até *O círio perfeito* (1983). Benjamin criticou e lançou propostas sobre a frieza estabelecida pela modernidade. Na tentativa de arrebatá-lo do homem de sua pobreza de experiência, lança na construção da narrativa uma forma de resgate da imagem do indivíduo frente à modernidade.

Para contar um baralho de cartas a única coisa a se fazer seria arrumá-lo diante do interlocutor, naipes por naipes e destes, colocar a seriação que vai do dois ao ás, ao curinga. Mas para explicar um jogo, um simples basto, para dizer de uma dama é preciso falar no cinco, no seis, no valete, no rei; é necessário mostrar a barafunda das cartas e depois como elas vão saindo ao acaso e organizando em pares, trincas, sequência. Assim os fatos da memória. Para apresentá-los, cumpre dar raiz no passado, sua projeção no futuro.

(NAVA, 1978, p.178)

Como o *flâneur* de Benjamin que, ao reconstruir Paris, dispõe seus fragmentos de experiência em um mosaico, Nava reconstrói Belo Horizonte por meio do desenrolar de um carteador, estratégia que lhe permite fugir da linearidade da escrita, construindo a narrativa de uma época onde expressa a experiência do eu-coletivo. Belo Horizonte seria para Nava o que Paris foi para Benjamin – muito mais que uma cidade, um lugar de

memória, um objeto de estudo, a construção de uma imagem. Pedro Nava monta uma visão de através de fragmentos. A montagem de seu *Frankenstein* tem a mesma conotação da constelação proposta por Walter Benjamin.

A atividade escritural desenvolvida por Nava, ainda que resulte de uma concepção prática e científica, por ter estudado medicina, e artístico-literária, pois em toda sua vida manteve contato com a literatura, não pretende mais do que o registro da experiência de uma geração pela via do testemunho pessoal; em outras palavras, de suas experiências.

O que Benjamin busca com as constelações é justamente remontar esse passado migalha por migalha. Nava, em suas migalhas, chega muito próximo daquilo que ele enxergava como sendo o real de Brasil, de Minas, de Belo Horizonte. Usa o indivíduo na construção do coletivo, revelando a influência da narrativa proustiana. Neste trecho de *Balão cativo* (1973) é notório o uso do “Eu” para a construção e revelação do “Nós”.

Guardo várias recordações do nosso futebol. Dos uniformes: camisa de flanela às riscas pretas e vermelhas; bonés, como os de jóquei, do mesmo pano ou gorros de malha enterrados por cima das orelhas, até aos olhos e à nuca, calções brancos, chuteiras de couro cru amarelas ou esverdeadas, com travas transversais ou cilíndricas. Eram acolchoadas, enfiadas com longos cadarços que era moda, pôr em espera – dando voltas em 8 em torno aos maléolos e em torno aos pés. Lembro do Willer Pinto e da sua paramenta de caneleiras, tornozeleiras, joelheiras e enchimentos prudentes para atenuar o baque dos trancos. Ele, aliás, me impressionava muito! Não por esses instrumentos, não por jogar pessimamente, mas pelo fato de ser parente próximo do rei de Espanha. Pelo menos assim passei a considerá-lo, num dia em que ele, falando de seus progenitores, confiara à roda dos colegas: minha mãe é infante. Eu, que ainda não tinha ouvido falar de família Infante Vieira, tomei a D. Cecília como Infanta (feito as duma história de O Tico-Tico) e, esnobe, regozijei-me de ser condiscípulo dum príncipe da Casa d’Áustria...

(NAVA, 1973b, p. 136-137)

Ao narrar sua vida se revela também sua estrutura cultural. Sob sua ótica se revela um complexo comum a um determinado grupo social. Em *O narrador, considerações sobre a obra de Nikolai Leskov* (2012a), Benjamin esclarece que essa experiência individual que passa por toda e qualquer pessoa é a fonte para qual todo narrador irá recorrer.

Nava resiste à tendência da atrofia progressista da experiência na modernidade. Em Benjamin a experiência engloba várias formas de viver e construir sua realidade. O escritor brasileiro foi um guardião da memória, não simplesmente em atenuantes singulares, mas em dados acumulados na experiência.

Nava se revela um colecionador de cacos. Ele consegue, ao liberar o objeto do tempo contínuo, devolver a aura às experiências pretéritas. Para José Maria Cançado (2003), o arranjo memorialístico de Nava compõe-se como uma vasta e incessante colagem de fragmentos, de restos, de resíduos. Ele se configura como sujeito da memória em sua narrativa, como um autêntico colecionador de cacos benjaminiano. A tarefa do historiador é descobrir fatos e relações que não são conhecidos por ele, que não são inventados pelo mineiro e que levam a pesquisa a analisar possibilidades e alternativas de organizar evidências deixadas pelo sujeito que narra (MANDELBAUM, 2001).

O tempo revela uma verdade própria. Nos estudos memorialísticos encontramos, sobretudo nas memórias autobiográficas, uma confusão temporal. Muitas vezes, os memorialistas projetam seus desejos e anseios de uma forma saudosa no tempo de outrora, aquilo que é desejo pessoal e afetivo. Ao historiador resta, no trato com a fonte, saber dosar e extrair sua historicidade. Por mais que exista a subjetividade do indivíduo das memórias, esse mesmo documento não pode ser retirado de um tempo e um espaço e ser descartado, assim como seu sujeito não pode ser ignorado como agente histórico.

As evidências da memória são descritas pela exploração do passado. Quando Nava recorda, busca, no presente, um tempo já perdido, pretérito. O ponto central da obra é o fato de ter consciência de que sua condição histórica se apresenta na autobiografia, uma consciência tanto do que se foi quanto do seu agora, tomando para si a responsabilidade de negar e ao mesmo tempo se apropriar do que passou. O regresso ao passado, para negá-lo ou afirmá-lo, só se dá por meio da memória; ele está perdido e as evidências têm o poder de recriá-lo.

A função da escrita da história está em dar sentido ao tempo histórico, estudando e trabalhando com as ações humanas intencionais, ações essas que serão enquadradas em seu próprio espaço temporal. Para tal exercício é necessário fugir da possibilidade de implantação da linearidade histórica e compreender que as relações devem ser pautadas por elementos de maior duração, que buscam explicações para o presente no seu passado, como uma atividade cíclica do tempo, porém não regular, apropriando e negando o tempo que se passou.

A memória é sempre viva, está aberta à dialética do esquecimento e da lembrança, vulnerável aos mais variados tipos de manipulação. Já a história, enquanto ciência, “é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais” (NORA, 1993,

p. 9). A memória é, por esse prisma, absoluta em si mesma, enquanto a história é relativa. Dessa forma, transforma cada sujeito em um historiador de si mesmo. As memórias são fontes para a história.

“São situações genéricas elementares da vida prática dos homens – experiências e interpretações do tempo – que constituem o que conhecemos como consciência histórica” (RÜSEN, 2001). O pensamento histórico lida com essa consciência tanto no modo científico quanto no modo de operação de qualquer homem comum. Por isso, pensar Nava historicamente é pensar também seu cotidiano, no qual sua condição humana exprime sua realidade, revelando-o como agente histórico.

Mediante a narrativa histórica são formuladas representações da continuidade da evolução temporal dos homens e de seu mundo, instituidoras de identidade, por meio da memória, e inseridas, como determinação de sentido, no quadro de orientação da vida prática humana.

(RUSEN, 2001, p. 67)

Para tanto, a distinção entre narrativa ficcional e não-ficcional é imprescindível para a constituição de sentido sobre as experiências do sujeito pelo tempo. Caminhamos então na direção do que Rüsen (2001) chama de tríplice especificação da narrativa como operação na vida concreta, passando pelo campo da lembrança, determinante para a relação com o tempo, no qual o passado se revela ao ser questionado, já que ela é um componente essencial de orientação existencial do ser humano.

Um segundo ponto é a indução que a memória pode receber da narrativa histórica. O presente é carente de uma interpretação do passado para articular-se num processo de interdependência, servindo para orientação da vida prática do ser humano. E, por último, as representações da continuidade, que forçam os homens a uma continuidade histórica a fim de manter sua identidade. As relações do homem nesse cenário expressam na vida prática formas de orientação que cada indivíduo recebe ao longo do tempo.

As experiências do passado representam assim mais do que matéria bruta para constituir sentido, elas já carregam em si significado próprio. As memórias de Pedro Nava articulam os sentidos norteadores de seus contemporâneos e indícios de orientação do tempo presente na narrativa. Elaborar os roteiros de suas tradições em sua obra memorialística foi revelar ações que orientavam o agir dos seus. A tradição, enquanto referência de orientação da vida prática, é narrada por Nava nos dando condições específicas para interpretar a consciência histórica por ele resgatada.

Essa consciência histórica se baseia no fato de que o próprio agir humano é propriamente um agir histórico. Embora Nava se apresente ora na primeira pessoa, ora na terceira – Egon –, sempre busca a compreensão, sob um olhar retrospectivo, do outro, seja ele o moço ou o tempo social, sempre transformado e alterado. Tudo isso é fixado por intermédio da escrita, no momento da rememoração, na arte de narrar.

Nava sabia que a linguagem “permite juntar e colar imagens fragmentadas da história de sua vida” (SAVIETTO, 2002, p. 97). Dessa forma, o narrador escreve para recolher pedaços de si mesmo, de seu tempo, de sua família, de seus amigos, em épocas e lugares diferentes, para então se firmar e afirmar sua identidade. Dessa forma, suas memórias contemplam o campo da autorrepresentação e da representação social – captar a si sem captar a imagem do outro é tarefa inútil e impossível.

CAPÍTULO II

A HISTORIOGRAFIA E A OBRA DE PEDRO NAVA.

2.1 HISTÓRIA E LITERATURA

Pensando sob a perspectiva da teoria da literatura, que aborda a construção histórica por meio da narrativa, não se pode deixar de analisar a escrita de Pedro Nava como uma grande fonte em um campo epistemológico, capaz de criar argumentações e problematizações sobre o discurso literário que, por sua vez, se incumbe de organizar suas práticas. A teoria literária está em contraste com a prática dos estudos literários, na qual construímos a análise do texto a partir da escrita e de seu contexto.

Em *O demônio da teoria* (2012), Compagnon distingue as funções e as atribuições da crítica literária e também da história no trato com o texto e seu contexto. Para a crítica literária, o importante é compreender o discurso e como ele chega ao público. Todavia, o leitor em questão aqui não é aquele que se insere no mundo da pesquisa, mas sim o leitor comum, que vivencia a leitura por simpatia ou por identificação.

Ao analisar essas práticas é possível então tornar os pressupostos textuais explícitos e, por consequência, discriminá-los. Sobretudo é importante ter a consciência do que é crítica literária, que não é nossa preocupação, e do que é consciência da história literária: “A crítica lida com o texto, a história com o contexto” (COMPAGNON, 2012, p. 21).

No tocante à história ou filologia, nome usado para os estudos de história da literatura enquanto disciplina acadêmica, o interessante é o contexto, o externo à obra. O que revelará o texto como fonte é aquilo que está exterior à experiência do leitor – o contexto do autor, o momento da escrita, os elementos de influências, as convenções da época, enfim, tudo aquilo que cerca a obra, tudo aquilo que pode ser interrogado. Para tanto é importante, mesmo que de forma rápida, identificar os elementos externos para se construir um tipo de literatura.

Para que a literatura exista enquanto forma, necessita de alguns elementos: o autor, que já pode ser enquadrado como sujeito histórico; um livro, que terá, queira ou não, a função de fonte; um leitor, tanto aquele que usa a fonte apenas como literatura quanto o que Compagnon (2012) chama de leitor profissional, que se pode traduzir por pesquisador; uma língua, um meio pelo qual é feita a transmissão de um texto; e, por fim, uma referência, ou seja, a dinâmica que o texto e o contexto apresentam de sua própria realidade. Ou seja, o valor atribuído ao texto perpassa a condição teórica.

Como lidamos com literatura, a arte da escrita, é importante salientar que a perspectiva a ser trabalhada se aproxima da visão de Walter Benjamin (1989), quando afirma que a arte deve ser encarada como representação do real. A literatura reconstrói, mesmo trabalhando o ficcional, um cenário, e é por meio desse cenário que a narrativa naveana permite analisar os traços e elementos da cultura brasileira em seu tempo-espaço, mais especificamente em Belo Horizonte na década de 1920.

A história como lugar de experiência, carregando de sentido o presente, faz do passado um espelho para o tempo de agora. A narrativa de Pedro Nava atende ao desejo daqueles que buscam a memória para dar vida ao presente, abrindo assim suas novas possibilidades para trabalhar o passado, vivendo e trabalhando o real e o imaginário na construção do sujeito que rememora e do cenário que cria e/ou recria.

Tenho de descrevê-lo não como ele veio sendo, sucessivamente, mas como se me apresentam, estratificados os três anos em que esse espaço e minha forma coexistiram no tempo. Assim lembro e superponho umas às outras as impressões que me ficaram de 1916, 1917, 1918. Estarei assim dentro da verdade? Importa a verdade? Ah! Pilatos, Pilatos... Para quem escreve memórias, onde acaba a lembrança? Onde começa a ficção? Talvez seja inseparável.

(NAVA, 1973b, p. 288)

O historiador, por essa perspectiva, deve ser o mediador entre o passado e o presente, entre o real e o ficcional, fazendo uso da memória para o resgate do tempo qualitativo, heterogêneo e pleno – sua ação é buscar no passado o Messias do presente. As memórias de Nava se encontram em tensões locais e universais, nas quais o observador se coloca em um eixo estabelecido em “espaço/corpo/figuração” (BUENO, 1997, p. 15), que pode conduzir a obra do mineiro para o nível de fonte histórica, problematizando aspectos gerais de uma coletividade.

A história como processo de construção, na qual a memória se torna um instrumento, segundo Walter Benjamin nos fragmentos transcritos nas *Passagens* (2006), sofre uma referência dialética em suas imagens, pois, quando captadas no agora, podem se perder no tempo seguinte. Sendo assim, “ser dialético significa ter o vento da história nas velas. As velas são os conceitos. Porém, não basta dispor as velas. O decisivo é a arte de posicioná-las” (BENJAMIN 2009, p. 515). O conhecimento histórico e os acontecimentos se tornam então imprescindíveis ao historiador no exercício de posicioná-los.

O que queríamos era parar. Fechávamos os livros, eu abria minha porta devagar para não acordar o pessoal todo dormindo, a da rua, e geralmente

acompanhava os dois amigos dentro da noite estrelada até à esquina de Chumbo. Descíamos a barranca, atravessávamos a pinguela ouvindo cantar as águas da cachoeira do nosso corgo, subíamos do outro lado, subíamos até a esquina (A brasa solta dos cigarros como fogos caídos se tortuosando da marcha dos fumantes). O Isador comovido com o silêncio, os lumes do céu e o alfange recitava baixinho, para seu próprio deleite.

(NAVA, 1978, p. 18)

Nesse trecho sobre suas noites de estudos com seus amigos de faculdade, o memorialista descreve um cenário de calma e tranquilidade típicas das noites daquela Belo Horizonte de sua juventude. Os resíduos aqui descritos mostram tanto uma cidade ainda em meio ao seu processo de crescimento, pois ainda conserva em seu cenário as antigas “pinguelas” e a noite mansa, quanto as voltas na noite que estudantes são obrigados a executar para conseguir concluir seus estudos.

Benjamin (2009), ao tratar do conceito da história de modo compatível ao que se apresenta na transcrição acima, chama essa descrição despreziosa do passado de “resíduo da memória”, determinante no caminho messiânico que o historiador deve percorrer. Nessas condições o passado lança imagens e situações que devem ser retiradas da dialética da imobilidade e formar, a partir dos fragmentos, as imagens como uma constelação, tendo como instrumento o uso da linguagem e da rememoração na construção de um espaço-tempo e/ou uma cultura.

O historiador busca uma representação do passado tal como ele foi, entretanto não pode assegurar a verdade absoluta. Sua tarefa consiste em leituras de evidências que serão articuladas em versões e possibilidades daquilo que pode ser. “O historiador não cria personagens nem fatos. No máximo, descobre-os” (PESAVENTO, 2006, pp. 15-16). Ele tem como função o resgate do passado, mediando o mundo do leitor e o mundo da escrita em uma realidade representada.

Memória, história, longe de serem sinônimos, tomemos consciência de que tudo opõe uma à outra. A memória é vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas manifestações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências, de repetidas revitalizações. História é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais.

(NORA, 1993, p. 9)

Por esse prisma, o que Nava produz é uma representação de seu tempo. Não há em sua obra uma preocupação com a produção histórica, tampouco com a ciência histórica. Falcon, em seu texto *História e representação* (2000), é bem enfático quando diz que cabe ao pesquisador realizar as correspondências entre o real e o ficcional. A

ciência histórica deixa de ser um simples diálogo do real com seu espelho e passa a desempenhar um papel fundamental também na construção do sujeito. Etimologicamente, *representação* nos remete a fazer presente ou apresentar de novo; pressupõe uma atividade cognitiva em relação àquilo que está ausente e o reapresentar como presente.

Dessa forma, tanto os textos historiográficos quanto os literários têm o real como pano de fundo. O que os diferencia é a forma como cada um trabalha essa realidade. O texto literário não tem em sua essência nenhuma preocupação com o real, já a história tem por obrigação a construção de sentido e significado do passado para seu uso no presente. Para atribuir essa proximidade com a representação do tempo mais próxima do real, o texto histórico deve ser construído dentro de uma metodologia que favoreça a articulação e a contextualização da fonte. Conceitos como memória, narrativa e literatura devem ser historicizados para tal busca de sentido.

O historiador é, então, o mediador das representações reais e abstratas da memória, a fim de se aproximar da realidade em um tempo-espço. Num texto memorialístico, encontramos a realidade por um olhar, as verdades simbólicas, o real concreto e o real abstrato. Os rastros deixados por Pedro Nava nos encaminham à representação do tempo-espço na década de 1920 em todas as suas nuances, na busca dos sentidos e significados de uma experiência narrada, seja ela individual ou coletiva. A obra do memorialista se transforma em fonte para nós, historiadores, na articulação dos fatos de um tempo passado com sua narrativa.

A identidade do personagem se constrói com a identidade do lugar em que ele se forma e se transforma, uma relação ímpar entre o espaço e o que nele acontece. A narrativa concede à lembrança uma possibilidade de ser. Ao relembrar sua casa de infância e descrever sua casa na rua da Glória – sua última residência –, o autor exhibe toda a relação entre o sujeito e seu espaço na construção de um pelo o outro e do outro por um.

Há trinta e cinco anos moro no edifício Apiacá, à Rua da Glória, 190, apartamento 702. Quando para aqui mudei o número era 60. Nosso arranha-céu levanta-se em terreno onde existiu famoso bordel do bairro nunca completamente saneado. Aqui passei quase metade de minha vida. Aqui envelheci. Que dizer: aqui tive contados minutos de paz e um roldão de dias e noites de tormento. Aqui caminho no escuro como um cego nas noites sem acender os comutadores como um cego sabendo onde estão as quinas hostis das paredes e as pontas contundentes dos móveis que conheço como um cego nas noites de insônia como um cego. Ah! longe de mim maldizer de minha casa. Estou impregnado de suas paredes do seu ar do mesmo modo que ela o

está de minha pessoa, dos desgastes do meu corpo cujos fragmentos ficam pulverizados nos revestimentos, no chão, no teto – cabelos caídos, esfoliações de pele, excretas pelo cano, ar expirado, palavras vivas num instante, gemidos murmúrios resmungos. Só que ela e as outras que habitei vida afora não são mais a casa que deixei e que procuro para pedir de volta minha infância. Rua Aristides Lobo 106 – onde nossa família completa viveu um instante perfeito – logo logo feito, encerrado, fugaz, fátuo acabado passado. Lá ficaram o retrato imenso de Alice, a última aparência de meu pai, as luzes, as sombras. Os sons vieram comigo, estão em mim como se fossem uma cigarra, uma cigarra de ouro na mão, apertada na mão, tão vibrante do atrito dos élitros que seu canto elétrico corre dentro de mim como mil de miles campainhas de uma dormência iluminação da carne visita de saúde – batida de todos aqueles álares corações que pulsavam na CASA.

(NAVA, 1981, p. 26)

A sobreposição do sujeito ao espaço que ele habita, sendo ambos parte um do outro, ou parte de suas experiências, gera rastros do passado acontecido – o historiador descobre esses rastros e os transforma em fontes (GAGNEBIN, 2012). A memória de Pedro Nava divaga, não tem linearidade, pois a lembrança sobre sua casa, sua infância só aparece no quinto volume das memórias enquanto no primeiro aparecem pistas de fatos de outros volumes. Por mais que seu texto apresente um espaço e um tempo definido, suas lembranças pode e, ele permite isso, o jogar num tempo posterior ou anterior. Já o texto histórico é construído em uma organização dos fatos. Sua obra nos serve de trilha para um passado por ele experienciado. Nosso trabalho é, por meio de sua escrita, chegar próximo dessa realidade representada por seu texto.

As casas em que o sujeito das memórias residiu e suas experiências marcam profundamente sua experiência pessoal, seja na vida adulta ou na infância. Na rua da Glória sua vida adulta, seu casamento e a confecção das memórias; na rua Aristides Lobo sua infância, a perda de seu pai, a volta para Belo Horizonte e, assim, a entrada de sua mãe no mercado de trabalho em troca de favores de famílias influentes da capital mineira com a interiorana Juiz de Fora, sua cidade natal.

A narrativa de Pedro Nava às vezes lhe gera irritação, às vezes encanto com o que vê e o que lembra. Sua escrita memorialística inicia-se já na década de 1960, depois de muito já vivido e experienciado. Ela busca desde o processo de formação das origens de sua família até sua vida adulta. É longo o caminho percorrido até que de fato ele comece sua escrita.

Entender então as páginas e páginas escritas por Nava é colocar em xeque todo o contexto por ele descrito e representado, todo seu cenário histórico, psicológico e institucional, frente ao texto em si. Por isso é necessário e compreensível excluir, nesse

momento, a ideia da narrativa como um texto em si e pensar o todo que a cerca. Excluir a leitura informal de suas memórias não é negar seu valor literário, é apenas atribuir-lhe valor historiográfico.

Vejamos essa passagem sobre um baile no Clube Belo Horizonte, onde Nava, sem sucesso, persegue sua Leopoldina, para que possamos conhecer a realidade da juventude por ele vivenciada.

Mas a orquestra afinava e a tabuleta anunciou – mazurca. Dancei novamente com a Leopoldina, dei nova investida sobre os cabelos, os olhos, recebi novo obrigado! mais árido que o primeiro, passamos a mais William Farnum e ela reiterou que positivamente não se lembrava – não se lembrava mesmo de me ter visto no Cinema Odeon. A música parou, fui levá-la aos pés dos pais (cujo sorriso mostrou que meu bailar decoroso tinha agradado), agradei e fui desabafar com o Cavalcanti, o Paulo e o Chico Pires. O Isador e o Cisalpino já estavam imprecáveis.

(NAVA, 1978, p. 66)

A literatura é um exercício para o pensamento; fazer uma leitura de um texto é também gerar possibilidades para o mesmo. Ao descrever seus amores e suas perdas, o retrato da sociedade e seus costumes afloram, como no caso dos bailes típicos da tradição de Minas Gerais do início do século XX. A literatura é capaz de exprimir a vida, de representar a realidade, é capaz de esclarecer os comportamentos e as motivações do ser humano. “A literatura nos ensina a melhor sentir, e como nossos sentidos não têm limites, ela jamais conclui” (COMPAGNON, 2009, p. 51).

Assim como o sujeito também está inacabado, a literatura abre portas para experimentar aquela suposta realidade. No caso memorialístico, o passado é aberto num presente capaz de recuperá-lo em proveito dos homens do presente e daqueles que ainda virão. Parafraseando Bolle (2000), o passado está perdido, mas as lembranças têm o poder de recriá-lo.

E se a literatura e os estudos literários se definem solidariamente pela deliberação de que, para certos textos, o contexto de origem não tem a mesma pertinência que para outros, resulta daí que toda análise que tem por objeto reconstruir as circunstâncias originais da composição de um texto literário, a situação histórica em que o autor escreveu esse texto e a recepção do primeiro público pode ser interessante, mas não pertence ao estudo literário. O contexto de origem restitui o texto à não literatura, revertendo o processo que fez dele um texto literário.

(COMPAGNON, 2012, p. 44)

A obra literária também trabalha na dissensão, na busca pela criação inovadora. Ao reproduzir, ela nega e confirma um contexto; ao mesmo tempo em que provoca rupturas também confirma consensos. Nesse prisma, as obras envolvendo Nava são

capazes de estar em acordo com sua época. Ao mesmo tempo, aquilo que acompanha o texto também o precede. A literatura não tem mais um fim em si mesma. Mesmo tendo ainda, de forma global, um trato ficcional, os elementos linguísticos atrelados numa escrita não podem ser meramente literários.

A produção e a recepção da obra mantêm uma relação própria. A história passa a se tornar objeto de uma construção, na qual o tempo não é mais heterogêneo e nem vazio. Arrancam-se da obra a vida e a época em seus contextos determinados. A literatura – as memórias – de Pedro Nava nos remetem a um espaço social. As experiências do sujeito não podem ser arrancadas dele próprio, como também não podem arrancá-lo de seu texto.

Dolorosamente encaro o velho que tomou conta de mim e vejo que ele foi configurado à custa de uma espécie de desbarrancamento, avalanche, desmonte – queda dos traços e das partes moles deslizando sobre o esqueleto permanente. Erosão. A pele frontal caiu sobre os olhos e tornou o cenho severo.

(NAVA, 1981, p. 56)

O texto literário, por esse prisma, nos remete a uma verdade, por vezes concreta, por vezes simbólica, aos conceitos, aos signos, elementos que são construídos e construtores de uma sociedade (AUERBACH, 1994). Sobretudo, a leitura de um texto memorialístico nos reserva muitos desafios. Um deles, sem dúvida, é a temporalidade, tanto pela perspectiva da lembrança quanto do tempo lembrado.

O tempo em que se está recordando – presente – e o tempo lembrado – passado – podem se confundir no ato da rememoração, tanto para o memorialista que projeta um tempo em outro, quanto para o leitor na sua apropriação temporal do texto. A análise de uma obra assim nos cumula de um cuidado já alertado por Rancière, quando escreve, em *O conceito de anacronismo e a verdade do historiador* (2011), que o grande pecado do historiador é querer roubar de seu tempo o próprio tempo.

A literatura tem então sua carga de representação mimética, pois sua função também é orientar para o contexto em que toda época se traduz, se reproduz e se reinventa. A mimese seria aqui um tipo de conhecimento, e não apenas uma simples réplica ou cópia de um contexto. Ao fixar esse compromisso com o mundo e a realidade, ela passa a produzir conhecimento próprio ao homem que se constrói e, por consequência, constrói o mundo.

O tipo de conhecimento que a mimese articula salta para além da pura e simples ficção. Para Compagnon (2012), ela é uma imitação criadora que agencia os fatos. Desse

ponto de partida ela se colocaria numa relação entre ser simultaneamente referência do real e um ponto para a percepção do espectador. A narrativa aqui adota determinada forma como uma maneira de viver o mundo. Esse reconhecimento que o leitor faz está associado à construção da aprendizagem pela qual ele passa; para ele os indícios são capazes de dar um sentido à história, em que o tempo só se torna humano quando articulado em uma forma narrativa na qual a existência é precedida da referência.

Sendo assim, escovar a história é representar todos os seus indícios, fugir da imagem que se prende apenas aos vencedores e trazer os vencidos para a cena histórica, produzindo, por esse caminho, um saber histórico que se aproxime de uma totalidade, tendo como referência o real apreendido por uma atividade literária.

Os caprichos de minha narrativa, certas analogias, algumas associações, muita estória puxa estória vieram me trazendo até os albores de 1924 antes que eu desse por findo tudo que teria de dizer sobre 1922 e 1923. Tinha de ser assim, para narrar meus estudos e a formação do Grupo do Estrelas. Para fazer um relato absolutamente cronológico teria de cair no que tenho evitado que é o diário. Prefiro deixar a memória vogar, ir, parar, voltar

(NAVA, 1978, p. 176)

Tomando por empréstimo a ideia de Baczko, em *Imaginação social* (1985), a realidade abstrata tem a função de organizar um tempo-espço, identificando, classificando e valorizando o real. Dessa forma podemos entender o imaginário como uma construção social. Na sua leitura sobre Belo Horizonte, Nava busca um mundo de significados que seu olhar consegue apropriar; é um tempo-espço construído por sua retina. As construções de sentido que ele expõe são colocadas nas especificidades de suas experiências e expectativas enquanto sujeito que se articulam com sua realidade.

Entretanto, esse imaginário é observado por aqueles que, como o autor, interrogam os mecanismos e as estruturas que articulam a vida cotidiana. As representações coletivas são muitas vezes norteadas por intervenções de práticas simbólicas, garantindo assim a apropriação dos símbolos para sustentar as relações de poder e sentido estabelecidas. Segundo o próprio Baczko (1985), a era moderna trabalha o imaginário de forma instrumental e utilitária.

Segundo Pesavento, em *História e literatura: uma velha-nova história* (2006), o imaginário encontra sua base numa representação conceitual em um sistema que expressa ao mundo sua própria realidade. O imaginário dá formas de apreensão do mundo em dois vieses: o científico, racional e conceitual, e o sensível, de sensibilidades e emoções.

Portanto, a literatura expressa o real por percorrer trilhas do imaginário do escritor, do leitor ou até mesmo do próprio pesquisador. Como já destacamos, tanto a história quanto a literatura são narrativas que têm como referência o real para confirmar ou negar as representações.

Chartier, em *O mundo como representação* (1991), define representação em duas categorias distintas e, por vezes, contraditórias, nas quais se pode pensá-la como a apresentação de algo presente, sendo coisa ou pessoa, ou como processo de fazer o ausente ser visto, fazendo uma diferenciação entre representação, como nas memórias de Pedro Nava, e aquilo que é representado, ou seja, o espaço físico ou não da Belo Horizonte dos anos 1920. Essa ideia se assemelha à concepção dualista que Gagnebin faz do conceito de rastro: “presença de uma ausência e ausência de uma presença” (GAGNEBIN, 2012, p. 27). O rastro é, por essência, uma manutenção ou apagamento do que se passou, como um tecido de veludo que cria e/ou esconde suas próprias manchas.

Mas, a rigor, é o historiador que transforma estes traços em fontes, através das perguntas que ele faz ao passado. Atribuindo ao traço a condição de documento ou fonte, portador de um significado e um indício de respostas às suas indagações, o historiador transforma a natureza do traço. Transforma o velho em antigo, ou seja, rastro portador de tempo acumulado e, por extensão, de significações. Como fonte, o traço revela, desvela sentido.

(PESAVENTO, 2006, p. 19)

As correspondências que o autor faz entre o tempo de agora e suas lembranças são o que nos permite negar o olhar para o lugar e querer o tempo que se foi ou olhar para esse lugar e revelar sua aura no agora. Como afirma Gallie em *Narrative and historical understanding* (1964), não é o tempo de agora que precisa do amanhã, mas sim o hoje que necessariamente precisa do ontem para se tornar inteligível. A memória afetiva nesse aspecto é impregnada por uma carga de experiências de toda uma vida, e é possível que os fatos da juventude encontrem correspondências na velhice daquele que lembra.

A verdade simbólica que um texto literário carrega fala de possibilidades do real, baseadas em uma realidade existente. O narrador – literário – medeia o mundo do texto com o mundo do leitor; o narrador – historiador – é, segundo o próprio Certeau em *A escrita da história* (2011), um investigador, aquele que seleciona e interroga sua fonte. Nesse caso, Nava estabelece sua própria realidade. Cria e recria seu próprio cenário, sua rua, sua casa, seu colégio, os bares e avenidas, seu trabalho, as crenças e descrenças, a religiosidade, enfim, recria seu mundo de experiências.

Vejamos o divertido diálogo, já no fim de uma noite de estudos, sobre as crendices da época.

Pegávamos o primeiro pretexto e as ideias fugiam pelo caminho. Chegou a hora de estabelecer as ponderabilidades dum sal de ouro. A palavra ouro levou-nos para longe e para os lobisomens. Só podem morrer se atirados por revólver bento carregado de bala de ouro – pelo menos em Pernambuco – dizia Cavalcanti. Eu respondia que em Minas Gerais também e que o major não viajava sem arma nestas condições, pistola de dois canos com a preciosa munição que tinha recebido o sinal da cruz da mão do Padre Luiz Donato Revecchio. Até que matara bicho destes em Barra do Jacinto, ali na margem do Jequitinhonha. Vinham casos de morte. As mulheres feras da Cachoeira do Brumado que receberam dos irmãos a língua dum inimigo do pai, que fritaram e comeram. Teriam comido o próprio morto se ele não tivesse ficado de cara no pó, à lua nova do caminho onde fora tocaiado. Safado... E o pontilhão de Três Corações do Rio Verde? onde o escarmento era pregar orelha de inimigo abatido na vendeta. Vinham casos de namoradas. Por falar nisso, Isador, tome cuidado em não aceitar café na casa da sua. A mãe dela tem fama de pegar genro dando a eles a bebida passada em calcinha suja ou pano de pacote. Parece até que o açúcar vem misturado com pó de pentelho torrado das meninas.

(NAVA, 1978, p. 19)

A obra literária recria uma realidade e estrutura relações²² por meio da linguagem; o elemento estético formaliza e constrói sentido por meio de juízos sobre o real. “Os resíduos presentes na consciência indicam sempre a existência de resíduos do próprio ser” (LUKÁCS, 1968, p. 99). Ao historicizar essas memórias, nos vemos frente a um grande volume de páginas, capazes de representar uma época em suas mais distintas formas. O observador Nava descreve, intencionalmente ou não, sua cidade, e assim todos os elementos materiais e imateriais que sua lembrança é capaz de restaurar.

Suas palavras recriam um mapa afetivo do lugar onde vive suas aventuras e frustrações. Ao interrogar, criticar, elogiar, sentir-se saudosos em suas memórias, Nava reconstrói, por meio da representação da história de um indivíduo, um contexto, e assim escreve seu próprio cenário. Gagnebin (2007) destaca que, na obra de Walter Benjamin, renunciar ao tempo cronológico é renunciar ao desenvolvimento feliz de uma síntese lisa e sem fratura que exclui o vencido. Nesse sentido só é possível representar o tempo passado quando o historiador começa a desconstruir para construir.

Esse labirinto descontínuo que é a memória guarda o passado e a ele nos faz voltar. Rememorar é voltar ao ontem na procura do sentido do hoje; no caso de Pedro

²² Seja na representação da ficção ou da realidade.

Nava, significa volver às suas experiências de juventude e suas relações com a cidade de Belo Horizonte.

A crise da experiência se reflete nas alterações da vida citadina. No romance, por exemplo, o indivíduo moderno passa a ser representado imerso num novo estilo de vida que provoca seu instantâneo isolamento. Walter Benjamin atribui à modernidade o distanciamento do sujeito de si mesmo, culminando na perda de sua subjetividade. “Uma forma completamente nova de miséria recaiu sobre os homens com esse monstruoso desenvolvimento da técnica” (BENJAMIN, 2012a, p. 124).

Em *Narrar ou descrever?*, Georg Lukács (1968) afirma que os tipos de conclusões elaboradas nos romances, a superação e a necessidade de casualidade – casos e acasos –, são tomados como elementos que fazem o texto literário ser mais próximo da realidade e da subjetividade do indivíduo. A ação dentro de um cenário, assim como aquilo que o autor carrega consigo, é apresentada na obra, seu meio multiforme. A ação dentro de um cenário, assim como aquilo que o autor carrega consigo – suas recusas e aceitações – é apresentada na obra, seu meio multiforme. Tudo isso é repassado por meio da escrita.

Essas russificações eram do grupo de estudantes de medicina e do pessoal da pensão da *Madame* afeiçoado às noitadas mais pecaminosas e pesadamente populares. Esse grupo, associado a outros personagens – gens de mauvaise merdaille – explorava Arrudas, Praça da Estação, Mercado, Parque, Córrego Leitão fazia incursões no Calafete, Carlos Prestes, Quartel e teria seu apogeu nos fatos ainda por vir da Rua Niquelina. Com propósitos e figurantes diferentes era outro bando que eu frequentava e que se reunia, todas as horas que tinha vagas do dia e da noite, no *Clube Belo Horizonte*. Era palestra política e o trabalho de pôr em dia a vida da cidade.

(NAVA, 1978, p. 261)

A organização de um texto conduz a compreensão e a apreensão das formas, abstratas ou não, nele implicadas e que lhe atribuem sentido. O historiador se apropria dos mais variados contrastes para a construção do sentido do texto. Entretanto, sua receptividade por parte do leitor atribui-lhe múltiplos significados. Nesse aspecto é que se torna possível o encontro do mundo do leitor com o mundo do texto.

Compreender a sociedade mineira nas complexidades da década de 1920 requer um exercício de resgate do que se passou. Como a teoria historiográfica benjamiana sugere, salvar os restos do passado no tempo presente, os hábitos, gestos inscritos, as contradições sociais, em suma, um todo descrito pelo texto e decifrado por um leitor. “O essencial é, portanto, compreender como os mesmos textos – sob formas impressas

possivelmente diferentes – podem ser diversamente aprendidos, manipulados, compreendidos” (CHARTIER, 1991, p. 7).

As memórias de Pedro Nava não têm especificamente relatos sobre a construção da cidade, mas apresentam grande riqueza de detalhes ao mostrar como os acontecimentos se sucedem e interferem diretamente nos sujeitos da história. *Beira-mar* (1978), por esse prisma, reflete a perspectiva histórica do Brasil, o século XX, os anos 20, marcados por processos de desgaste na política coronelista, manifestações sindicais em Minas e em todo o Brasil, manifestações culturais e, sobretudo, pelo movimento modernista. É esse o cenário descrito e vivenciado pelo autor.

Aqui ele narra muito além de seu mundo, revelando ainda um ambiente que escapa aos olhos, mas não de sua vivência, um fato em âmbito internacional que se mostra em sua vida pessoal e na de seus amigos.

Pela primeira vez nosso grupo atentou com o espanto na figura do bufão Mussolini. Não era só um palhaço parlapatão e de peito estufado. Agora tinha as mãos cobertas de sangue. O atentado contra ele, infelizmente malogrado, foi ocasião para o quadrado facínora aniquilar a oposição do parlamento e liquidar seus antagonistas a ferro, cacetada, prisão, fome e óleo de rícino. Estavam abertos os anos terríveis. (...) Posso marcar desse ano minha posição antifascista que seria depois antinazista, antilegião mineira, antintegralista.

(NAVA, 1978, p. 322)

A análise e a assimilação de suas memórias nos permitem ler todo o contexto do sujeito que lembra. A literatura apreende esse tempo; logo, apropriar-se do texto literário como fonte e então partir dele para reconstruir o tempo passado é dar sentido ao presente. A cidade não é linear, cresce sem ordem, o que gera uma mudança de perspectiva para quem está inserido naquele contexto. A história se apropria da literatura porque ela representa a construção de uma determinada realidade; essa realidade é apreendida pela história por lidar com rastros do passado do sujeito e de sua coletividade.

Uma geração que teve como cenário um mundo marcado por relações pautadas pelo impulso da modernidade, pelo movimento urbanizador em toda América Latina, pelas imagens citadinas apreendidas através das lições modernistas, ensinadas por Mário e Oswald de Andrade, além da leitura sobre Proust, Zola e outros, são influências na forma como o memorialista percebe e descreve seu cenário. São essas características de figurações das cidades e a presença da defasagem temporal no delineamento da imagem moderna urbanístico-literária que podem ser lidas na obra de Pedro Nava.

2.2 HISTÓRIA E CIDADE

As obras literárias constituem para historiadores essa fonte capaz de nos pôr diante do efeito do real. Deparamo-nos com uma forma de ver e perceber a realidade por uma outra ótica. O texto nos fornece pistas, rastros e traços daquilo que poderia ter sido, dando-nos possibilidades, sobretudo gerando uma problemática em uma reconfiguração espaço-temporal. O documento nos serve de testemunha do tempo narrado por meio de suas páginas.

As memórias são capazes de reproduzir tanto uma crítica social como também a estética espacial de uma cidade. Historicizar é papel do historiador, portanto é necessário usar e explorar a verdade simbólica que um texto é capaz de produzir e a possibilidade de o personagem assumir uma possível existência real. Em entrevista à revista Hoje – os melhores livros (1978)²³, concedida a Dircel Accioly Lindoso, Pedro Nava deixa claro que existe, de sua parte, uma intenção, não uma preocupação, de proximidade com o real.

Hoje: no Baú de Ossos você não fala só de sua vida de menino. Você, sob pretexto autobiográfico descreve toda a vida de uma região, a sua terra, evoca uma cotidianidade que não se limita ao dia-a-dia de sua infância. Na verdade, Nava, você evoca em seu livro, através das reminiscências de infância, a história social da região mineira, que é a região de seu tempo de menino.

Nava: Exatamente. Não se pode separar nossas vidas do ambiente da região em que vivemos. Nos capítulos desse meu livro existe essa conotação: rua disso, rua daquilo, praça tal, morro tal, e assim por diante, justamente porque me sinto impregnado daquelas regiões onde vivi. O ambiente é inseparável da criação literária e da vida que nós vivemos naquelas zonas.

(NAVA, 1978)

Pensar a cidade é, naturalmente, refletir sobre sua relação histórica, enxergar um espaço e logo entender as ações dos homens que nele habitam. Saber de onde viemos é, sem dúvida, entender um pouco mais de nós mesmo, nossa cultura, nossa relação com o material e o imaterial, com o artístico e com o científico. A pólis está acima de um encontro entre pessoas, é também um encontro de “tempos, espaços, saberes, tecnologias, produtos, tradições e culturas” (BRANDÃO, 2006, p. 10). Os seres humanos, na eminência de sua sobrevivência, acabam estabelecendo relações vitais com seu espaço.

²³ Essa entrevista está disponível na íntegra no site oficial do memorialista. A revista “Hoje – os melhores livros” era um periódico de grande circulação que trazia, além de comentários das principais obras recém-publicadas, propagandas, jogos e caricaturas, entrevistas com grandes personalidades da literatura brasileira.

Caminhando por essa direção, a sociedade se torna a força para produzir as construções e valorizações do espaço. Ela é o agente transformador – rapidamente ou lentamente – do ambiente que ocupa, sem representar um ator específico ou mesmo uma coletividade. Portanto, ele se solidifica como resultado de um movimento de perda e restauro que se renova simultânea e continuamente com a sociedade. Como afirma Milton Santos em *Espaço e sociedade* (1979), o espaço apresenta-se em uma sobreposição dos resultados de processos naturais e sociais que coexistem.

Para o geógrafo, o espaço precisa ser considerado como totalidade, como um conjunto de relações históricas que tecem o presente e se lançam ao passado para se consolidar como processo social.

O espaço, por suas características e por seu funcionamento, pelo que ele oferece a alguns e recusa a outros, pela seleção de localização feita entre as atividades e entre os homens, é o resultado de uma práxis coletiva que reproduz as relações sociais, (...) o espaço evolui pelo movimento da sociedade total.
(SANTOS, 1979, p. 171)

Embora submetido à lei da totalidade, o espaço também dispõe de uma determinada autonomia (SANTOS, 1979). As alterações que se sucedem refletem no próprio sujeito como parte do seu processo histórico. O indivíduo que compõe essa urbanidade, é parte de um tecido que nasce da cidade e se lança para fora dela no intuito de abranger sua totalidade. Ela é, então, um ambiente comum de valores compartilhados²⁴. Por meio de seus monumentos e ruas, transmite uma história de valores estéticos e emocionais. O que Nava via em Belo Horizonte era o que ela transmitia à sua coletividade – a cidade é, por essência, um espaço de memória histórica.

ah! jamais sacudirá o jugo do velho crepúsculo, daquela tristeza da tarde morrendo varrida de ventos, da lembrança submarina dos fícus e dos moços que subiam e desciam a Rua da Bahia. Não a Rua da Bahia de hoje. A de ontem. A dos anos vinte. A de todos os tempos, a sem fim no espaço, a inconclusa nos amanhãs. Nelas andarão sempre as sombras de Carlos Drummond de Andrade, de seus sequazes, cúmplices, amigos, acólitos, satélites...
(NAVA, 1973b, p. 111)

O mundo das coisas não apaga a aura humana nos vestígios deixados pelo trabalho, pois esses monumentos, esses instrumentos trazem características que não são apenas materiais. O que se pode obter das correspondências entre o passado e o presente

²⁴ Dessa forma, mais próximo de pólis em articulação de sua arquitetura e sua forma de vida, diferenciando-se do *asti*, ou seja, a cidade apenas em seu aspecto material (Aristóteles, 1998).

é revelado por experiências humanas, testemunhos de um tempo em um determinado espaço. Todas as cidades são, entre tantas outras coisas, uma projeção dos imaginários sociais (BACZKO, 1985). Elas podem então reconfigurar as relações temporais e simbólicas, reorientando até mesmo valores de uma sociedade em detrimento das necessidades de grupos específicos.

A cidade se cria, se desenvolve, se destrói. Ela é uma escrita humana num tempo-espaço. A metrópole moderna pode ser lida por meio de imagens inconscientes ou conscientes de uma época, Belo Horizonte se cria, assim, atendendo a ideais claros de uma ruptura com imagens e símbolos do passado mineiro. Nos estudos sobre Baudelaire, Benjamin arrancou da obra fragmentos sobre a vida, o espaço, o contexto habitual de uma época (BOLLE, 2000). Belo Horizonte também não está mais vazia, o espaço histórico definido por Nava recebe concretude material e valor simbólico pela perspectiva de um determinado indivíduo. Assim como Benjamin, o escritor mineiro também consegue transmitir e preservar as sensações como experiências gravadas num sujeito.

A imagem possibilita o acesso a um saber arcaico e a formas primitivas de conhecimento, às quais a literatura sempre esteve ligada, em virtude de sua qualidade mítica e mágica. Por meio de imagens – no limiar entre o consciente e o inconsciente – é possível ler a mentalidade de uma época. É essa leitura que se propõe Benjamin enquanto historiógrafo. Partindo da superfície, da epiderme de sua época, ele atribui à fisionomia das cidades, à cultura do cotidiano, às imagens do desejo e fantasmagorias, aos resíduos e matérias aparentemente insignificantes a mesma importância que às “grandes ideias” e às obras de arte consagradas. Decifrar todas aquelas imagens e expressá-las em imagens “dialéticas” coincide, para ele, com a produção de conhecimento da história.

(BOLLE, 2000, p. 43)

Dessa forma, a cidade pode ser vista como um corpo que se confunde numa sobreposição entre o si e o indivíduo. O olhar fisiologista de Nava apreende a fisionomia do próprio sujeito em meio a seu espaço. Como detetive, busca decifrar as imagens e expressões captadas ao narrar. Sua fisionomia é, sobretudo, pedaço do memorialista, parte dele expressa, seja pela sua visão das coisas e acontecimentos ou por sua participação na construção dos mesmos.

As imagens citadinas são montadas nos textos de Pedro Nava como uma constelação de retratos sobrepostos. Um único texto, várias faces. A cidade é um palco de conflitos sociais, um espaço lúdico observado e apreendido pelo *flâneur* infiltrado na multidão, enxergando na cidade um enigma do inconsciente social e individual. Nava não

se prendeu dentro de seu passado, sua escrita confronta o tempo no presente, no qual fixa sua experiência, eternizando-a.

Assim os velhos casos recordados com os amigos. Casos do Pedro II com Afonso Arinos e Aluísio Azevedo Sobrinho. Casos de Belo Horizonte com Carlos Drummond e Martins de Almeida. Casos da Faculdade de Pedro Sales e Rafael de Paula Sousa. Tão velhos! mas sempre tão de hoje, tão da hora presente cada vez que retomados... Você se lembra? Afonso, do seu poema da Boa Viagem? Foi logo de sua chegada a Belo Horizonte... Dedicado a mim. Logo o ar da casa da rua da Bahia nos penetra.

(NAVA, 1978, p. 393)

Para Aguiar (1998), a prosa de Nava se revela nos paradigmas dos espaços por ele percorridos, contextualizando-o no cenário modernista brasileiro. Assim como Benjamin enxergou no *flâneur* um colecionador de cacos na contramão da modernidade, o mineiro se insere nesse cenário conturbado da modernidade sem que esse mesmo espaço limite sua narrativa. O memorialista se põe ao lado dos modernistas em oposição ao eurocentrismo, sofre perseguição do governo na década de 1940. Suas memórias não são apenas festas e aplausos aos seus familiares e contemporâneos, mas uma construção imagética de todo seu contexto.

A proposta de história a contrapelo, na perspectiva de construção do espaço urbano, e a fuga da linearidade e da experiência vazia de suas memórias não o deixam se seduzir pela continuidade. O próprio espaço das experiências pode ser apreendido conceitualmente dentro de uma análise linguística, em que o passado é efetivamente articulado na linguagem das fontes.

Os conceitos históricos não são meras palavras vazias. Pelo contrário, eles apreendem um sentido, e é esse sentido que guarda as expectativas passadas que nos possibilitam uma leitura histórica de um tempo por meio da linguagem. Nava, assim como “Baudelaire, consegue, por meio de sua poesia, captar as energias em circulação por esse cenário urbano. Seu olhar passeia pelas ruas, becos, avenidas bulevares – e rompe o isolamento das pessoas.” (MENEZES, 2011, p. 234).

Nesse aspecto, a vivência da juventude de Pedro Nava em Belo Horizonte representa-nos não apenas um pedaço de sua história, mas também um lugar de história. O sujeito das memórias, que também é o próprio narrador, é acima de qualquer coisa um agente histórico. Como tal, suas memórias representam suas experiências, suas experiências representam seu cotidiano e seu cotidiano representa o lugar histórico em que ele está inserido.

Nava guarda em suas memórias as influências de seu tempo – o comportamento, os hábitos, ou seja, as relações que determinam as particularidades de uma época, constroem sentido e projetam uma identidade. A própria geografia do lugar recebe essa gama de sentidos por meio de sua reprodução. Cada indivíduo constrói sua imagem e cada grupo consensualmente dá significado a essas imagens.

Quando o historiador mergulha no passado, ultrapassando suas próprias vivências e recordações, conduzido por perguntas, mas também por desejos, esperanças e inquietudes, ele se confronta primeiramente com vestígios, que se conservam até hoje, e que em maior ou menor número chegaram até nós. Ao transformar esses vestígios em fontes que dão testemunho da história que tentamos apreender, o historiador sempre se movimenta em dois planos. Ou ele analisa os fatos que foram anteriormente articulados na linguagem ou então, com ajuda de hipóteses e métodos, reconstrói fatos que ainda não chegaram a ser articulados, mas que ele revela a partir desse vestígio.

(KOSELLEK, 2006, p. 306)

O leitor se depara com um mapa afetivo de Belo Horizonte que, por sua vez, escancara toda uma sociedade em profunda mutação. As memórias são fonte importantíssima desse período, os vestígios que ali se encontram nos permitem compreender a realidade de seu tempo e, por consequência, seu meio. Elas não têm a intenção de produzir uma história factual, nem nós de atribuir esse valor a elas. São apenas vestígios de uma época, mas que compõem aquele tempo, documentados por sua narrativa, atribuindo formas e sentidos ao tempo lembrado e ao tempo presente.

A forma de enxergar sua cidade, seu mundo, leva o autor a criar um estilo próprio de narrativa. No uso do mosaico benjaminiano, que recria o todo de uma esfera social, tanto o texto quanto o próprio Nava são o *Frankenstein*, o monstro construído a partir de pedaços. A narrativa do mineiro também encontra na montagem de seu cenário o monstro da modernidade, a atrofia da sensibilidade do indivíduo, o individualismo e o esfriamento das relações humanas. Nessa configuração se apresenta a cidade, o lugar de suas memórias, o espaço de suas experiências e expectativas.

Frankenstein compra ou rouba restos mortais aos quais vai dar vida e o memorialista também vivifica o que já morreu. Mas para o narrador das memórias o passado não é matéria morta, é onde vive e é só o que vive nele.

(BUENO, 1997, p. 73)

O *flâneur* de Benjamin, “poeta social” (BENJAMIN, 1989, p. 21), construtor de uma memória urbana, usa do cotidiano para revelar o caráter cultural de um lugar. Paris dispõe fragmentos da experiência do sujeito para a construção de um mosaico; Nava constrói

Belo Horizonte usando o *Frankenstein*, compondo o todo pelo princípio do detalhe e da colagem.

Atento agudamente nesses retratos no esforço de penetrar as pessoas que conheci (uns bem, outros mal) e cujos pedaços reconheço e identifico em mim. Nas minhas, nas deles, nas nossas inferioridades e superioridades. Cada um compõe seu *Frankenstein* hereditário com pedaços dos seus mortos. Cuidando dessa gente em cujo meio nasci e de quem recebi a carga que carrego (carga de pedra, de terra, lama, luz, vento, sonho, bem e mal) tenho que dizer a verdade, só a verdade se possível, toda a verdade.

(NAVA, 1973a, p. 211)

A constelação, o mosaico benjaminiano se revela em Pedro Nava como princípio para a aproximação dos estilhaços por ele captados em suas andanças pela cidade, suas aventuras pela noite da capital mineira, seus calorosos debates com o Grupo do Estrela e também pelas suas decepções. Em outras palavras, toda gama de experiências positivas e negativas por ele vivenciada.

As imagens ambientais são o resultado de um processo bilateral entre o observador e seu ambiente. Este último sugere especificidades e relações, e o observador – com grande capacidade de adaptação é a luz de seus próprios objetivos – seleciona, organiza e confere significado àquilo que vê. A imagem assim desenvolvida limita e enfatiza o que é visto, enquanto a imagem em si é testada, num processo constante de interação, contra a informação perceptiva filtrada. Desse modo, a imagem de uma determinada realidade pode variar significativamente entre os observadores diferentes.

(LYNCH, 2011, p. 7)

A cidade vista por Pedro Nava estava em transição. O autor, observador desse cenário, também era parte fundamental dessa realidade. O sujeito da memória identifica as ideias e valores que norteiam seu meio e, a partir dessa leitura, filtra as informações que o cenário urbano lhe oferece, atribuindo-lhe significado. Nava descreveu por sua ótica a Belo Horizonte modernista com as novas propostas de urbanização, política e intelectualidade, sem deixar de revelar um Brasil de regime federalista, agroexportador e recém-liberto da escravidão, embrenhado por uma nova perspectiva iluminista em um sopro que nos levou ao capitalismo.

Todavia, não escapa da narrativa do mineiro, nascido em Juiz de Fora e belo-horizontino por opção, os fatos marcantes na história brasileira que se desencadeavam fora da capital do estado. No trecho que segue é possível notar como Nava insere seus personagens numa esfera de acontecimentos locais e globais. Ao falar de seu amigo Capanema, narra o fechamento do Colégio Arnaldo, em ocasião de uma espécie de perseguição aos padres alemães que tomavam conta do lugar.

Era a Primeira Grande Guerra e havia uma espécie de neurose coletiva descobrindo por todo lado espões. Bastava ser louro e estrangeiro para ser suspeito. Com esse fechamento do Arnaldo, Capanema vai frequentar o Ginásio Mineiro, onde conclui o secundário em 1919. Matriculou-se em 1920 na Faculdade de Direito e nela diplomou a 24 de dezembro de 1924.

(NAVA, 1978, p. 369)

Essas alterações podem gerar desgastes na sua memória histórica e material. Pedro Nava escreve sobre sua cidade e representa, por meio de si como agente histórico, toda a memória coletiva das cidades por onde viveu. Por isso, resgatar as memórias como documento e monumento de um tempo que se perdeu possibilita a representação do passado e a expressão do indivíduo como seu agente, pois a literatura é, entre outras coisas, uma apreensão do real. “Doravante, já não se separará o homem de sua obra, estudar-se-á aquele para compreender esta”. (ZOLA, 1995, p. 38)

Em entrevista presente o site oficial do memorialista, Carlos Drummond de Andrade ressaltava o olhar de Nava para as relações de poder estabelecidas e os símbolos gerados por aquela sociedade. No poema *Rua da Bahia*²⁵, Nava dizia que um moço alegre subia e outro triste descia a rua. Drummond explica que no alto chegava-se à casa do governador; subi-la era símbolo de ambição e poder, descê-la significava decadência e ruína.

Sobre a rua da Bahia, neste trecho de *Chão de Ferro* (2012), Nava diz assim:

O grupo chamado “do estrela”, mas essencial e fundamentalmente o grupo da rua da Bahia – da polidimensional, da inumerável, da ditirâmica, da eterna rua da Bahia (...) Não, não eram todos iguais nem também se gostavam de amizade idêntica, os moços que subiam a rua da Bahia... Não eram multiplicação dos mosqueteiros, nem superlativos da fraternidade de Castor e Pólux, os moços que desciam a rua da Bahia... Todos se queriam e eram companheiros mas havia as preferências que teriam subdividido o grupo numeroso noutros menores – se esses, que existiam, não possuíssem, para uní-los, certas polarizações mais imperiosas da afeição, além das identidades nascidas do nosso “sentimento de mundo”.

(NAVA, 2012, p. 411-412)

Podemos então ver por que Drummond deixa claro o entendimento de Nava em relação ao poema. Mais tarde o próprio memorialista representaria esse espaço de Belo Horizonte como uma via dupla. Para ele, “todos os caminhos iam à rua da Bahia” (NAVA, 2012, p. 412) e, por vezes, eles mesmos eram os moços que a subiam ou desciam. É

²⁵ Na primeira cidade planejada do Brasil, a rua Bahia foi traçada como eixo de ligação entre a parte administrativa, erguida na Praça da Liberdade, e o centro comercial que surgiu ao redor da praça da Estação e da avenida Afonso Pena. No entanto, a rua extrapolou o limite de mero “corredor” a um ativo centro cultural, com a presença de artistas, intelectuais e jornalistas nas suas livrarias e bares. (ARRAIS, 2009)

possível notar uma representação coletiva e ao mesmo tempo a inserção do sujeito das memórias em seu contexto histórico.

Nava foi um leitor de seu tempo. Em seguida ele o redesenhou em palavras. Sua cidade é construída nos mais minuciosos detalhes. Os símbolos, construtores de “verdades”, aparecem não só no imaginário do autor, mas na sociedade por ele representada. As memórias desse mineiro desvendam o enigma de um tempo que já não é mais presente – o passado belo-horizontino constrói suas multifaces por meio de sua percepção.

Suas ruas largas e avenidas arborizadas representam a materialização do sonho modernista, um ideal da república positivista que se estabeleceria no Brasil. A ordem e o progresso se põem também no seu traçado espacial. Primeira capital planejada do Brasil, a cidade se coloca para muitos analistas como uma dicotomia: ao mesmo passo que se apresenta nos traços modernistas de sua construção, é liderada por valores tradicionalistas da velha elite mineira. Belo Horizonte se constrói e ao mesmo tempo se preserva, o ritmo da cidade se transforma. O pequeno Arraial do Curral d’El Rey se transforma em capital e, como polo político, passa a conviver com problemas típicos do aumento populacional em mistura com o “antigo”.

Como é abordado no projeto BH Século XXI²⁶, no artigo *Formação histórica: três momentos da história de Belo Horizonte*, (2004) a década de 1920 para os belo-horizontinos foi um momento de grandes agitações, uma descoberta da vida na cidade grande. Movimentos sindicais, manifestações contra os abusos do aumento da passagem do bonde ou do ingresso do cinema fazem os cidadãos conhecerem a dinâmica da vida na capital, uma cidade conservadora que, aos poucos, abre espaço ao novo. Nesse cenário Pedro Nava se desenvolve como pensador, um jovem estudante influenciado pelo

²⁶ Por execução do: CENTRO DE DESENVOLVIMENTO E PLANEJAMENTO REGIONAL – CEDEPLAR FACE/UFMG, Belo Horizonte, 20 de julho de 2004. “BH Século XXI” tem a proposta do estudo é um esforço de repensar a cidade de Belo Horizonte enquanto experiência histórica e possibilidade futura de desenvolvimento urbano, tendo como perspectiva a aglomeração metropolitana centralizada pelo município. Tem como coordenação geral: Mauro Borges Lemos, Clélio Campolina Diniz, José Alberto Magno de Carvalho e Fabiana Santos. Arquivos: Relatório Síntese – Mauro Borges Lemos. O material está organizado por módulos, sendo que cada um aborda um aspecto diferente da trajetória da cidade de Belo Horizonte, como, por exemplo: Módulo 1: Formação Histórica: três momentos da história de Belo Horizonte. Organizado por: João Antônio de Paula e Roberto L. M. Monte-Mór; Módulo 2: A Questão Intra-Urbana... dando um total de 11 módulos.

modernismo, pelas obras de Proust, flanando pela cidade, reconhecendo seus espaços e, sob esses espaços, suas histórias, e sob essas histórias a história de uma nação.

O contexto político em que estava inserida a construção da nova capital era de extrema instabilidade – velhos dirigentes se chocavam com os novos ideais. Pulsava nesses anos a soma desses fatores, gerando assim uma mudança contraditória, pois os antigos grupos políticos se rearticulavam. Por outro lado, a cidade era símbolo da nova era republicana, obra da modernidade. Em seu universo, o positivismo se materializa nas preocupações com o sistema estatal organizacionista e evolucionista. A construção de uma nova vida cidadina era uma forma de aproximar o velho do novo.

Era o tempo do apogeu e últimos anos do cinema mudo e o momento em que Charles Chaplin dava os retoques finais ao tipo de *Carlito* – na sua pungência, na sua solidão. E não é só Carlito que vive o drama do isolamento humano. Todos os seus comparsas, idem. Ele braceja num mundo de solitários como suas amadas, seus algozes, os *boxeurs*, o dono do circo, os donos da vida e mesmo os policiais que garantem. O drama de todos é eterno e o do homem só.

(NAVA, 1978, p. 105)

Assim Nava enxergava a “evolução” de Belo Horizonte: “Tão diferente de hoje, tão desumanizada, tão violentamente progressista – tão outra na sua população que não sei se ainda possa dar a essa zona de Belo Horizonte seu antigo e doce nome de Bairro dos Funcionários” (NAVA, 1981, p. 333). Esse fragmento pertence ao segundo capítulo do 5º volume das memórias, que se intitula *Belorizonte belo*. Para o autor, a ideia de espaço estava ligada ao corpo em seu movimento.

O corpo, que nesse caso se identifica como sujeito num espaço propriamente dito, é para Nava uma concentração de “rugosidades²⁷ que envolvem todo o espaço” (BUENO, 1997, p. 83). Sua visão sobre a cidade em *Beira-mar* (1978) se vale de estudos topográficos e de anatomia que inter cruzam o corpo e o espaço. Embora afetada pelo tempo, a visão do memorialista é eminentemente espacial.

²⁷ Para Santos (1978, p. 138), “as rugosidades nos oferecem, mesmo sem tradução imediata, restos de uma divisão de trabalho internacional, manifestada localmente por combinações particulares do capital, das técnicas e do trabalho utilizados (...) O espaço portanto é um testemunho; ele testemunha um momento de um modo de produção pela memória do espaço construído, das coisas fixadas na paisagem criada. Assim o espaço é uma forma, uma forma durável, que não se desfaz paralelamente à mudança de processos; ao contrário, alguns processos se adaptam às formas preexistentes enquanto que outros criam novas formas para se inserir dentro delas”.

A interação entre tantos elementos materiais e imateriais que o sujeito das memórias constrói embute em seu texto a anatomia geográfica de Belo Horizonte em seus anos de modernismo. A paisagem é minuciosamente observada em todos os fragmentos e os detalhes são captados por uma visão seletiva e criativa da cidade em sua totalidade. Nava luta – e isso também vale para seus estudos de medicina – contra a perda da integridade do corpo. Escrever as memórias é manter seu tempo e espaço vivos.

2.3 HISTÓRIA E NARRATIVA

Nava de fato leu e reviveu sua época. Redesenhá-lo em palavras foi exercício de sua velhice a fim de buscar o tempo perdido. Assim é a construção de sua narrativa – sua cidade é construída por suas memórias em minuciosos detalhes e seu contexto se mistura ao autor nessa representação. O modelo de narrador que ele carrega é aquele capaz de reviver a totalidade dos fatos em sua lembrança, aquele que se apegava à tradição, aos relatos e às experiências rememoradas.

Nava se encontra encravado na perspectiva missionária do resgate, da narrativa com a perspectiva fisiologista, ou seja, de mostrar a cidade como um organismo. Suas experiências entram em conjunção na memória, os fatos do passado individual somados ao coletivo “provocavam a rememoração em determinados momentos e davam-lhe pretexto de se reproduzir durante toda a vida” (BENJAMIN. 1989, p. 107). Assim o narrador reconstrói o passado, gerando a eternidade.

Assim que começou esse crescimento, Belo Horizonte precisou outra condução além dos cavalos de que todos se serviam. Da gente do povo aos professores de Direito que vinham das aulas na Faculdade – de chapéu coco, fraque, colarinho alto e botas. Estas eram indispensáveis, até para os pedestres, como único meio de vencer a poeira vermelha que tingia tudo na cidade nascida sobre o solo de ferro. E a lama? tempo de chuva... Os primeiros a pensarem em bondes foram meu tio-avô Júlio Pinto e o Dr. Hermílio Cândido da Costa Alves, engenheiro da fundação e sogro de outro, o Dr. Alberto Alves da Cunha Horta, sobrinho do primeiro, filho de sua mana Regina Virgilina. Em fevereiro de 1899, organizou-se a companhia de veículos de tração a burros e em maio são aprovados os riscos de sua estação e cocheiras, para que a prefeitura cedera os lotes 5 e 12 da XIII secção urbana. Não iria adiante o projeto e logo passou-se à ideia dos bondes elétricos, de que se tornou concessionário, em dezembro de 1900, Júlio Viveiros Brandão.

(NAVA, 1973b, p. 111-112)

Nava, como sujeito da memória, viajou, conheceu e vivenciou várias circunstâncias do dia a dia, buscou e armazenou informações. Benjamin considerava a cidade uma biblioteca pronta para ser lida, o que nosso autor faz em detalhes, fugindo, sobretudo, da traumática experiência da modernidade. Os lugares lembrados por Benjamin em sua infância não são imaculados, pelo contrário, também carregam seus fantasmas, os traumas que ficaram ou um futuro que ali era desconhecido. Sua busca pelo passado passa pela ânsia de descobrir se cumpriu ou não as promessas de um tempo passado e se ainda cabe ou não realizá-las no presente.

“O sujeito desta história sempre é, ao mesmo tempo, a criança perdida, o adulto preocupado de hoje e o desconhecido de amanhã” (GAGNEBIN, 2007, p. 89). Nava se enquadra na perspectiva do narrador que busca seu tempo de outrora para enxergar seu presente numa condição de liberdade ou de dor. Seu texto não se esconde atrás de momentos belos e felizes, pelo contrário, escancara também, mesmo que não dê ênfase, as mazelas do tempo: “O Narrador/Nava é atirado para fora da posição dominante” (CANÇADO, 2003, p. 153). O caráter narrativo do mineiro não se prendia a uma evolução linear e feliz de suas experiências, mas à totalidade das relações experienciadas pelo sujeito que as lembra.

O conceito de memória, seja na condição individual ou coletiva, tem como consolidação o momento de sua reprodutibilidade na narração. Não é de fato uma relação unilateral, mas que encontra funções diferentes no curso da história. O texto toma em seu corpo forma de rememoração por um autor que transmite a experiência vivida através de suas lembranças coletivas ou individuais.

Gagnebin, na obra *História e narração em Walter Benjamin* (1999), destaca que este autor, ao renunciar ao tempo cronológico, renuncia também ao desenvolvimento feliz de uma síntese lisa e sem fratura. Nesse sentido, faz-se necessário o processo que implica desconstruir para construir. Esse labirinto descontínuo que é a memória guarda e nos faz voltar ao passado, sendo a rememoração o ato de voltar ao ontem à procura do sentido do hoje. O voltar ao passado de Pedro Nava, mesmo que este o tenha feito em sua velhice, é voltar à sua juventude e assim revelar o tempo pretérito.

Na substituição da antiga forma narrativa pela informação, e da informação pela sensação reflete a crescente atrofia da experiência. Todas essas formas, por sua vez, se distinguem da narração, que é uma das mais antigas formas de comunicação. Esta não tem pretensão de transmitir um acontecimento, pura e simplesmente (como a informação o faz); integra-o à vida do narrador, para passá-lo aos ouvintes como experiência. Nela ficam impressas as marcas do narrador como os vestígios das mãos do oleiro no vaso da argila.

(BENJAMIN, 1989, p. 107)

O narrador deixa suas impressões, imagens de si mesmo e do mundo que o marcaram. Nava passou por muitas mudanças em sua vida pessoal e profissional – morou em muitas cidades e viajou por vários países, ora por diversão, ora a trabalho. O narrador que ele constrói contrasta o presente com o passado numa narrativa cheia de resíduos do tempo lembrado. Os deslocamentos enriquecem sua vivência e, conseqüentemente, sua narrativa. Em entrevista à revista Hoje (1978), sobre seu processo criativo, Nava conta que sempre revia os locais para uma descrição mais rica, perguntava a amigos sobre

detalhes de um tempo específico ou um fato mais pontual. Ele estava preocupado em levar à sua obra a fidelidade à realidade.

Ainda em entrevista à mesma revista acima citada, com o título “Conversa com Pedro Nava”, ao ser perguntado por Dircel Accioly Lindoso sobre seu processo criativo, o autor fala da influência das leituras de Proust em sua escrita. Enfatiza a influência do francês em sua leitura de mundo e como ele se torna preponderante em sua forma de escrever as memórias.

Sem dúvida, isso é uma influência. Comecei a ler Proust aos 25 anos. Antes já havia lido, mas fora uma leitura por cima. Ler e reler comecei aos 25 anos, e até hoje o releio. É uma leitura permanente e cada vez renovada. De modo que não posso negar as influências que essas leituras sucessivas têm em mim. A leitura de Proust é uma evocação, o seus são livros de memória, e lá encontramos os mecanismos da memória involuntária, que chego a surpreender muitas em mim, e que é uma memória precipitada, e que se tem uma noção absoluta do passado, repentina. Há outra memória que é a provocada, e que eu uso muito, começando a pesquisa dentro de mim mesmo, essa busca de querer lembrar. Eu queria lembrar o Colégio Pedro II, por exemplo, contar minha vida no colégio. Então fiz uma planta do colégio, quando tinha dúvidas procurava colegas meus como Afrânio de Melo Franco Filho, Aluizio Azevedo, Afonso Arinos de Melo Franco, e indagava, você lembra disso aqui? Onde estava essa sala? Fazia isso, depois mobiliei aquilo tudo, comecei a me lembrar do que estava dentro, e consegui, dessa maneira, ter uma impressão muito viva daquilo que eu tinha sepultado completamente e recriei. Evidentemente que nesta recriação muita coisa não reaparece e tem de ser criada mesmo, para poder completar o quadro. Eu ponho lá a mobília que estava e deveria estar. Esse “que deveria estar” é minha parte memorialística. Não se pode contar um fato duas vezes da mesma maneira. Se eu fosse escrever minhas memórias de novo sairia um outro livro diferente.

(NAVA, 1978)

A obra memorialística representa os rastros de uma cidade, aquilo que ainda é e aquilo que já não é mais como no tempo recuperado. Pedro Nava cria e recria esses rastros, reescreve sua cidade em sua glória e em seus horrores, produz num tempo presente o espaço de um tempo ausente com veemente atenção ao detalhe, ao insignificante, ao detrito, como um genuíno narrador benjaminiano. Suas memórias são fruto de uma elaboração. seu processo criativo passa pela rememoração, por meio do contato com o espaço lembrado e conversas com pessoas envolvidas, pela intencionalidade do próprio autor em dizer algo e, é claro, por seu lado escritor, como se nota acima, como notado acima, quando ele diz “que deveria estar” admitindo a verdade simbólica e sua intencionalidade, que por várias vezes aparece em suas memórias.

A obra de Pedro Nava articula elementos sociais e práticas culturais captadas pelo olhar atento e pela descrição esmiuçada daquele que narra. Articula representações do coletivo, como instituições sociais, categorias sociais e distintas posições sociais, mas

também representações do próprio sujeito das memórias. Nas relações coletivas, ele descreve os ambientes de poder e miséria, organizando um conjunto de símbolos que comprovam as convenções da sociedade mineira de uma cidade projetada para o futuro, mas que ainda respirava um passado conservador. Os discursos são arbitrários, os códigos são convenções – a linguagem aplicada se porta como construção de um sentido próprio em seu tempo próprio.

São contundentes em sua escrita tanto as mudanças físicas quanto o choque de valores na sociedade mineira numa década marcada por transformações não somente no Brasil, mas em todo o mundo. Essas transformações não se referem apenas ao espaço urbano, pois no momento da escrita Belo Horizonte já não era mais como na sua lembrança, como o próprio agente da narrativa percebe. “Eu não posso me lembrar senão de caso ou outro, das conversas de minha família, tais os referidos anteriormente. Se não recordo detalhes, fixei o espírito e a essência do que se dizia, principalmente do que se não dizia” (NAVA, 1973a, p. 350).

Vamos a ela... Ao passado, ao passado! Vamos a essa prodigiosa abstração do Tempo, breve segundo continente do infinito, fabuloso país em que vivi (irreversivelmente) e até onde – nem os automóveis, ou os tapetes mágicos, os trens, os navios, os ventos, os aviões, as nuvens, os módulos espaciais serão capazes de me fazer retornar. Só o pensamento mais rápido que os foguetes estratosféricos, só a saudade-minuto-luz podem me arrebataram nessa viagem para as distâncias siderais de mim mesmo.

(NAVA, 1973b, p. 275)

As imagens construídas são as da sua própria cidade. Os elementos físicos e concretos do espaço por ele representados devem ser articulados com a realidade que está entranhada no texto por meio de um senso coletivo do fora qual o autor não poderia se colocar. A imagem sensorial é articulada nesse momento por uma conceituação do contexto no qual o momento narrado está imerso.

A narrativa de Pedro Nava apresenta um caráter messiânico e totalizante, no qual os fragmentos de sua sociedade e da sua cultura se revelam a partir de suas experiências pessoais. Para Cançado (2003), esse arranjo memorialístico compõe-se como uma vasta e incessante colagem de resíduos. O próprio escritor usava a ideia do *Frankenstein* para demonstrar os miúdos de um corpo que se juntam para sua composição.

Outra tensão inquietante é a que se mostra entre a inevitável fragmentação ou descontinuidade das coisas e a ânsia de totalidade demonstrada pelo sujeito da memória... A ânsia da totalidade é outro tormento porque o memorialista não aceita a realidade humana da perda. O gosto pelo detalhe, a obsessão do pormenor é o traço de linguagem que traduz essa necessidade de tudo registrar,

de obturar todos os vazios. São esses vazios, entretanto, que nos permitem falar do sujeito das memórias

(BUENO, 1997, p. 23)

A obra de Walter Benjamin oferece respaldo, enquanto matéria concreta, ao contrapor corpo – individual – e cidade – coletivo –, em que se constrói uma visão sintética capaz de captar o essencial das memórias naveanas para montagens de retratos ou imagens que o próprio autor adota na ânsia pela construção de uma totalidade gerada por fragmentos.

A filosofia da história de Benjamin insiste em dois componentes da memória: a dinamicidade, que submerge a memória individual e restrita, e a rememoração, que recolhe as migalhas dispersas do passado para oferecê-las ao presente. Nava entoa essa nova perspectiva historiográfica da experiência e da descontinuidade. O narrador de Benjamin se realiza nas memórias de Pedro Nava pelo apreço deste ao detalhe, aos estilhaços, à descontinuidade.

O narrador deixa em seus textos imagens de si e do mundo que o cerca: “o passado deixou nos textos literários imagens de si mesmo, comparáveis às imagens que a luz imprime sobre uma chapa sensível” (BENJAMIN, 2009, p. 504). Le Goff, em *História e memória* (1992), diz que a atividade humana e suas experiências são propriamente história. Entende-se, dessa forma, que as atividades humanas, ao serem rememoradas, constroem uma representação histórica.

Nesse aspecto, a vivência da juventude de Pedro Nava em Belo Horizonte representa-nos não apenas um pedaço de biografia, mas também um lugar de história. O sujeito das memórias, que também é o próprio narrador, é acima de qualquer coisa um agente histórico e, como tal, suas lembranças nos permitem consolidar a ideia de que sua narrativa representa suas experiências.

Como o *flâneur* de Benjamin, que ao reconstruir Paris dispõe seus fragmentos de experiência em um mosaico, Nava reconstrói Belo Horizonte por meio do desenrolar de um carteadado, estratégia que lhe permite fugir da linearidade da escrita, além de construir a narrativa de uma época que expressa a experiência do eu-coletivo.

Pensar o regime de memória encontrado nas obras de Pedro Nava, tanto em sua projeção individual quanto na construção de imagens do coletivo, na missão messiânica

de salvar o passado por meio de cacos, revela sua capacidade de investigar e montar os fragmentos do passado no presente.

A narrativa de Pedro Nava consolida uma colagem, articulando desenhos, fotografias, depoimentos e sensações do tempo de outrora. Ele sabia combinar em sua escrita os lampejos de sua memória com recursos produzidos com a finalidade de dar suporte a seu texto. Sua escrita *Frankenstein*²⁸ se revela na recuperação de várias memórias, “entre as quais a do tempo perdido, a do passado vivido, a do passado imaginado e recriado, e a do passado que jamais existiu senão nele e para ele” (GARCIA, 1997, p. 104). Assim se revela a capacidade do mineiro de transformar suas lembranças em linguagem.

Em Rüsen (2001) fica claro que as referências temporais que o passado assume são frutos do ato de lembrar ou esquecer; só assim é possível a construção da identidade. O texto do homem que escreve seu agir deixa sua narrativa compreensível à razão humana, pois Nava, nesse sentido, se torna sujeito e objeto, interpretado e interpretante do tempo-espaço. Para Benjamin, segundo Romero Freiras em *No limiar do lógos. mimesis, cidade e infância no pensamento de Walter Benjamin* (2010), o uso da memória como método é sempre uma tentativa de estabelecer falhas de uma cronologia clara para os eventos.

Nava busca um passado, que é algo já perdido, para uma construção presente. Sua escrita revela o sujeito das memórias, entretanto, mais valioso que o sujeito em si é o espaço que transforma e é transformado por ele. O autor narra sua cidade e seus espaços. Nesse processo qualquer objeto pode servir para a transformação do passado em narrativa, assim, as anotações são sustento para codificar os elementos do discurso. “Portanto, é fundamental abandonar a crença de que um texto se constrói direto como texto” (PANICHI e CONTANI, 2003, p. 9). O que Nava e tantos outros autores fazem é uma composição de formas que se convertem em textos.

A narrativa naveana, que transcende as memórias familiares, traz, acima de tudo, crônicas de costumes, histórias de cidades e pessoas que se envolvem numa teia de relações socioculturais. Em entrevista a Panichi, em 1983, Nava explica seu método criativo. Vejamos:

²⁸ Sobre a ideia de colagem benjaminiana, ver as “teses sobre história” (Passagens, 2006).

Eu faço uma súmula do que vou escrever. Posso mostrar a você a coisa como eu faço. Tudo que me ocorre – o meu mecanismo é este – me ocorre de lembrança interessante, de fato curioso, um achado de língua, digamos, uma combinação de duas palavras que eu ache bonita, que eu goste, que eu surpreenda num jornal, ou eu mesmo falando, ou um amigo, eu tomo nota daquela coisa como uma possibilidade de usar. De modo que eu vou tomando nota, seguidamente, em vários cadernos, escrevendo sempre num lado da página, respeitando sempre o outro lado porque, quando eu preciso daquilo, eu meto a tesoura, corto, arranco, e aquilo é uma fichinha que eu vou usando. Faço também a minha súmula e nessa súmula coloco a numeração daquelas fichas que eu vou tirando, que eu vou separando. Por exemplo, eu digo – PARANÁ. Se eu encontrar referências a poetas do Paraná, como Aderbal de Carvalho, por exemplo, que eu fui colega do filho dele, isso eu já teria posto numa ficha. Eu ponho nº 1, 2, 10, 30, 40 ali naquela coisa e assim eu vou fazendo isso e na hora em que eu estou escrevendo, vou juntando, vou usando essas fichas. (...) Eu passei a guardar essas fichas e com isso eu adquiri mais respeito pelo que eu faço, pelo que eu escrevo. Não há página minha que eu não tenha consultado duas ou três fichas. Um livro meu, de 500 páginas, foram 1500 fichas consultadas, mais ou menos. De modo que isso foi uma coisa que me deu certa tranquilidade de um trabalho que não é leviano... o que eu escrevi é resultado de elaboração, de nota.

(PANICHI e CONTANI, 2003, p. 14-16)

O autor, dessa forma, revela sua perspicaz habilidade de fazer conversões. O procedimento do colecionador, de armazenar, é um meio para nutrir a memória para a reconstrução de espaço. A vida em suas experiências enriquece as análises das lembranças do escritor, dando à obra a matriz de um tempo-espaço. Sua escrita é rica e repleta de achados que permitem renovar-se a cada página acabada, sem que o texto dê a ideia de fim.

Nava colecionou arquivos que documentavam sua família, seu espaço e sua época, como “fotografias, cartas, diários, bilhetes, frases soltas, citações de livros etc.” (AGUIAR, 1998, p. 17). Ouvia histórias, conversava sobre temas de suas lembranças com amigos, fazia, de fato, o trabalho de um faiscador ao selecionar e dar assim vida àqueles e àquilo que o tempo levava. Transformar o tempo perdido em matéria narrada demonstra acima de tudo a preocupação do narrador com o tempo. Claro que não descartamos aqui a subjetividade do autor das memórias; é óbvio que, no trato com sua narrativa, é importante perceber as verdades e as verossimilhanças²⁹.

“A memória escrita é narração” (AGUIAR, 1998, p. 25). O que isso significa para nós? Que a narrativa de Nava é uma grande exposição que envolve o tempo presente – que narra – e o tempo passado – que é narrado. Ao buscar o passado, o memorialista busca sensações e sentidos que o presente não pode mais apreciar. Sua narrativa tem um gosto

²⁹ Ver texto: *A poética de Aristóteles – mimese e verossimilhança*, de Ligia Militiz da Costa (2003).

especial pelo miúdo: “viver nesse exagero perene fazia refletir no microcosmo o que se atribuía ao macrocosmo” (NAVA, 1973a, p. 45).

O fato de Nava só iniciar suas memórias quando já estava em sua velhice dá a sensação de que estava esperando o amadurecimento necessário para a escrita, além de parecer, também, uma luta contra a morte. Do emaranhado de temas tratados em sua obra, a cidade recebeu um olhar atento de uma consciência amadurecida pelo processo natural de nossas vidas.

Durante muito tempo, Nava escutou com atenção muitas histórias. Histórias que, naturalmente, passavam de geração a geração e que ia depositando na memória até fazer delas matéria de sua obra. Ao gosto de guardar papéis de família juntava-se, assim, o gosto de guardar as anedotas que ouvia na roda familiar. Com certeza, os dois prazeres impulsionaram a vocação do futuro narrador de memórias.

(AGUIAR, 1998 p, 31)

Para Walter Benjamin, no texto *O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov* (2012), esse tipo de narrador está cada vez mais raro – aquele capaz de captar as experiências que passam de boca em boca. “E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos” (BENJAMIN, 2012b, p. 214). A figura de Nava se enquadra nas duas perspectivas para o narrador benjaminiano, pois viajou muito e – não só por isso, mas também por isso – teve muito para contar, assim como vivenciou bastante sua terra e suas tradições, tendo muito delas para contar.

Associam-se então, as experiências externas ao conhecimento guardado pelos seus e recolhido por aquele que escreve. Nava, por sua vez, por mais que viajasse e mudasse de endereço, sempre teve um apego ao lugar de onde veio. Para sua narrativa, apropriou-se de um senso prático capaz de atribuir sentido ao seu tempo. O cronista naveano que explora o passado se assemelha ao modelo benjaminiano abordado nas teses sobre O conceito da história (2012), quando, na tese III, afirma que nada do que aconteceu no passado pode ser considerado perdido. O texto de Pedro Nava representa, assim, a apropriação histórica do espaço, servindo de fonte ao leitor.

Só a narrativa na materialização da rememoração será capaz de dar o caráter totalizante do passado, salvar do esquecimento. Na rememoração o passado se transforma em algo novo, em presente. A crítica de Walter Benjamin sobre a crescente perda da experiência passa muito pela forma como os indivíduos transmitem essas experiências. A

atenção ao detrito, ao detalhe, aquilo que seria insignificante, revela um sujeito preocupado com as experiências humanas e a relação com as perdas.

E com evocação vem o mistério das associações trazendo a rua, as casas antigas, outros jardins, outros homens, fatos pretéritos toda a camada da vida de que o vizinho era parte inseparável e que também renasce quando ele revive – porque um e outro são condições recíprocas.

(NAVA, 1973a, p.17)

Por tudo isso podem-se considerar as memórias de Pedro Nava, que se dão do particular para o geral, como ânsia de não perder, chegando próximo ao fim, a subjetividade. As memórias familiares – o sujeito – se revelam e se desdobram em seu contexto – o coletivo – para manter vivas e renovadas, senão seu corpo, suas experiências. “O meio por excelência contra o esquecimento é a escrita, instrumento de anotar experiências que precisam ser preservadas, como a *sapientia verterum*” (BOLLE, 2000, p. 310). Com o olhar atento ao material produzido torna-se então possível decifrar o tempo-espço ali construído.

Nava é, sob essa ótica, espelho de uma realidade sociocultural. A leitura de seus textos demonstra as mudanças sentidas e percebidas por ele. Sua narrativa adota preferencialmente a ruína para, ao desmanchar, poder construir. Chega tão próximo de um real de Brasil que, para que não ficasse nada perdido, chega a adotar um quebra-cabeça espacial para, a partir da escrita, gerar sua identidade enquanto sujeito social e agente histórico de seu tempo.

Nava é uma testemunha de seu tempo. Seu texto expõe o próprio sujeito e as percepções que ele carrega da vida pública e social, especialmente em Belo Horizonte. Tem seu cerne na memória familiar, todavia seu relato não se prende ao apreço de si e dos seus (CANÇADO, 2003). O escritor produz, com sua forma de narrativa, uma quebra de paradigmas, uma crítica que, ao atingir sua família, perpassa uma crítica à sociedade. Vejamos como o narrador satiriza uma possível mudança para o interior de Minas Gerais.

Citadinos transportados para a roça, seríamos sempre olhados de lado como todo estranho que chega em cidade mineira, mesmo que mineiro seja. Já nos acontecera assim em Belo Horizonte e só anos decorridos é que o Bar do Ponto, a rua da Bahia, a Boa Viagem, a Santa Casa, o Clube Belo Horizonte e o Cinema Odeon tinham permitido nossa incorporação. Imagine-se agora Arassuaí. Uma viúva pobre e carregada de filhos. E que teríamos? naquela cidade, passeá-la aos domingos. (...) Depois duma vida de viola e cachaça para mim e meus irmão, de beatério e costura para minhas irmãs – nossos ossos acabariam num canto qualquer da Itinga, do Pontal, do Comercinho ou do Bom Jesus do Lufa. Estremeci de medo...

(NAVA, 1978, p. 14)

Nava narra sua vida, por isso suas lembranças também constroem um autor, um personagem que figura na nossa história social. Portanto, suas memórias não se enquadram no sentido de autopreservação ou reparação, mas, acima de tudo, no ato de destruir para construir, no qual não se prende a pensamentos de classes dominantes e nem a retratos pré-estabelecidos. Para se orientar, ou melhor, orientar seu leitor, sempre usa de termos ou mesmo de referências espaciais: pontos de comércio, ruas e avenidas, lugares e situações.

Sua narrativa reconstitui as experiências em um espaço físico-geográfico e outro simbólico, construindo-se como “trânsito entre o espaço físico e condição moral”. (BUENO, 1997, p. 27). Os lugares percorridos pelo viajante Nava podem ser traduzidos numa cartografia afetiva. “Só um amador de ruínas provido de um olho benjaminiano, poderia reconhecer com tanta nitidez os vestígios das paisagens desaparecidas” (BUENO, 1997, p. 41). O narrador consegue, assim, trazer para diante do leitor ambientes que convergem para a substituição do autor pela obra e vice-versa na construção da imagem final.

O processo de erosão que o corpo sofre não é aceito pelo memorialista mineiro. A ideia do *Frankenstein* é, além da colagem dos fragmentos, uma forma de criar uma vida artificial. A narrar é reviver, rememorar é buscar o tempo perdido. A narrativa é, então, o modo como o sujeito recria artificialmente o tempo de outrora.

2.4 HISTÓRIA E MEMÓRIA

Para fins de análise dos textos de Pedro Nava, os conceitos de memória voluntária e involuntária, individual e coletiva, são imprescindíveis na busca por entender as mais complexas relações culturais representadas em sua escrita. A memória naveana não pode ser encarada como simples obra literária, e sim como uma rica fonte da cultura de um povo em um espaço e um tempo determinados.

O trabalho com a obra naveana nos reserva diferentes prismas para a leitura. No texto memorialístico o escritor se coloca em dois lugares distintos: ora ele é o sujeito, personagem da narrativa, dono de suas experiências, ora ele é apenas autor, e enquanto escreve não se coloca como personagem – a experiência vivenciada não é própria do narrador, mas de personagens existentes ou criados por ele. Nesse contexto, podemos trabalhar com o real e o ficcional na obra memorialística.

No trecho que segue, sobre um acúmulo de cadáveres no necrotério da Santa Casa, o memorialista usa seu personagem, e assim narra na terceira pessoa.

O Egon contou-os. Seis nas mesas com quinze lajes – vinte e um. E apresentavam todos os estágios de uma putrefação que vinha desde as primeiras horas do dia 4 até as recentes daquela noite que era a de 6 para 7 de outubro. Seu espírito naturalmente ordenado já se inquiria por quais começar quando deu de ombros. Era indiferente. Assim foi logo a uma negra sobre a mesa, provavelmente das primeiras a chegarem.

(NAVA, 1983, p. 42)

A lembrança da juventude citadina projeta imagens do presente no passado por meio da memória afetiva. Por mais que vagueie entre uma data ou outra, trabalha na construção de um indivíduo, organiza o tempo e o espaço vivenciado. Na literatura de Pedro Nava as convenções do tempo lembrado estão presentes nas suas memórias, definindo o indivíduo pela recordação sistematizada do tempo de ontem. No passado Nava vê quem ele é. Assim como um historiador, ele seleciona a lembrança e conduz o sujeito ao seu presente.

As formas produzem sentido. A maneira como lemos os hábitos, os gestos, os espaços é uma atribuição de sentido feita em recepção àquilo que foi representado. Apropriamo-nos, assim, de uma interpretação das narrativas naveanas em práticas e referências fundamentais de seu tempo-espaço, construindo uma história social das suas memórias.

Escrever memórias é animar e prolongar nosso *alter ego*. É transfundir a vida, dar vida ao nosso Willian Wilson, é não matá-lo – como na ficção de Poe. E essa vida é a verdade. Com essa digressão tomei atalho dentro do qual devo dar mais uns pouco passos para deixar claro no leitor, a concepção do que considero memórias. Para quem quer escrevê-las sendo leal consigo mesmo – há que fazer tábua rasa das imposições familiares, das vexações do interesse material, do constrangimento idiota da vida social.

(NAVA, 1978, p. 198)

Pensando na memória como algo entre a vida prática e uma construção coletiva, o seu plano de orientação cultural pôde se desenvolver em três níveis: a memória vinculada ao corpo, que se desenrola em nossos hábitos sociais e da qual nós não tomamos consciência; nossa memória individual, que nos faz reconhecer indivíduos e lugares por meio de nossas lembranças e experiências; e, por fim, uma espécie de metamemória como construtora das imagens, que aproxima o eu do coletivo na construção da história.

A memória de Nava não se resguarda a um “tipo” frio e limitado de experiências, mas produz uma abertura muito ampla para se pensar a construção do espaço físico de Belo Horizonte. O cuidado ímpar nesse processo distingue o tempo narrado do tempo lembrado em que se estabelece o autor. O tempo e suas experiências podem afetar suas recordações, e são estas que modelam o narrador.

É sob o signo da associação de ideias que está situada numa espécie de curto-circuito entre memória e imaginação: se essas duas afecções estão ligadas por contiguidade, evocar uma – portanto, imaginar – é evocar a outra, portanto, lembrar-se dela. Assim, a memória, reduzida à rememoração, opera na esteira da imaginação.

(RICOUER, 2008, p. 25)

A memória individual não está isolada de um contexto coletivo na evocação de seu próprio passado. O sujeito preenche algumas lacunas com recordações de outros, se reportando a conceitos e elementos estabelecidos não por si, mas pelas convenções sociais. Nesse sentido é clara e nítida a interferência de valores externos ao sujeito na construção do texto. Seguindo esse aspecto, justifica-se que a lembrança individual de Pedro Nava nos auxilie na leitura de seu complexo urbano, no qual sua memória pessoal não se dissocia da memória social.

A obra de Nava se vale de fragmentos recuperados de uma observação atenta do concreto, que se sobrepõem, ora hierárquica, ora caoticamente, num movimento intermitentemente técnico de montagem que se assemelha à “constelação” benjaminiana. A memória boêmia do memorialista mineiro, assim como o *flâneur*, se constrói nos

detalhes oferecidos pela cidade. A rua, os becos, os bares, tão importantes para o *flâneur*, tornam-se o espaço narrado que ressalta a leitura de Belo Horizonte.

Historiando meu colégio, aqui vou repetindo Moreira Azevedo, Macedo, Vieira Fazenda – que aliás se repetem uns aos outros, a partir de Monsenhor Pizarro. Tomei ainda da monografia de Escragnolle Dória publicada por ocasião do assim chamado *Primeiro Centenário do Pedro II*; (...) Mas para reavivar a memória e poder contar dos cinco anos que passei interno recorri também ao prodigioso álbum sobre o *Internato do Ginásio Nacional do Rio de Janeiro*, de 1909, com sua história, resumo do regulamento, documentação fotográfica sobre o bairro, o imóvel, os recreios...

(NAVA, 1973b, p. 273)

A imagem de si mesmo adquirida pelo autor é sempre muito difícil, pois o mesmo passa por modelos de comportamento e de pensamento estabelecidos pelas sociedades das quais faz parte. Para o próprio Nava os mecanismos da memória se conjugam na busca pelo passado. Para ele tudo e todos com quem conviveu eram documentos, eram fontes. O autor se vale tanto da memória involuntária, aquela que surge num instante, quanto da voluntária, à qual é atribuída uma preocupação maior com o método. Nava ia ao local, falava com pessoas, refazia trajetos, tudo para tentar capturar a maior quantidade de fragmentos.

O contexto e os seus elementos externos também apresentam o sujeito retirado do texto como parte de uma realidade. Nava militou, estudou, farreou, pandegou, esteve presente na história de seus contemporâneos e, também por isso, sentiu essas transformações e pode, na rememoração, vivenciá-las mais uma vez, com um olhar de fora, mas sem deixar de ser parte integrante.

Nas suas experiências são conjugados elementos do indivíduo e de seu coletivo. Para tanto, usa a memória como método e foge de qualquer tentativa de construção de uma cronologia clara – a rememoração é sempre uma construção do presente. A narrativa pode alterar tanto o sujeito que a narra quanto o objeto/lugar narrado.

A determinação da modernidade como tempo de transição, desde que foi descoberta, não perdeu a evidência de seu caráter de época. Um critério infalível desta modernidade são seus conceitos de movimento – como indicadores da mudança social e política e como elementos linguísticos de formação da consciência, da crítica ideológica e da determinação do comportamento.

(KOSSELLECK, 2006, p. 303)

Como afirma Koselleck (2006), não é porque a modernidade é constituída como um período de transição que ela não estabelece conceitos e formas próprias. As aspirações por rupturas levam sujeitos em tempos específicos a buscar essas transgressões, assim

como foi com o memorialista mineiro. Os rastros deixados são ferramentas para a lembrança buscar suas respostas ou resultados no presente; a memória, como guardiã desse passado, quando redigida em palavras passa a ser a representação de um mundo.

Pensar a representação por meio da memória é também esbarrar em suas falhas. A imagem construída sofre alterações porque o espaço representado por Pedro Nava é descrito a partir de seu ponto de vista. O fato existiu. Belo Horizonte passou por mudanças nos níveis sociais, políticos e econômicos que interferiram no modo de vida da sociedade mineira. Todavia, quem conta coloca seu ponto de vista. Nesse caso, a Belo Horizonte que nos é posta é a cidade afetiva do memorialista.

O salão do Estrela era um prodígio de decoração da belle-époque. Mal comparando, pelo luxo das madeiras entalhadas e pelos espelhos – aquilo era a confeitaria Colombo de Belo Horizonte. Havia cinco portas na frente. Serviram só as três do meio porque as dos extremos tinham sido viradas em vitrine onde se exibiam as bebidas caras, queijos estrangeiros, latarias.

(NAVA, 1978, p. 99)

Além, muito além disso, ainda há a subjetividade, a própria confusão temporal. Nava está na década de 1970 descrevendo a de 1920. O que pode ser só imaginação? O que pode ser só desejo do autor? Ninguém de nós pode responder, só podemos ler, analisar sua obra e produzir uma representação do espaço urbano por meio de sua narrativa.

No caso do estudo memorialístico, nos encontramos diante de um dos pontos de entrada, um caminho para decifrar uma sociedade representada por meio de uma experiência particular. Pedro Nava nos possibilita decifrar a Belo Horizonte do tempo dos modernistas, da república do café com leite, da *belle époque* e do surgimento e consolidação de um novo paradigma burguês na sociedade brasileira. O espaço relatado e reconstruído escancara uma estrutura histórica estabelecida e as impressões que elas geravam nos indivíduos.

E é pela memória familiar que Pedro Nava entra no universo brasileiro. Suas descrições suaves e encantadoras das tradições familiares ultrapassam o simples espaço doméstico e espelham toda a sociedade mineira. Ao ser ver diante da lembrança para construir seu espaço, faz de sua percepção algo extremamente aguçado. A composição de suas memórias parte dessa visão dos cacos do espaço para a construção de um todo. Nava foi acima de tudo um observador que reúne em si um tempo pessoal e um tempo social.

A memória autobiográfica receberia ainda auxílio da memória histórica, já que nós estamos inseridos num contexto maior. A rememoração trabalha com a função de

resgatar o passado. Sabemos, porém que a história não é todo o passado, nem tampouco tudo que resta dele. Aquilo que se escreve só recebe sentido porque traz consigo a história vivida, que é salvar do esquecimento pela lembrança.

Nava deixa clara a sua fórmula para o uso da memória na trama de sua narrativa: “Tomo quatro ou cinco pedaços de verdade, acrescento uma parte de imaginação e, tirando conclusões, faço uma construção verossímil” (NAVA, entrevista a O Estado de São Paulo, 17/12/1972). Já o historiador, diferente do memorialista, interpreta a “verdade” e não a conta entranhada em suas sensações e desejos. Entretanto, para nosso autor “escrever memórias é um ajuste de contas do eu com o eu e é ilícito mentir a si mesmo” (NAVA, 1978, p. 198).

As memórias construídas sobre os espaços geográficos possuem grande influência na constituição dos sentimentos de identidade nacionais ou regionais, no pensamento político e no próprio processo de transformação dos mesmos espaços geográficos.

(ARRUDA, 2000, p. 163)

A lembrança da juventude citadina, que por vezes projeta imagens do presente no passado, é a conformação da memória afetiva. Por isso a escrita das experiências é capaz de construir limites e produzir marcos históricos. No passado o autor vê quem ele é, a memória autobiográfica define o indivíduo pela lembrança. a memória autobiográfica define o indivíduo pela lembrança. Assim como o historiador, ele seleciona a informação e conduz o sujeito ao seu presente.

O conceito de memória em sua condição individual e coletiva tem como consolidação a reprodutibilidade da narração. Não é, de fato, uma relação unilateral, mas sim uma relação que encontra funções diferentes no curso da história. O texto toma em seu corpo uma forma de rememoração por um autor que transmite a experiência vivida através de suas memórias coletivas ou individuais.

Um dos meios para o exercício da rememoração é o que Pierre Nora, no texto *Entre memória e história: a problemática dos lugares* (1993), classifica como lugares de memória, que podem estimular as lembranças pretéritas por meio de correspondências entre passado e futuro. Os lugares de memória são meios pelos quais grupos sociais mantêm – ou forjam – suas lembranças, heróis, personagens etc. A rememoração é o processo de busca do passado vivido, no qual a memória é sempre presente.

A memória dos que envelhecem (e que transmite aos filhos, aos sobrinhos, aos netos, a lembrança dos pequenos fatos que tecem a vida de cada indivíduo e

do grupo com que ele estabelece contratos, correlações, aproximações, antagonismos, afeições, repulsas e ódios) é o elemento básico na construção da tradição familiar. Esse folclore jorra e vai vivendo do contato do moço com o velho... ...para o menino que está escutando e vai prolongar por mais cinquenta, sessenta anos a lembrança que lhe chega não como coisa morta, mas viva qual a flor olorosa e colorida, límpida e nítida e flagrante como um fato presente.

(NAVA, 1973a, p. 17)

Para a construção da memória coletiva são necessários alguns indicadores empíricos, ou melhor, pontos de referência que estruturam nossas recordações – lugares, cenários, personagens –, gerando continuidade e oferecendo às pessoas uma negociação entre o individual e o coletivo. Nesse cenário, a memória do indivíduo, ao ser narrada, rompe o silêncio da memória oficial. A memória coletiva organiza o passado, dando aos sujeitos identidade individual e de grupo. Os monumentos, os discursos bem elaborados são indicadores de organização social.

O que Nava provoca na rememoração do seu passado é uma revisão desse material histórico já estabelecido. O sujeito também tem suas referências – barulhos, cores, cheiros, lugares –, também pertence à coletividade e também constrói sua identidade. É certo que a definição de seu lugar social depende de uma totalidade de acontecimentos, pois o conteúdo narrado é indissociavelmente uma organização social da vida. A memória coletiva especializada produz um ingrediente importante para a formação do tecido social, entretanto nenhum grupo tem sua perenidade assegurada, apesar de suas lembranças poderem ainda sobreviver a seu fim (POLLAK, 1989).

A coletividade, assim, está ligada a acontecimentos, paisagens, valores que também estão ligados ao indivíduo em seu contexto histórico. Recordar Belo Horizonte é reviver uma sequência de percepções obtidas por seu observador. É óbvio que a ânsia pela totalidade das coisas não pode ser alcançada completamente, por sermos direcionados conforme o nosso pensamento em um determinado momento. As lembranças, enquanto intuição sensível³⁰ do sujeito, trabalham a memória individual como um painel, auxiliando na reconstituição do passado. “A memória coletiva não

³⁰ “Afim de contas, nada prova que todas as ideias e imagens tiradas dos meios sociais de que fazemos parte e que intervêm na memória não recubram uma lembrança individual como painel, mesmo no caso que não percebemos. Resta a questão de saber se pode existir, se é concebível uma lembrança assim. (...) Assim, a base de qualquer lembrança haveria o chamamento a um estado de consciência puramente individual que chamamos de intuição sensível. (...) Qualquer reflexo dessa intuição sensível não é toda percepção. (...) Para que não confundíssemos a reconstituição de nosso próprio passado com a que possamos fazer do passado” (HALBWACHS, 2003, pp. 42-43).

explica todas as nossas lembranças e talvez não explique por si a evocação de qualquer lembrança” (HALBWACHS, 2003, p. 42).

Para Halbwachs, em *A memória coletiva* (2003), o ser social é construído por pensamentos que nos ligam a outras pessoas. As impressões captadas ou guardadas por Nava demonstram, acima de tudo, as relações que o sujeito construiu com seu espaço. Existem coisas que se fixam apenas na memória do sujeito e outra que ficam registradas na coletividade, como um complemento de um para outro e vice-versa. O entrecruzamento das lembranças é o que permite nos aproximarmos de um todo. Elas se apresentam em um ambiente e tempo próprios. A matéria recuperada está carregada de significados desenvolvidos por causa das percepções e sensações que o indivíduo cria ou extrai de seu contexto.

A percepção do sujeito pode se dar de diferentes modos, como seus contrastes com outros grupos e com temporalidades distintas, mas que carregam em comum o mesmo sujeito. O testemunho pode reconhecer, enfraquecer ou até mesmo completar a lembrança. As memórias se adaptam ao conjunto de percepções de essências do passado. Somos seres coletivos porque temos marcas de outros em nós. A percepção de Nava tem sua própria ótica situada em um grupo; outras pessoas também tiveram memórias de fatos comuns com outros pontos de vista.

“Se pode falar de memória coletiva quando evocamos um fato que tivesse um lugar na vida de nosso grupo e que víamos, que vemos ainda agora no momento em que recordamos, do ponto de vista desse grupo” (HALBWACHS, 2003, p. 41). As memórias de Nava transcendem a individualidade do sujeito por serem, além de um relato pessoal, uma crônica de costumes, a história das cidades e das gerações que nelas viveram. Segundo Edina Panichi e Miguel Contani, em *Pedro Nava e a construção do texto* (2003), o autor admitia a pessoalidade que suas memórias carregavam, tomando nota de tudo para uso na composição de suas lembranças.

Assim se explica como as imagens espaciais desempenham esse papel na memória coletiva. O lugar ocupado por um grupo ou não é como um quadro-negro no qual se escreve e depois se apaga números e figuras. Como a imagem do quadro-negro poderia recordar o que nele traçamos, se o quadro-negro é indiferente aos números e se podemos reproduzir num mesmo quadro as figuras que bem entendemos? Não. O local recebeu a marca do grupo, e vice-versa. Todas as ações do grupo podem ser traduzidas em termos espaciais, o lugar por ele ocupado é apenas a reunião de todos os termos. Cada aspecto, cada detalhe desse lugar atem um sentido que só é inteligível para os membros do grupo porque todas as partes do espaço que ele ocupou correspondem a

outros tantos aspectos diferentes da estrutura e da vida de sua sociedade, pelo menos o que nela havia de mais estável.

(HALBWACHS, 2003, p. 159-160)

A cidade, assim como seus integrantes, se transforma ao longo do processo histórico. Aquele espaço, um lugar de experiências, conserva e se renova naturalmente, as imagens materiais e os símbolos se regulam na vivência de seu grupo. A tradição – história – busca uma direção e uma orientação da vida social por meio de suas representações, nas quais o projeto de identidade passa pela experiência coletiva (BACZKO, 1985). Dessa forma, a memória coletiva se sustenta em seu contexto espacial. Só podemos retomar o passado pela conservação do ambiente material, que ao longo do tempo sofre suas alterações – mesmo que também seja elemento de conservação – e o ambiente simbólico segue na lógica da perda e do restauro.

Carregado de nossa marca pessoal e também de outros, as imagens do tempo-espaço lembrado são capazes de manter sem perdas violentas o passado. Pedro Nava liga suas memórias a coisas, o que nos permite evidenciar também a atribuição de uma memória afetiva em seus relatos. O *lembrar de* não é somente acolher uma imagem, é também buscá-la. Em um trecho da obra *Beira-mar* (1978), Nava nos mostra a relação temporal da memória. Entre documentos recebidos já na sua velhice, que o autor julgava perdidos numa queima de papel velhos que ficaram na pensão da *Madame*³¹, seu amigo Drummond lhe entrega um conto, texto que o autor julgava ruim e por cuja perda não sentia. Entretanto, quando o recebe, escreve assim:

Fiquei indignado com o Aníbal, resolvi privar o mudo de minhas obras-primas e meti tudo numa gaveta da escrivaninha de onde elas desapareceram misteriosamente. Revolvi céus e terras a sua procura. Nada. Tinham sovertido, entrado chão adentro. Conforme eu soube muitos anos depois, as laudas tinham sido confiscadas pela Dona Diva, incineradas, conforme ela própria me contou já aqui no Rio, pouco antes de morrer. Eu não podia deixar aquelas porcarias na gaveta dum móvel de seu pai e debaixo do mesmo teto de suas irmãs. Santa Dona Diva! por que você não queimou? Também os originais *De um homem que não existe*, verdadeira merda que saiu na “Ilustração Brasileira” em maio de 1923. Com o passar dos tempos comecei a ter horror desse cadáver no armário e julgava meu crime prescrito quando imaginem! Correndo em 1975, em casa de Plínio Doyle, o Drummond, malicioso, me passa um envelope. Talvez você goste de possuir essa obrinha. Descerrei. **Era meu conto! Trouxe para casa com a intenção de matá-lo outra vez, desta feita, enterrá-lo.**

³¹ Dona de uma pensão onde Pedro Nava debatia com alguns amigos sobre o modernismo em si e discutia textos de autores consagrados, como por exemplo, Emili Zola. Nava e seus amigos, entre eles Joaquim Cavalcanti, Paulo Machado, Isador Coutinho, entre outros e, é claro, Zozó, morador da pensão. Como não sabiam seu nome e, por ser francesa, “era simplesmente chamada de Madame” (NAVA, 1978 p. 85). Dona de grande simpatia, organiza um ambiente acolhedor e alegre. Madame era benquista por todos, apenas não se preocupavam em saber seu verdadeiro nome.

Antes resolvi rere. Perdi a coragem, não rasguei, guardei com amor porque aquela tolice tinha com ela uma ou outra coisa sofrida e preciosa: um ar de meus vinte anos e de sua estética balbuciante³²...

(NAVA, 1978, p. 86-87)

Nesse momento em que o memorialista pega seu conto de volta, ele tem o mesmo desejo de 52 anos antes, contudo, aquela vontade de desfazer-se daquele “crime prescrito” fica sucumbido pela lembrança viva de seus vinte anos. Aquele envelope entregue por Drummond o fez sentir os anos vinte em plena década de 1970. Esse ato traz o passado ao agora, revelando quem era o Nava de antes e quem é o Nava no agora. A plenitude da rememoração.

As memórias do mineiro são experiências de sua casa, seu emprego e, sobretudo, da rua onde mora. Ele via assim o ato de escrever:

Não é bem isto porque o passado e o presente não são coisas estáveis interpenetráveis pela memória que arruma e desarruma as cartas que vai embaralhando. O passado não é ordenado nem imóvel – pode vir em imagens sucessivas, mas sua verdadeira força reside na *simultaneidade* e na *multiplicidade* das visagens que se dispõem, se desarranjam, combinam-se umas às outras e logo se repelem, destruindo não um passado, mas vários passados. Fatias da grossura do ponto geométrico incessantemente cortadas do presente por uma espécie de máquina automática de fazer presunto. Seus roletes não caem em ordem obrigatória sobre o papel impermeável do embrulho. Vão e vêm segundo as solicitações da realidade atual.

(NAVA, 1973b, p. 287)

Por esse prisma, da mesma forma que a memória naveana se enquadra em um relato individual e, ao mesmo tempo, num testemunho da coletividade, também se encaixa na perspectiva da memória voluntária e involuntária. Le Moing (1996) destaca a influência que Proust exercia na escrita do mineiro e, por consequência, a experiência da memória involuntária. “Proust³³ é uma influência que eu não nego, antes confesso e proclamo” (NAVA, in, LE MOING, 1996, p. 78). A forma de pensar e utilizar o tempo

³² Grifo meu.

³³ “Quanto à presença proustiana que se entremeia nesses momentos de volta à infância, caberia ratificar o que vimos afirmando ao longo deste capítulo, ou seja, ele tem como finalidade ilustrar o “modus operandi” da memória e consequentemente elucidar o fluxo narrativo que se amolda ao surgimento das lembranças nelas contidas. Se Nava serve dos mesmos mecanismos proustianos para recuperar o passado, se tal como o narrador de *À la recherche* ele redescobre a magia das lembranças ressurgidas espontaneamente, onde residiria a diferença entre eles? Já dissemos que Nava e Proust investigam o passado visando a apreensão cognoscitiva de si mesmo e do mundo. Contudo, a trajetória empreendida por ambos difere quanto às disposições anímicas que os mobilizam, bem como quanto às formas encontradas para entender essas disposições (SAVIETTO, 2002, p. 143).

passado, sobrepondo-o ao presente, a forma da narrativa e a criação constante do passado aproximam a escrita de Nava da de Proust.

Benjamin (2012) discute e trabalha a memória involuntária que se apropria do indivíduo no qual a lembrança aflora, num lampejo, de forma livre de qualquer interpretação. Esta é retomada nas sensações da vida social, nas experiências com a natureza, com os traumas adultos e descobertas da infância. Dessa forma, o passado se apossa de nós em nosso tempo e ação. Em Benjamin e também em Proust – a *Madeleine* é exemplo disso – a memória resgata acontecimentos do tempo que passou, como a infância, na mesma intensidade que a vida adulta.

Garcia (1997) trabalha a ideia de que Nava também vive sua *Madeleine* no momento da subitaneidade da lembrança, na recuperação do passado. Assim, as lembranças nunca estarão perdidas no esquecimento. “É uma palavra, um rumor ou um palpitar, aos quais se confere o poder de nos convocar desprevenidos ao frio jazigo do passado, de cuja abóboda o presente parece ressoar apenas como um eco” (BENJAMIN, 2012b pp. 89-90). Os sentidos e sensações buscam significados em seus estranhamentos e/ou encantamentos para gerar uma determinada inteligibilidade.

Seria o despertar a síntese da tese da consciência onírica e da antítese da consciência desperta? Nesse caso, o momento do despertar seria idêntico ao “agora da cognoscibilidade,” no qual as coisas mostram seu rosto verdadeiro – o surrealista. Assim, em Proust, é importante a mobilização da vida inteira em seu ponto de ruptura, dialética ao extremo: o despertar. Proust inicia com uma apresentação do espaço daquele que desperta.

(BENJAMIN, 2009, p. 505-506)

O passado, como num instante de choque, provoca uma ruptura no tempo presente por meio de uma lembrança. Tanto para Benjamin quanto para Proust o passado será sempre uma elaboração do presente. Os eventos pretéritos ganham vida no presente, criam-se novas possibilidades em que a memória involuntária dá à história um aspecto inacabado. A memória de Nava, por tudo isso, se enquadra também na perspectiva involuntária, pois se vale de manifestações da lembrança em lugares ou fatos imprevisíveis, que buscam no tempo perdido o seu renascer.

De maior destaque e uso por parte do narrador mineiro, a memória voluntária claramente é usada mais efetivamente para a composição de suas obras. Em várias entrevistas ele deixa claro o método usado na leitura de documentos e crônicas, sobretudo nos primeiros textos, em que ele aborda seus antepassados. Garcia (1997) coloca as memórias como reelaboração de um mundo extinto; para recriá-lo Nava usa de alguns

instrumentos, como, por exemplo, o desenho. “Antes de começar a escrever qualquer texto, ele desenha as personagens, o espaço e os objetos da futura narrativa” (GARCIA, 1997, p. 147). Dessa forma aumenta a densidade de seu texto, pois é capaz de captar ou gerar interpretações mais detalhadas de seu tempo.

Panichi e Contani (2003) ressaltam que para Pedro Nava qualquer documento, carta ou fotografia era usado como meio para a recuperação do passado. A memória voluntária é para o mineiro uma ferramenta para reconstituir os pormenores do passado. Os arquivos do autor se tornam imprescindíveis para o sustento de sua escrita. Em seu acervo ele guardava fichas, entrevistas, questionários que realizava com seus contemporâneos, textos antigos, diálogos pessoais. Tudo era usado, nada era descartado.

Para Nava, trazer de volta esses documentos era uma forma de alimentar a memória. Vejamos em dois fragmentos do primeiro volume de sua obra como o autor se valia de ambas as formas de rememoração.

Memória involuntária:

Assim, quantas vezes viajei, primeiro no espaço, depois no tempo, em minha busca, na de minha rua, na de meu sobrado... custei a recuperá-lo. Aviltado pelos anos e reformas sucessivas, recoberto de uma camada de cimento fosforescente e pó de mica, que tinha substituído o velho revestimento e o ultramar da pintura da fachada – não havia meios da recordação provocada entregar-me a velha imagem. Foi preciso o milagre da memória involuntária.
(NAVA, 1973a, p. 301)

Memória voluntária:

Segunda recordação – o caderno. Era grosso, de folhas pautadas, de capa alaranjada (...) pelo capricho da vida dos objetos, esse caderno ficou primeiro esquecido num caixote de livros do meu pai. Quando ele reapareceu, fui aproveitando suas páginas em branco para novos desenhos que se superpuseram aos antigos como as camadas sucessivas de Tróia e onde só eu – Schliemann – distingo o que é 1910, 1911, 1914 e 1918. Tornou a sumir sepultado numa dessas fundas canastras que só se abrem por acaso. Ressurgiu furado de traças, já tocado pelo tempo e começando a representar o passado. Foi sendo guardado e hoje eu contemplo como coisa preciosa, “como um copo de veneno”, com um bocado tangível de minha infância. Esse caderno traz nas suas páginas o pó de uma longa sequência de casas cujo ambiente tornou-se dele inseparável.

(NAVA, 1973a, p. 353)

Nava, ao mesmo passo que estuda seus antepassados, cria colagens de imagens, análises documentais, ressaltando sua memória voluntária, sem negar a espontaneidade – e a pouca preocupação com a linearidade – da memória involuntária. O próprio autor admite esse balanço, o aproveitamento do lampejo e o uso, com mais afincos, da memória

trabalhada. Por tudo isso ele é leitor de seu tempo e assim constrói seu espaço no mesmo momento que constrói o sujeito narrado nas memórias. É fato que Nava não sobreviveria sem suas anotações e documentações, mas também é fato que ele não negava a imprevisibilidade da memória.

A memória involuntária não tem hora, lugar, momento para se manifestar. É preciso adquirir um potencial de vivência e entender que o passado não pode ser pensado como coisa imóvel e nem livre de uma manipulação criadora. Na memória voluntária, os fatos voltam um a um; esse mecanismo permite ao memorialista realizar associações, analogias. As coisas acontecem ao acaso, nós é que as organizamos posteriormente. Dessa forma as lembranças reintegram sua própria essência, por isso Nava se fez um colecionador, pois, além de suas lembranças, as “coisas” serviriam para sua criação.

CAPÍTULO III

A REPRESENTAÇÃO DE UMA ÉPOCA

3.1 OS “MENINOS” DO ESTRELA

A maior contribuição mineira para o modernismo saiu, sem dúvida, do tão famoso Grupo do Estrela, uma designação que os jovens modernistas mineiros ganharam daqueles que eram indiferentes ao movimento. Entre os que declaradamente eram contrários “àquele tipo de algazarra” eles foram pejorativamente chamados de futuristas. A atuação desses “meninos”, como eram chamados por Nava, era extremamente irônica: criavam polêmicas, escreviam sobre figurões que ganhariam eleições falsas, criavam e sugeriam transformações sociais – tudo para causar inquietação e alvoroço uns aos outros e à própria população belo-horizontina.

Manifestavam toda sua insatisfação artística e política com a tradicional família brasileira, que tantas vezes Nava severamente criticou como uma espécie de responsável por cremar a intelectualidade genuinamente brasileira. “Comecei laboriosamente a apartar a Poesia da merda rala que burguês considera poético e que é justamente o seu contrário” (NAVA, 1978, p. 177). Empenhados na proposta maior de construção da arte brasileira de fato, o Grupo do Estrela se fez ouvir na cidade de Belo Horizonte.

O Grupo do Estrela, do qual Nava se orgulha de ter participado, reunia-se tanto na Livraria Alves quanto no Café e Confeitaria Estrela. A confraria que Carlos Drummond de Andrade apresentou a Nava era enorme. Os jovens literatos da rua da Bahia tinham origens variadas e só os “bancos escolares” do Bar do Ponto foram capazes de uni-los, por intermédio daqueles que Nava chama de “aproximadores”: Alberto Campos, Emílio Moura, Milton Campos e Drummond.

Era enorme o grupo a que Carlos me apresentou. Era composto do próprio poeta, de dois moços da cada da Madame – Francisco Martins de Almeida e Hamilton de Paula e mais Abgar Renault, João Guimarães Alves, Heitor Augusto de Sousa, João Pinheiro Filho, dos irmãos Alberto e Mário Álvares da Silva Campos, de Emilio Moura, Mário Casassanta, Gustavo Capanema, Gabriel de Rezende Passos, João Alphonsus de Guimarães e Milton Campos. O tempo traria ainda para nossa convivência Dario Magalhães, Guilhermino César, Ciro dos Anjos, Luís Camilo e Ascânio Lopes. Escrevendo o nome desses meus amigos de mocidade e vendo o que eles foram depois – não posso deixar de dizer do orgulho de ter pertencido a grupo tão ilustre.

(NAVA, 1978, p. 91)

O grupo foi se desfazendo e, já em meados de 1926, as reuniões eram bem desfalcadas. Drummond havia se mudado para Itabira, Capanema fora para Pitangui,

outros moravam em São Paulo ou no Rio de Janeiro. “O fogo sagrado era mantido pelos restantes que a vida e os casamentos ainda não dispersariam” (NAVA, 1978, p. 367). As produções de alguns nomes não secaram, enquanto outros, por força de arranjos políticos ou de oportunidade de emprego, foram deixando as ideias de lado.

Mas, afinal, o que queriam os modernistas?

Politicamente queríamos a participação dos moços na nossa vida: na literatura na arte, na política – “A razão está sempre com a mocidade” – bradava Drummond. Desejávamos influir pelos meios pacíficos cuja existência e liberdade reclamávamos – o jornal, a tribuna, a cátedra. Nosso programa resumia-se numa palavra – ação. No sentido de vibração, luta, esforço construtor, vida. Não queríamos pois a imobilidade, o conformismo e a estagnação que levam à desagregação. Apontávamos nossa obra social incompleta que, “depois de sacudir o julgo colonial e escravagista”, tinha ainda, que humanizar o Brasil, que construir outro Brasil dentro do Brasil.

(NAVA, 1978, p. 219)

Por que lutavam?

Éramos um órgão político mas isento de politicagem e falávamos obscuramente na originalidade nacional. Que significaria essa antevisão? Macunaíma? Antropofagia? Di? Brecheret? Tarsila? Almeida já no número 3 de *A Revista* chama a atenção para o papel preponderante da poesia de Drummond. Considera o “Nocturno de Belo Horizonte” o início de nova fase em Mário de Andrade e na poesia brasileira. Certo. Em poemas publicados em nossos jornais aparecem audácia de tradução, homofonias, certo fundo social, projeção esgotadas, exaltação do negrismo, preocupação com nossa mestiçagem. Fala-se na sua organização pela imigração dirigida, protesta-se contra ao desportugalização de nossa terra e historicamente, tenta-se a interpretação do desequilíbrio psicológico do forte grupo mestiço colocado entre senhores de engenho e escravos.

(NAVA, 1978, p. 220)

Nos dias 13, 15 e 17 de fevereiro de 1922, aconteceu, no Teatro Municipal de São Paulo, a primeira manifestação coletiva de arte do país – e que seria um grande marco para nossa literatura –, a tão famosa Semana de Arte Moderna. Com agressividade rara para o Brasil dos anos 1920, as apresentações de música, literatura e a exposição de artes plásticas ocuparam o saguão, as escadarias e o palco do teatro.

O que se fez na década anterior e nos anos posteriores a 1922 é o que se entende por movimento modernista no Brasil. A forma como o evento foi pensado, o espírito que o impulsionou e os debates que ele suscitou confundem-se naturalmente com uma ideia de ruptura e movimento. Pensar o modernismo é, sobretudo, pensar a Semana de 1922, o movimento que nela culmina e o que a partir dela se desenvolve.

Para Neide Rezende, em *A Semana de Arte Moderna* (1993), o modernismo brasileiro hoje é reconhecido como um impulso para nossa emancipação artística. Esse

processo se desenvolve em uma fase de negação e destruição de cânones anteriores. Exemplo disso foi a exposição de Anita Malfatti, em 1917. Uma segunda fase, que gera uma nova forma estética a partir de experimentações e novas propostas, se desenvolveria de 1922 a 1930. Por fim, ocorre, de 1930 até 1945, a fase de maturação e estabilização do movimento enquanto corrente literária.

De fato, em 1922 não se tratava de exposição de um só, como aquela de Di Cavalcanti (1921) ou aquela de Anita (1917), mas, dela participara vários autores e estes não só de São Paulo. Mesmo os dois que vieram de Paris eram brasileiros. Então não só numericamente vários, mas, também de vários Estados do Brasil. O público é que, ao ler o programa de uma exposição de arte moderna, não iria adivinhar que talvez por motivos econômicos, se iria tratar só de autores brasileiros. E talvez também nem se explique, só pelo fato de haver participação só de brasileiros, que também tenham aparecido um Brasileirismo como sinônimo de Modernismo.

(MARTINZ, 1989, p. 28)

O que deve ser destacado é que os antecedentes da Semana de Arte Moderna estão envoltos em uma série de fatos que já geravam um descontentamento não só com a arte, mas também com a política praticada no país. A própria cidade se insere nessa perspectiva da mudança – Belo Horizonte já convivia com edifícios luxuosos, bondes elétricos e veículos motorizados, ditando o novo ritmo da população urbana no Brasil. Em meio a tudo isso se desenrola uma aproximação afetiva e intelectual entre Mário e Oswald de Andrade, gerando uma das mais intensas colaborações intelectuais do Brasil.

O modernismo, enquanto movimento literário e estético, não pode negar sua gênese. A formação do que chamamos de pré-modernismo está atrelada a fatores como textos e debates sobre o Brasil anteriores à Semana. Levam-se em consideração dois critérios: o tempo (os trabalhos anteriores a 1922) e questões temáticas e formais no ramo literário.

Muitos autores do realismo ou do parnasiano³⁴ se encaixam no primeiro grupo, entre eles Amadeu Amaral, Martins Fontes e Rui Barbosa. Entretanto, no rigor metodológico são classificados como antimodernistas. Por esse prisma, nos ateremos ao segundo grupo, que insere no conservadorismo literário brasileiro algo de renovador. São nomes como Euclides da Cunha, Monteiro Lobato e Lima Barreto, que injetam, mesmo que com alguns estereótipos, algo mais nacional nas suas produções.

³⁴ “Parnasianismo é o estilo das camadas dirigentes, da burocracia culta e semiculta, das profissões liberais habituadas a conceber a poesia como linguagem ornada, seguindo padrões já consagrados que garantam o bom gosto da imitação” (BOSI, S/D).

“Sob o ponto de vista do conteúdo e da problemática externa, a literatura pré-modernista reflete situações históricas novas ou só então consideradas” (BOSI, s/d, p. 13). Os textos de Lima Barreto já se preocupam com a paisagem e a vida social; a miséria do caboclo em zonas economicamente periféricas é assunto nos contos de Monteiro Lobato; e, por fim, há a visão do sertanejo desenvolvida nos artigos de Euclides da Cunha. Assim, enxerga-se uma nova consciência das fontes nacionais, uma forma de expansão e revisão crítica que anuncia o modernismo.

Nava destaca, por exemplo, a revista acadêmica *Radium*, fundada por Tolentino Miraglia, existindo por seis números, entre setembro de 1920 a outubro de 1923. Seus assuntos variavam – desde o debate sobre medicina e fatos sobre a faculdade até o noticiário sobre a política brasileira e belo-horizontina, abordando ainda música, artes plásticas e literatura. Sobre esta última:

Há que destacar uma produção pré-modernista de Carlos Drummond de Andrade que está no número 3, julho de 1921, e outra de ataque ao modernismo assinada por Alter Marius, que está no número 5, setembro – outubro – novembro de 1922. O artigo é comedido, discreto e irônico – mas se descer o nível de virulência atingindo depois pelo ataque de João Cotó. Mais abundante que a de prosa é a colheita de versos. Contamos a colaboração de nada menos que cinquenta e três poetas da cidade, do resto de Minas, do Rio e São Paulo – entre os quais surgem nomes que iriam ficar ligados ao Movimento Modernista em Minas e no Brasil como os de Tasso da Silveira, Manuel Bandeira, Abgar Renault, João Guimarães Alves, Emílio Moura e João Alphonsus.

(NAVA, 1978, p. 154)

Seu fim Nava não quis comentar. Outro periódico só voltaria a existir quando ele e Rafael de Paula Sousa organizaram a revista *Medicina*, que segundo o próprio memorialista tinha um viés mais contestador e oposicionista que a primeira, também podendo ser colocada nesse panorama pré-modernista.

O pré-modernismo, segundo Nava, não é claro em BH:

É muito difícil caracterizar um pré-modernismo mineiro num determinado espaço de tempo que tivesse sucedido sem transição ao chamado passadismo e tenha substituído depois, pelo inicialmente denominado futurismo. Essa fase de inquietação confunde-se com a anterior e a posterior.

(NAVA, 1978, p. 95)

Sobre o pré-modernismo mineiro de fato, Nava aponta dois momentos marcantes, mas que aconteceram de forma isolada e sem um projeto definido. O primeiro foi a exposição de Zina Aita, realizada nos anos iniciais da década de 1920 e recebida com maus olhos pela imprensa belo-horizontina. Forçando um pouco, o outro momento se deu no jornal *Estado de Minas* – um romance em folhetins, de autoria coletiva, com o título

Capote do guarda. Por que considerá-los pré-modernistas? Porque fugiam da convenção artística de sua época.

Contemporâneos da Semana de Arte Moderna em 1922, ou já em 1923, o certo é que os folhetins definiam os “futuristas” de Belo Horizonte. “O capítulo de Milton já se parece estilisticamente com o *Fundo de gaveta* publicado no primeiro número de A Revista e deixa entrever o *antropófago* do discurso posterior a Carlos Drummond de Andrade” (NAVA, 1978, p. 96).

Euclides, em *Os sertões*, é um autor que Nava classificou simplesmente como gênio. Lula, um de seus amigos que moravam na pensão da *Madame*, ainda citava outros autores brasileiros como o que nós chamamos aqui de pré-modernistas, por assumirem um profundo traço realista. Um outro amigo, Florinécio, falava que esse traço também poderia ser encontrado em Eça de Queirós, o qual o mesmo Florinécio caracteriza como pornográfico.

Pedro Nava, ao destacar a fisionomia de seu amigo Carlos Drummond de Andrade, “um moço, muito calado, óculos redondos, aros de tartaruga, olhos muito claros, pele muito branca. Parecia fraco, pela magreza” (NAVA, 1978, p. 62), já destacava também seu texto, escrito em tempos em que os dois ainda não se conheciam, pois o primeiro encontro só aconteceria em 1921, na revista Radium, para a qual Drummond contribuiu com o conto *Rosarita*. Aquele que viria a ser o principal nome do modernismo mineiro surgia com um texto classificado por Nava como cheio de urtiga, um instrumento antiparnasianismo e imóvel que curarizava³⁵ o Brasil.

Esse conto, cheio de audácia e desrespeito, paradoxal e sem pudores, gera uma grande provocação na forma de se pensar a sociedade mineira. Para Nava esse seria o marco inicial do modernismo mineiro, ou pelo menos um texto pré-modernista. Uma consciência social e política e uma preocupação em absorver o nacional ou regional quebraram o pragmatismo dos intelectuais brasileiros.

Se, a rigor, entende-se modernismo como uma única e exclusiva ruptura com a literatura parnasiana, realista e simbolista dos vinte primeiros anos do século XX, não houve de fato um pré-modernismo. Entretanto, é importante pensar o movimento como um conjunto de experiências e linguagens. A literatura modernista se inscreve como “uma

³⁵ Termo utilizado no meio da medicina. Remete-se ao ato de sedar uma pessoa até que ela perca seus reflexos.

crítica global às estruturas mentais das velhas gerações e um esforço de penetrar mais fundo na realidade brasileira” (BOSI, 1989, p. 375).

Os promotores da Semana carregavam em seu projeto, influenciados por vanguardas europeias, ideias originais que se contrapunham às antigas correntes literárias. Para aqueles que estudam a literatura brasileira, o termo “moderno” seria circunstancial para definir o estilo que ali nasceria, sendo “modernismo” tudo que viesse nos anos seguintes a 1922. Os imigrantes, a urbanização, as novas classes sociais e sujeitos urbanos prepararam o cenário para a proliferação do sentimento modernista.

Os conflitos de tempo e lugar exprimem as tensões que norteavam o Brasil, uma realidade plural e conflitante. Como exemplo, destaca-se o mal ajuste do tradicionalismo agrário frente à inquietude urbana. As influências do futurismo italiano, do dadaísmo, do surrealismo francês, do cubismo e do expressionismo já davam o tom do que seriam os anos vinte.

Na cidade de Belo Horizonte, em 1922, as notícias sobre o modernismo eram escassas e muito vagas. Pejorativamente eram chamados de futuristas aqueles que, ainda de forma indefinida, faziam qualquer tipo de arte que não fosse bem recebida pela tradicional família mineira.

Sobre o início do modernismo em Belo Horizonte, vale ressaltar, antes de entrarmos profundamente no assunto, a característica da literatura oficial encabeçada pelo jornal Diário de Minas, uma espécie de órgão oficial do Partido Republicano Mineiro. Para Nava, a tradicional família mineira tinha se voltado contra aqueles rapazes do Grupo do Estrela. A imprensa “imaculada” de Belo Horizonte criou para eles a característica de nefelibatas, já que a “Liga pela Moralidade” tinha lugar cativo nas decisões do jornal.

Assim o descreve Nava:

Belo Horizonte era uma capital profundamente quieta e bem pensante. Amava o Soneto, deleitava-se com sua operazinha em tempos de temporada, acatava o Santo Ofício que censurava por sua conta os filmes, suas moças liam Ardel, Delly, a *Bibliothèque de ma Fille*, a *Collection Rose*, não conversavam com rapazes e faziam que acreditavam que as crianças pussavam nas hortas entre pés de couve, raminhos de salsa, serralha, bertalha e talos de taioba. Havia uma literatura oficial. Os discursos de suas excelências eram obras ontológicas.

(NAVA, 1978, p. 179)

Mesmo assim, no próprio jornal, extremamente conservador, já se insinuavam os meninos do modernismo mineiro. Vejamos:

A política, a dos discursos, a do Senado, da Câmara, das Secretarias, do Palácio, do próprio Partido. Primeira página. O Emílio encarregava-se das sociais, o João Alphonsos das policiais. Ambos aproveitavam suas secções para nelas introduzirem muito à sorrelfa, o sentido de piada, de blague, do modo literário à modernista. Até que João não resistiu e duma surra aplicada num grupo de guardas-civis, na Zona, fez um legítimo episódio de conto – digno de *Galinha Cega*, *Pesca da Baleia*, *Eis a noite...* Até eu meti minha colher no caldeirão com crítica de pintura e invectivas aos medalhados. Deu na vista. Vieram ordens de Palácio e as crônicas de sala e rua deixaram de ser suplemento modernista do jornal.

(NAVA, 1978, p. 165)

Mas o que Nava considera de fato a primeira publicação nacionalista e indianista foi assinada com o pseudônimo de “Irarigoan” por Austen Amaro n’A Revista, em 1925. Nessa ocasião os desenhos do memorialista fizeram parte da publicação, o título da obra em 1978 quando Nava ainda redigia sua memória é *Juiz de Fora – Poema Lírico*. Sua publicação se dá ano seguinte pela Tipografia Guimarães, de Belo Horizonte. O texto para Nava foi uma inspiração que o poeta teria recebido de Juiz de Fora.

Sobretudo, nada foi tão marcante para Nava como o *mês modernista*. Logicamente esse seria para ele o principal acontecimento depois da Semana de 1922. Esse mês – dezembro de 1925 – foi fundamental para inserção de Belo Horizonte no cenário nacional no que se refere à arte e à divulgação do movimento. O jornal A Noite, do Rio de Janeiro, realizou uma série de entrevistas sensacionalistas, no intuito apenas de divertir seus leitores. Entretanto, o resultado foi outro, pois todos os entrevistados levaram o fato muito a sério.

São Paulo, 18 novembro 1925.

Carlos, Dá-se isto: ontem me apareceu um dos redatores da Noite do Rio aqui em casa e além de me pedir uma entrevista pra tal propôs o seguinte: a Noite organiza um Mês Modernista. Durante um mês todos os dias o jornal publicará um artiguete de meia coluna assinado por um modernista qualquer. O artiguete poderá ser crítica, fantasia, versos, o que a gente quiser. Pagam 50\$ por artigo. Os escolhidos são: Manuel Bandeira e Prudente de Moraes no Rio, eu e Sérgio Milliet em São Paulo, você e o Martins de Almeida em Minas. Me mande com absoluta urgência uma linha sobre isto falando que aceitam, pra eu dispor as coisas logo. Estou esperando.

Ciao.

Mário

Belo Horizonte, 20 novembro 1925.

Mário, Salve. Recebi hoje tua expressa fazendo o amável — e gostoso — convite para escrever umas besteiras na Noite. Aceito. O Martins de Almeida, avisado, também aceitou. Diga para quando é a joça, que estamos prontos. E desde já te agradeço o reclame e os cobres, pois estou certo que foi você que se lembrou do meu nome. Depois escreverei mais longamente.

Um abraço forte do Carlos.

(FROTA, 2002, p. 159-161)

Mário de Andrade, o primeiro entrevistado, repudia o termo “futurista” e explica o que era o movimento e quais eram suas pretensões. Além dele, participaram Carlos Drummond de Andrade e Francisco Martins, de Minas Gerais, Sérgio Milliet, de São Paulo, e Manuel Bandeira, do Rio de Janeiro. Nessa ocasião Drummond deixa clara sua postura contrária ao exagero do tradicionalismo e o elogio ao espírito de evolução dessa nova geração de pensadores.

O ano de 1924 seria o que Nava considerava de “ano simbólico”: o movimento ganha força, mas não uniformidade. Aliás, para o memorialista essa era a principal essência do modernismo. “Cabe repetir a frase de Aníbal Machado. Todos sabiam o que não queriam. Ninguém sabia o que queria. Creio que nossa grandeza estava na divergência” (NAVA, 1978, p. 197). Esse foi um ano de publicações importantes, como o *Manifesto pau-brasil*, de Oswald, *Estudos brasileiros*, de Ronald de Carvalho e *A frauta que eu perdi*, de Guilherme de Almeida, entre tantos outros.

Outro fato que também marca a vida intelectual de Minas Gerais, sobretudo do Grupo do Estrela, foi o contato no Grande Hotel com a Caravana Paulista, também em 1924. A Caravana passou o carnaval no Rio de Janeiro e, segundo Nava, seus membros estavam “descobrimdo o Brasil”. Do grupo faziam parte Dona Olívia Guedes Penteado, Blaise Cendrars, Oswald de Andrade, seu filho Oswald de Andrade filho, de mais ou menos 10 anos de idade, Gofredo Teles, Tarsila do Amaral e Mário de Andrade. Para os mineiros foi um momento de aproximação.

Nava destaca as figuras de Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral. Sobre o primeiro, narrou admirado o fato de estar sentado no mesmo ambiente e poder trocar experiências. “Nós ouvíamos tomados de maior admiração. Admiração por ele, por nós mesmos, de estarmos nos entretendo ali com, no momento, a maior expressão do Modernismo” (NAVA, 1978, p. 184). Sobre a segunda, dizia que seus quadros “são proféticos e antecederam o próprio movimento. (...) Uma das mais originais artistas plásticas” (NAVA, 1978, p. 188). Para o mineiro, os caminhos de Oswald e Tarsila caminhavam inexoravelmente um para o outro.

Em 1925 é criado o principal veículo de divulgação das ideias modernistas em Belo Horizonte, A Revista. Sem um programa definido, Nava classifica a criação do periódico como uma oportunidade de adesão ao movimento de nomes como Milton Campos, Casassanta e Abgar Renault, assim como houve no Rio a de personalidades

como Manuel Bandeira e Ronald de Carvalho, entre outros. A Revista é considerada pelo grupo mineiro um marco na literatura brasileira e um impulso para os modernistas mineiros.

O ano de 1925 foi da maior importância para “aqueles rapazes de Belo Horizonte”. Marcou o aparecimento de *A Revista*, o da série de artigos de *A Noite do Mês Modernista* e foi o ano em que Austein Amaro escreveu seu livro *Juiz de Fora / Poema lyrico*. *A Revista* foi, cronologicamente, a terceira publicação dos novos surgidas no Brasil. Só foi antecedida por *Klaxon*, de maio de 1922 e *Estética*, de setembro de 1924. Em Minas foi a primeira e seu aparecimento, em julho de 1925, marca data histórica da nossa literatura. Tanto a do estado quanto a nacional. Seu interesse é extraordinário não só porque revelou ao Brasil a existência de um grupo característico e atuante, como deu a esse próprio grupo a consciência de sua força e seu valor.

(NAVA, 1978, p. 210)

A Revista marcou um período de adesões mineiras ao modernismo, segundo o próprio memorialista. O periódico teria ainda a participação de conservadores, como Magalhães Drummond, Alberto Deodato, Iago Pimentel, Godofredo Rangel e Carlos Góes, entre outros. Constrói-se assim uma publicação com um pouco de passadismo misturado ao modernismo, definida por Nava como, acima de tudo, uma revista de posição nacionalista.

Pouco se dava espaço para valores internacionais, pois o espírito estava direcionado para a construção de uma consciência puramente nacionalista. Vale ressaltar que os números d’A Revista não desfaziam nem jogavam pedras indiscriminadamente no passado; este era sim valorizado, para que a partir de sua leitura se tornasse possível esculpir melhor o futuro. O periódico era financiado basicamente pelos anúncios feitos e sua impressão era realizada pelas oficinas do Diário de Minas.

Em Belo Horizonte alguns escritores jovens, que logo seriam dos maiores de nossa literatura, fundaram A Revista (1925): Carlos Drummond de Andrade, Emílio Moura João Alphonsus, Pedro Nava, Abgar Renault. Ainda em Minas, na cidade de Cataguazes, apareceria em 1927 a revista Verde, que reafirmava as duas vertentes do modernismo paulista: liberdade expressiva e temática nacionalista.

(BOSI, 1989, p. 390)

Por esse caminho seguia o modernismo, conseguindo adeptos pelo Brasil. Em Minas o movimento não fica apenas na cidade de Belo Horizonte, sua repercussão foi um sucesso também fora da capital. No interior do estado houve grande apoio da imprensa local, ainda contava com a colaboração dos paulistas e dos cariocas.

Mesmo oposicionista, o movimento sabia reconhecer quando o governo acertava: “O órgão de um grupo de oposicionistas e inimigos da política mineira e nacional louva

a atuação do governo Melo Viana quando este organiza uma comissão para estudar a defesa de nosso território” (NAVA, 1978, p. 214). Ao mesmo tempo em que lutavam por uma arte genuinamente brasileira, por uma brasilidade, também viam a importância da preservação de nossos tesouros artísticos e cidades históricas.

No retrato de uma geração que é A Revista sente-se transparecendo muito vivo o desejo de participação política. Já vimos os principais tópicos do que se compreendia como remédio a situação nacional. Resumindo o que foi resumido, preconizava-se: nacionalismo, tradicionalismo, centralização do poder para evitar a dispersão das forças latentes do país. Ideologicamente a geração ainda era o centro.

(NAVA, 1978, p. 214-215)

A Revista foi de tiragem curta – os dois primeiros números saíram em 1925 e o terceiro ficou com a data do mesmo ano, entretanto só circulou em 1926. Para Pedro Nava, esse foi um tempo importantíssimo para o Grupo do Estrela, um tempo de troca de ideias não apenas entre seus membros, mas com modernistas do Brasil inteiro. Era uma fase de debates acalorados e de grande envolvimento político. Segue o poema de Pedro Nava publicado na última tiragem d’A Revista.

Alegria

Os bracinhos humildes e raquíticos
 escorrem da molambada bariolada
 do dominó do menino pobre
 (Nem bisnagas nem conféti nem serpentinas)
 Um guizo só
 tinindo
 retintins
 fracos e contínuos numa tira colorida
 parece o choro cansado
 dolorido
 duma criancinha agonizante
 Um guizo só
 e os olhos da máscara
 a transbordar um olhar
 da mais, louca
 dezordenada alegria.
 (NAVA, 1926)

No movimento modernista, assim como na semana de 1922, havia uma grande variedade tanto de estilos quanto de níveis entre seus participantes.. Contudo, os artistas eram norteados por um sentimento comum, sejam os paulistas, sejam os mineiros retratados na obra de Pedro Nava. Eles pretendiam chocar a sociedade, provocar rupturas com a literatura passada e criar uma nova concepção literária.

Para Aguiar (1998), os rapazes do Grupo do Estrela eram futuros literatos, advogados, médicos, noturnos e contestadores dos costumes. Os anos 1920 foram para

eles de grande euforia, cerveja, bares, cinemas e animados debates sobre política e literatura. Contra uma sociedade bem postada, viviam os anos dourados da juventude, eram moços que viviam apenas dos estudos e, à exceção de Nava e Drummond, eram sobretudo estudantes de direito.

As condições e o perfil para integrar o grupo Nava dispunha. Vinha de família pobre, mas ilustre, possuía uma educação sólida de humanista e tinha uma aguçada sensibilidade para as artes. Em sua obra esse tema assume um importante valor, pois história e memória se enroscam na produção de retratos biográficos e avaliações morais, enfim, um painel claro e vivo do movimento da época.

O movimento modernista é assim abraçado e vivenciado por Pedro Nava e seu famoso Grupo do Estrela. Há um sentimento de renovação e a proposta de uma literatura brasileira num cenário marcado por uma vivência julgada retrógrada pelos jovens escritores e boêmios da cidade de Belo Horizonte do início do século XX. A mistura do velho com o novo, do tradicional com o moderno, foi parte da fisionomia intelectual da capital mineira e, assim sendo, a cena que o autor das memórias reproduz em sua narrativa.

3.2 ENTRE CRÍTICAS E AFAGOS

Uma das maneiras de se pensar o coronelismo é, sem dúvida, analisar sua estrutura por meio de sua clientela política. Dessa forma, o poder do coronel pode e deve ser medido pela somatória total de seus votos, ou seja, seu poder de influência se materializa no momento das eleições. É importante salientar também que esse coronel pode ser tanto local quanto estadual e, logicamente, federal, tendo nos cabos eleitorais o elo com a população.

O coronelismo em Minas Gerais no período republicano chamado de café com leite congregou dois grupos advindos de momentos e propostas diferentes: os adesistas e os republicanos. O primeiro era formado por aqueles que aderiram de última hora à causa republicana a fim de não se desligar das esferas de poder, ganhando maior importância no âmbito estadual; o segundo grupo, os republicanos convictos ou históricos, destacava-se por sua história de luta pelo movimento. O envolvimento e a participação no processo lhes renderam um campo de atuação maior na esfera federal (CAMPOS e FARIA, 2005). O que se nota é que, independente do espaço ocupado, são grupos dissidentes de antigas classes dominantes do cenário político nacional.

Pedro da Silva Nava era, antes de qualquer coisa, um sujeito de seu tempo. Como tal, vivenciou um cenário político brasileiro marcado pelo complexo político do coronelismo, política dos governadores, república das oligarquias e da política do café com leite. Esse cenário – já adiantado – o memorialista satirizou e dele se dizia um constante opositor, mesmo que em determinados momentos se beneficiasse dos favores típicos desse sistema.

Minas se destacava por ser uma força política no Brasil, enquanto São Paulo era a maior potência econômica. Para além desse aspecto, as formas de manutenção do poder passavam por relações de troca de favores que cada vez mais fortaleciam o poder dos coronéis. “Aspecto essencial existente é o da possibilidade de barganha e a consideração do voto como uma posse, que marca os eleitores diante dos respectivos chefes” (FAUSTO, 1989, p. 160). É claro que a opressão e a violência também devem ser destacadas como meios para a obtenção de votos, de forma igualmente acentuada.

O emprego de sua mãe e seu próprio ingresso na Secretaria de Higiene ocorreram por meio de favores políticos. Ela foi contratada por meio de um favor concedido por Antônio Nogueira Penido ao amigo Lafayette, que era casado com sua amiga e mediadora Julina Rosa França. A função era de auxiliar de estações dos telégrafos. Entretanto, outro fato já havia ocorrido, o que possivelmente levaria a família para o interior do estado.

Foi quando minha Mãe decidiu aumentar nosso orçamento tornando-se funcionária pública. Aliás essa era a segunda vez que isso lhe passava pela cabeça. Da primeira, conversava com o pai. O Major concordara, mexera-se e viera com que lhe fora possível. Minha Mãe seria nomeada professora de trabalhos no Grupo Escolar de Arassuaí, por obra e graça de um seu amigo, potentado no Norte de Minas, o **Coronel Franco**, que já conversava com o **Coronel Fulgêncio**, que estava de acordo.³⁶

(NAVA, 1978, p. 13-14)

O resultado já sabemos: ela recusou a proposta, o que a levou a assumir o cargo nos Telégrafos. Sobre a vaga ocupada por Pedro Nava na Secretária de Higiene, já nos referimos a ela no primeiro capítulo: ele consegue o emprego porque portava um bilhete de recomendação do Dr. Afonso Pena Júnior, secretário do interior³⁷, direcionado ao então chefe da secretaria, o Sr. Diretor Samuel Libânio.

Sobre o prefeito Manuel Thomaz de Carvalho Brito, a história também ganha rumos de pouca neutralidade por parte do memorialista. Em um tempo de condições precárias, sua mãe varava a noite no trabalho, com uma volta difícil para casa. Assim que ela e o filho se empregaram a renda da família aumentou consideravelmente. Eles deixaram de morar de favor e alugaram uma casa no Aimorés. Contudo, o caminho de volta era escuro e ainda era preciso atravessar pinguelas pelo meio do caminho.

Por um parentesco distante com Zizinha (Dona Elisa Albuquerque de Carvalho Brito), esposa do prefeito, a mãe de Nava o procura para resolver o problema da

³⁶ Grifo meu.

³⁷ Secretaria criada pela Lei n. 6, de 16 de outubro de 1891. Suas atribuições envolviam os negócios referentes à justiça, segurança, estatística, saúde pública, magistratura, instrução pública, eleições e leis. Além disso, cuidava das relações do estado de Minas Gerais com os governos dos outros estados e com o governo federal. Entre 1901 e 1910, com a extinção da Secretaria da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, a repartição de terras, a colonização e a imigração foram transferidas para a Secretaria do Interior, recebendo a denominação de Inspetoria de Terras e Colonização. Em 1926, pela Lei n. 919, de 4 de setembro, os serviços concernentes à administração da polícia, segurança pública, assistência e saúde pública foram transferidos para a recém-criada Secretaria de Segurança e Assistência Pública. A nova secretaria durou apenas quatro anos. Após sua extinção, em 1930, esses serviços retornaram para a Secretaria do Interior. Com a criação da Secretaria da Educação, no mesmo ano, a Secretaria do Interior deixou de responder pelos serviços relacionados à instrução pública. Em 1963, com a reestruturação ocorrida no estado, ela teve a sua denominação alterada para Secretaria do Interior e Justiça. (ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO)

iluminação em seu trajeto. Ao saber do favor atendido, Nava muda completamente sua visão sobre esse sujeito. Vejamos:

Quando veio a luta política de Antônio Carlos contra Washington Luís, que culminaria na Revolução de 30 e o Carvalho Brito ficou com o segundo e comandando, em Minas, a *Concentração Conservadora* – as comportas do ódio rebentaram e era **costume dizer sempre o pior desse mineiro que se “voltava contra Minas”**. **Eu seguia a voga e mantinha essas opiniões do Bar do Ponto (...)** A eletricidade falhava em Belo Horizonte. Sim. **Mas falhava tudo na cidade**. Calçamento, obras públicas, saúde (...) Pois eu tive de entrar em luta comigo mesmo. De fazer um esforço enorme para desmanchar opiniões cimentadas de nada e passar a **considerar bem e como grande mineiro, nosso Brito**.³⁸

(NAVA, 1978, p. 282-283)

Depois da descoberta de favores pessoais, mesmo que indiretos, podemos notar a tentativa de Pedro Nava de tirar a culpa pelas péssimas condições da cidade daquele que era seu inimigo, já que o memorialista era um opositor. Contudo, sua abordagem isenta algumas figuras de certas responsabilidades por um apreço pessoal. Mesmo assim, é inegável sua contribuição para entendermos esse processo político e alguns fatos que serão abordados, como o próprio coronelismo, a Revolução de 30 e as campanhas políticas desse período.

O termo “parentela” que estamos utilizando não tem sido muito empregado na linguagem sócio-antropológica; porém não se trata, no caso brasileiro, da “família grande”, constituída de várias gerações de casais vivendo juntas sob o mesmo teto; por outro lado, o grupo familiar ultrapassa a família nuclear, pois reúne numa rede de reciprocidades, de deveres e de direitos tios, sobrinhos, primos, além de avós e netos, estendendo-se portanto não só a montante quanto a jusante da grande corrente das gerações, e espraiando-se também horizontalmente para as duas margens de modo distinto.

(FAUSTO, 1989, p. 195)

Vale ressaltar que esses grupos familiares também são os mesmos que mantiveram fortunas por todo o país, já que no Brasil, anteriormente e também nesse período, os meios de acesso à fortuna davam-se em grande parte por meio de herança ou casamento. Muitos chefes municipais possuíam boas relações de amizade e, é claro, de parentesco. “Em todos esses graus da escala política impera, como não podia deixar de ser, o sistema de reciprocidade ” (LEAL, 2012, p. 63).

Os tipos de relação estabelecidos pelos coronéis geram uma dependência mútua: a liderança exige um tratamento de reciprocidade, pois sem isso ela estaria sensivelmente diminuída. Os governos nesse período geram uma impossibilidade de controle do todo,

³⁸ Grifo meu.

“a autonomia local favorece as administrações perdulárias ou corruptas, pela impossibilidade de um controle do alto” (LEAL, 2012, p. 70). Dessa forma, os cofres e serviços públicos eram mecanismos para a manutenção da elite agrária nos poderes executivo e legislativo da república brasileira que Pedro Nava vivenciou em sua juventude.

A lista de favores não se refere apenas à ordem pessoal; a ajuda financeira da qual depende o município coloca o estado numa posição privilegiada. Além de serviços básicos, como escolas e hospitais, os próprios fazendeiros necessitavam de obras, como, por exemplo, as estradas que serviriam para facilitar o escoamento de sua produção. Essa troca era intensa e, por consequência, gerava uma dependência mútua. Todavia, Nava não poupou o sistema de suas críticas e ironias. O que ele chamava de “profilaxia rural” se referia a uma ainda deficitária saúde pública, o que é comparado ao quadro da política do estado. A secretaria de Higiene, órgão responsável por tabular as estatísticas sanitárias nos poucos lugares onde a saúde pública se fazia presente.

Essa comissão federal funcionava sinergicamente à higiene estadual e as duas tinham a mesma direção. Uma espécie de monarquia dual como a Áustria-Hungria e excelente oportunidade para os médicos e funcionários do peito mamarem logo em duas tetas – a estadual, muxiba, a federal, ubérrima. Pertenciam à mesma, na sede, os doutores Ernâni Agrícola e Casimiro Laborne Tavares.

(NAVA, 1978, p. 42)

Assim ele descreve a esfera política nos planos estadual e federal. Destaque para o bernardista e antibernardista, além de Washington Luís na esfera federal e Raul Soares, Melo Viana e Antônio Carlos R. de Andrade no plano estadual. Nesse cenário, o Grupo do Estrela se dedicou a criticar a manutenção do poder por parte do Partido Republicano Mineiro, tanto dentro do próprio estado quanto sua aliança com o Partido Republicano Paulista.

No plano estadual o Grupo fazia oposição ferrenha. Depois de ler os jornais, os comentários se repetiam: “Reprovava-se sempre o governo. País perdido ... Beira do abismo...” (NAVA, 1978, p. 105). O cargo de presidente do estado, ocupado sempre por famílias de ilustres fazendeiros de Minas Gerais, em 1922 foi assumido por Raul Soares.

Homem frio e distante, uma figura de extrema respeitabilidade, foi criador da Cruzada Republicana, um contingente da polícia de Minas Gerais destinada a lutar contra a Revolução Paulista. No dia 4 de agosto de 1924 ele morre. Seu funeral levou uma multidão às ruas da capital. Para Pedro Nava esse político foi mais temido e respeitado

do que querido; sua morte representa uma grande abertura e uma enorme reviravolta na política estadual: “Com Raul pode ser que houvesse um 1930 mas... sem Minas. ” (NAVA, 1978, p. 109).

De 4 de agosto a 21 de dezembro Olegário Maciel ocupa o cargo, até que tome posse Fernando Melo Viana. Segue o predomínio do Partido Republicano Mineiro. A ressalva a ser feita é que a criação de um órgão do governo para a defesa do patrimônio nacional poupa o governo das críticas e ironias, sem deixar de estabelecer e frisar que, mesmo com o elogio e a ação pela brasilidade do presidente do estado, o Grupo do Estrela ainda se mantinha em constante oposição.

O substituto de Melo Viana foi Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, ficando no posto de 7 de setembro de 1926 a 7 de setembro de 1930. Sobre esse político mineiro Nava guardava um rancor de família aprendido com seu tio Heitor Modesto. “E vinha agora Presidente do Estado de Minas Gerais! Era aguentar e continuar do contra” (NAVA, 1978, p. 325). Contudo, tudo muda quando ele é convidado para jantar com sua família.

Antônio Carlos Ribeiro de Andrada. Pela primeira vez tive a sensação de ter um amigo no governo e dei graças a Deus pelos fados que o tinham conduzido ao palácio da liberdade. Diziam que ele, mal visto pelo Bernardes e mal visto pelo Raul, estivera com seus dias políticos contados e que a guilhotina já estava armada para cortar-lhe a cabeça e atirar tudo que fora dele nos limbos gelados do ostracismo.

(NAVA, 1978, p. 346)

O convite parte de seu amigo Fábio Andrada, filho do então presidente. Nava explica sua situação embaraçosa, contando ao amigo que sua família já teria tido um entrevero político com os Andrada nos tempos de Juiz de Fora. Ciente da história, contada pelo próprio pai, Fábio firma o convite e revela ser fato superado por sua família. Nava narra, baseado na voz do bar do ponto – segundo ele próprio, a voz de Deus –, que a indicação de Antônio Carlos Andrada à presidência do estado já seria um desagrado a Arthur Bernardes.

Os dias agitados na capital mineira ficavam a cargo de manifestações, sobretudo de estudantes, ou das vibrações cívicas que os coronéis causavam ao visitarem as cidades, como descreve Nava sobre o contato do povo com Bernardes e Melo Viana.

Dias também agitados eram os da chegada de políticos. Vinham de excursões consagratórias no interior, voltavam de eleições unânimes, chegavam para ler ou depois de ter lido plataformas. Com Bernardes e Melo Viana a vibração cívica chegava a paroxismos. Os dois eram realmente populares. Cada qual, a seu gênero, representando o símbolo fálico e genitor que a psicanálise e o freudismo emprestam à figura dos chefes de estado. Melo Viana era íntimo,

dadivoso e paternal. Bernardes era distante, punitivo e paternalista. Uma chegada de Melo Viana era inesquecível. Ele descia do seu trem e cumprimentava os políticos admitidos à plataforma. (...) Ele mesmo dispensava o carro oficial, afastava os guardas, passava por cima ou rompia os cordões de isolamento, atirava fora o chapéu e caía nos braços do povo. (...) Já as de Bernardes eram impressionantes. Ele era mantido dentro de um vasto espaço vazio feito por tiras de mãos dadas a seus partidários mais ferozes, como por exemplo meu amigo César Damasceno. (...) Havia paradas obrigatórias e novos magotes engrossavam a multidão já comprimida. Irrompiam oradores e o cortejo parava para escutar. Impassível e gelado o grande líder ouvia o discurso, respondia em palavras corretas e breves, sempre mais ou menos as mesmas, em cada estação daquela marcha apoteótica.

(NAVA, 1978, p. 287-288)

Olegário Maciel sucede Antônio Carlos Andrada, mais uma vez, governando de 1930 a 1933, quando assume Gustavo Capanema, ex-chefe de gabinete do presidente Maciel. Segundo Nava, seu primeiro cargo político foi a cadeira de vereador de Pitangui, onde era professor e advogado. Sobre seus feitos políticos, o memorialista destaca a criação de universidades, as reformas no ensino – ergueu o edifício do Ministério da Educação – e foi constituinte em 1946, entre tantos outros cargos.

Sobretudo, para Pedro Nava, Capanema foi o portador do discurso modernista no governo. Fez de Carlos Drummond de Andrade seu chefe de gabinete e de Mário de Andrade, Rodrigo Melo Franco, Lucio Costa, Oscar Niemeyer e Candido Portinari seus assessores. Entretanto, já estamos aqui na chamada Era Vargas, e o que nos importa está um pouco antes, ainda nos entre 1920 e 1930. Voltemos ao coronelismo.

No âmbito nacional, a campanha de 1922 é destacada por Pedro Nava sobretudo por sua posição antibernardista. Ocorre o episódio das *cartas falsas*, em que o candidato Arthur Bernardes é acusado pela oposição de ofensas ao exército. Na ocasião fica provada a inocência do político de Minas “Os maus brasileiros eram os adversários de sua candidatura e de sua posse” (NAVA, 1978, p. 107). *Os maus brasileiros* era o suposto termo utilizado por Bernardes para classificar o exército nacional.

Fato é que a carta, sendo ou não redigida pelo candidato da situação – pois Bernardes recebia apoio de São Paulo e Minas Gerais –, gerou um grande desconforto entre ele e o órgão militar brasileiro. Dessa forma Nava passa a narrar em meio a sua memória pessoal os fatos e grupos que manifestavam sua insatisfação com o modelo político das oligarquias desses dois estados.

Esse sentimento só aumenta para o memorialista, num cenário de domínio oligárquico em que sua geração assume o papel de contestadora. Nava se intitulava um

oposicionista nato, dizia que em relação à política sua posição seria sempre essa. Só em no fim dos anos 1920 é que esse cenário começa a se alterar. Nava abordará assuntos como o tenentismo, a Revolução Paulista e a Revolução de 30.

O tenentismo representou um papel significativo do ponto de vista organizacional dos movimentos revolucionários do Brasil dos anos vinte. Sobretudo, é importante salientar que o movimento é um antes da Revolução de 30 e outro depois dela. Como Nava aqui narra o transcorrer da década, é importante destacar essa primeira fase.

Definimos o tenentismo, em linhas gerais, como uma espécie de vínculo entre a revolução e os meios civis, pois os tenentes se autodeclaravam responsáveis pela salvação nacional. Era um movimento que procura substituir, e não organizar o povo – o reconhecimento de sua falta de preparação para assumir as tarefas da elite dirigente leva o tenentismo a assumir um caráter substitutivo, pois seu esteio está na transferência do poder por figuras civis de origem conservadora.

O tenentismo dessa fase pode ser definido, em linhas gerais, como um movimento política e ideologicamente difuso, de características predominantemente militares, onde as tendências reformistas autoritárias aparecem em embrião. As explosões de rebeldia – da revolta do Forte de Copacabana à Coluna Prestes.

(FAUSTO, 1982, p. 57)

O Forte de Copacabana é um sinal claro e evidente da postura de isolamento civil assumida pelos tenentistas, em contraste com sua impossibilidade de entregar o poder a um de seus membros de fileiras. Nesse momento os tenentes negociaram com civis da elite conservadora, mas não buscaram no povo qualquer tipo de apoio, já que deflagraram a revolta sem qualquer aviso prévio (SODRÉ, 1965).

Sobre o tenentismo Nava expressa sua opinião afirmando que antes do dia 5 de julho de 1924 os tenentes não tinham a completa simpatia dos modernistas. O elemento que de certa forma os unia era a antipatia àqueles a quem ambos se insubordinavam. Apesar do fator comum, o ódio pelo governo, Nava discorda de Oswald de Andrade sobre qualquer outro tipo de relação existente entre a semana de 1922, ocorrida em fevereiro, e a Revolta do Forte, de julho do mesmo ano.

Creio que venho a propósito dar aqui não digo a nossa mas minha opinião sobre *Modernismo e Tenentes*. Há quem estabeleça (como Oswald de Andrade) analogias nas rebeliões de uns e outros. (...) O *Tenentismo* busca suas raízes históricas na Questão Militar, vinda do Império, enquanto o *Modernismo* tem suas origens em reformas estéticas de importação europeia.

(NAVA, 1978, p. 178)

O que esses movimentos provocaram na sociedade brasileira dos grandes centros urbanos foi o sentimento de renovação. Vale destacar que o interior do país muito pouco se envolvia com a política nacional. A geração do Grupo do Estrela assumia esses movimentos políticos, sociais e militares como o grito de esperança para a sociedade brasileira.

A revolução de 1924 em São Paulo, apesar de buscar uma maior participação popular, ainda mantinha a mesma perspectiva do Forte de Copacabana – tentou organizar setores da sociedade civil para se estender a outros estados brasileiros, além de São Paulo, Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro. Apesar de Nava estar em Minas Gerais e as ideias e conceitos de alguma forma terem chegado até seu grupo, isso não legitima o sucesso, do ponto de vista da participação civil, dos movimentos organizados pelos militares.

A 5 de julho de 1924 estoura em São Paulo um movimento revolucionário chefiado por Isidoro Dias Lopes e Miguel Costa que ia abrir nova fase em nossa história. A impressão causada foi profunda e fez exultar minha geração. Tivemos de repente a revelação de que não éramos apenas uma população de cadáveres e sim um povo começando a despertar. Consequência dessa insurreição seria a Coluna Prestes, que de 1924 a 1927 foi, como a rebeldia de Canudos, como as batalhas relâmpago dos *Brilhantes*, de Antônio Silvino e Virgulino Lampião – uma das grandes provas de nossa vitalidade. Os nomes daqueles dois chefes e mais os Luís Carlos Prestes, Juarez Távora, Siqueira Campos, João Alberto, Cordeiro de Farias, Djalma Dutra e os relatos de seus combates com as polícias de São Paulo, Minas Gerais e Bahia tornaram-se legendários. Afinal ganhou a máquina do Governo mais um sentimento novo tinha nascido – a esperança.

(NAVA, 1978, p. 205)

É certo, sobretudo, que apesar da pouca participação popular nos movimentos tenentistas, não se pode descartar sua aceitação. As camadas médias urbanas tinham grande simpatia pela proposta do movimento. “Mas não se pode inferir da simpatia popular para com os ‘tenentes’ a existência de uma estreita vinculação entre o movimento e as chamadas camadas médias” (FAUSTO, 1982, p. 62). É importante salientar que a séries de crises que o país enfrentou atingia as classes urbanas de menor expressão econômica, o que de alguma forma aproximava os interesses de grupos distintos.

Em suas memórias Nava descreve a tamanha desaprovação que teve o governo de Raul Soares ao criar a Cruzada Republicana, com a incumbência de defender a república contra o segundo momento do tenentismo, conhecida como Revolta de 1924 ou Revolta Paulista de 1924. “Logo nos princípios da Revolução Paulista, seguiu de Belo Horizonte forte contingente da Polícia de Minas para ir lutar em São Paulo” (NAVA, 1978, p. 205). Vale ressaltar que, com o fim da I Guerra Mundial, a economia brasileira entrara em crise

causada pela queda das exportações, o que contribuía ainda mais para o clima de insatisfação contra a política do café com leite.

A Revolução de 30, movimento que agrupa vários setores da sociedade contra a eleição do então governador de São Paulo, Júlio Prestes, para a presidência, que nesse momento se encontrava sob a tutela de Washington Luís, fez de Nava um participante direto desses movimentos, devido à prestação de serviços na Santa Casa para cuidar dos feridos de “guerra”. “À Revolução de 1930 deparava-se, desde logo, uma gigantesca tarefa: desmontar a máquina política da República Velha, cujas raízes estavam entrelaçadas a situações municipais” (LEAL, 2012, p. 94).

Em Minas Gerais o exército permaneceu ao lado do governo federal, enquanto a polícia militar e o povo se manifestavam em defesa da Aliança Liberal. “As forças revolucionárias atacavam as tropas federais e enfrentavam aviões da força aérea legalista” (CAMPOS e FARIAS, 2005 p. 152). Determinado pelo presidente do estado de Minas Gerais, Olegário Maciel, iniciou-se o movimento de insurreição, ordenando que a polícia estadual – a Força Pública Mineira – tomasse o quartel do 12º Regimento de Infantaria do Exército da cidade de Belo Horizonte. A essa altura o povo e os militares já esperavam na praça da Liberdade os desdobramentos da revolução. Toda a cidade estava tomada pela euforia e/ou pela tensão do movimento.

Belo Horizonte formou um grande batalhão de voluntários. A resistência do 12º Regimento de Infantaria não era, todavia, uma ameaça aos revoltosos. O jornal O Minas Gerais, órgão oficial do governo mineiro, publicou um manifesto no dia 3 de outubro que convocava o povo a apoiar o movimento.

Durante toda a noite, no Palácio da Liberdade, o presidente Olegário Maciel, cercado de membros do governo, acompanhava o movimento, sereno e confiante na vitória da Revolução. Poucos minutos depois da meia noite, recebia-se a primeira comunicação do Sr. Getúlio Vargas. A guarnição de Porto Alegre havia resistido, provocando um choque rápido e sangrento. O comandante da Região Militar, general Gil de Almeida, fora feito prisioneiro, com seus oficiais. O mesmo rádio anunciava a adesão de todas as demais unidades federais aquarteladas no Estado.

(MORAES, 1990, p. 417)

Enquanto os gaúchos tomavam o Paraná, que estrategicamente era favorável aos revolucionários, os mineiros ainda estavam em um estágio de grande indefinição. Temiam ataques vindos da Bahia, pois lá estava o vice de Júlio Prestes, assim como do Rio de Janeiro, próximo à zona da mata. Em Belo Horizonte o conflito, que havia se

deflagrado em outras regiões, começa no dia 4 de outubro, com os primeiros tiros de canhão, tiroteios, bombas e até o uso de avião, como destaca Nava.

Nessa situação mudei-me para Santa Casa e dormia em colchão posto no assoalho de uma sala de espera recém-construída e que dava no corredor central. Dormíamos – porque vários médicos estavam ali comigo, dando plantão contínuo. Entre estes, Borges da Costa, que passava quase a noite toda acordado – só muito tarde se recolhendo ao seu gabinete de Chefe de Serviço, onde fizera colocar uma cama. A excelência de sua palestra fazia-o cercado de médicos internos em grupo numeroso. Ele gostava de conversar, tinha a arte disto. **Era um conforto ouvi-lo e à sua voz tranquila, enquanto a noite mineira era rasgada sem parar pelas rajadas subentrantes das metralhadoras do Doze.**³⁹

(NAVA, 1978, p. 312)

Nava narra, além dos sons da revolução, seus esforços para salvar as vítimas que enchiam os corredores da Santa Casa. As forças legalistas – governo federal – se esforçavam para conter os revolucionários; estes se esforçavam para derrubar o governo. Em Minas, a rendição do 12º Regimento de Infantaria se deu no dia 8 de outubro, após um grande saldo de feridos e mortos por parte dos legalistas. Derrotadas na capital, as forças do governo vão acumulando baixas em outras cidades do estado.

Ao falar sobre seu melancólico professor Borges da Costa e sua participação na revolução, o memorialista descreve parte do que foi esse movimento e qual sua intencionalidade. Vejamos:

Vou agora a 1930. Revolução. Minas. Paraíba e Rio Grande contra o Barbado. Borges da Costa retirou dos armários seu velho uniforme da Missão Médica na Grande Guerra e apresentou-se fardado na Secretaria de Segurança para oferecer seus serviços. Não logrando seguir com a tropa, mudou-se para Santa Casa, assumiu o seu Serviço, operando de dia e de noite. Lembro muito dele nesse período dramático de nossa cidade. Júlio Soares era o Diretor Clínico daquele hospital de Belo Horizonte, mas a quantidade de feridos civis que eram trazidos obrigou-o a ocupar-se exclusivamente da sala de cirurgia e dos leitos de emergência colocados até nos corredores.

(NAVA, 1978, p. 311-312)

Assim Nava conta que sua vida nesses dias fora de um plantão contínuo. Dormia e passava o dia na Santa Casa, atendendo os feridos por rajadas de metralhadoras. “Cresci dentro desse sentimento da cidade. Quando veio a luta política de Antônio Carlos contra Washington Luís, que culminaria na Revolução de 30 ” (NAVA, 1978, p. 282). O governo de Minas ficaria ao lado dos paulistas, Melo Viana e Carvalho Britto levariam a frente antirrevolucionária à formação da Concentração Conservadora.

³⁹ Grifo meu.

Dessa forma, uma ideia conservadora gerou grandes problemas e contestações dentro de Minas Gerais, que juntamente com Rio Grande do Sul, Paraíba e tantos outros setores da sociedade brasileira, como a força militar nacional, se opunham à sucessão do governo por mais um representante das forças oligárquicas de São Paulo. O Brasil caminha para o fim da República Café com Leite.

“Durante toda a década de trinta, se traduz na constituição de uma poderosa e quase impenetrável oligarquia que se divide e se entrelaça na medida dos interesses comuns e ligações familiares” (FAUSTO, 1982, p. 43). Assim, os traços essenciais da velha política mineira perduram significativamente por quase toda a década. Os mineiros não lutavam por um projeto político definido, mas sim por sua manutenção no poder.

O protagonismo de Minas Gerais na luta contra os paulistas lhe rendeu, no início da Era Vargas, o privilégio de ser o único estado brasileiro a não sofrer com o intervencionismo. O governador Olegário Maciel ficaria no poder até sua morte, em 1933. A revolução parece não chegar, de fato, à região. Os políticos que se colocaram a favor da Aliança Liberal tinham suas raízes solidificadas nos grupos tradicionais de famílias mineiras.

O Partido Republicano Mineiro sai da Revolução de 30 como um grupo minoritário, sustentado por alianças feitas com os gaúchos. A partir de 1933, com a morte de Olegário Maciel, o partido teve pouco espaço entre as principais forças que circulavam nos primeiros anos do governo de Vargas. “Internamente, essa fase foi marcada pela mudança decisiva do poder econômico para a zona central, onde a metropolitana Belo Horizonte aparecia como um polo dinâmico de crescimento”. (FAUSTO, 1989, p. 79).

A mudança na esfera política altera também os processos econômicos. A zona da mata e a parte sul do estado perderiam espaço para novas cidades em ascensão na região leste e para o triângulo mineiro. É importante salientar que os coronéis não desapareceram do cenário político e econômico de Minas Gerais, eles se ajustaram à nova política vigente. O modelo político da primeira república se esgota, mas os personagens não saem de cena. Após 1933 os coronéis foram classificados como “clientes” de Getúlio Vargas.

3.3 O GRANDE BAR DO PONTO

Belo Horizonte, já em sua gênese, teve que conviver com influências externas, nacionais e internacionais, tanto em sua concepção física quanto cultural. Esses fatores são perceptíveis nos espaços destinados aos indivíduos de épocas passadas e aos passeantes e leitores de hoje. As memórias de Pedro Nava revelam uma sequência de hábitos definidos por tais influências nos ambientes de uma cidade em formação, que convivia obrigatoriamente com o diferente. O espaço de convívio reflete tanto no sujeito dotado de posses quanto no periférico, misturando o cenário político e as representações de poder com jovens donos de um sentimento revolucionário, a tradicional família mineira e os jovens boêmios. Assim vão se chocando valores e posturas de um lugar em movimento.

Os parques, bares, cafés, confeitarias e, posteriormente, o cinema, compõem aquilo que se pode chamar de uma cidade moderna no fim do século XIX e início do XX. Os cafés, como o Estrela ou o Bar do Ponto, “representam locais onde a impessoalidade do indivíduo moderno cede lugar para uma peculiar interioridade” (LEMOS, 2010 p. 53). As experiências dos frequentadores desses lugares transbordam a convivência ou sociabilidade para se configurarem como lugares plenamente públicos, onde a liberdade pode realmente ser expressa.

A cidade é repleta de símbolos, sejam eles sinais e signos físicos, como construções que representam o poder, a vida boêmia e o trabalho, ou vinculados ao campo do inconsciente dos indivíduos daquele lugar. O homem, sendo a integração de sua condição social e biológica, é expressão de seu tempo e de sua cultura, a partir dos quais gera o sentido de sua vivência. Numa cidade o centro é o lugar de encontro das mais variadas figuras que compõem sua totalidade; em Belo Horizonte, nos anos 1920, esse centro eram os limites do que Nava chamava de o Grande Bar do Ponto.

O espaço da cidade é então “vinculado ao inconsciente urbano, que pertence à relação entre a natureza e cultura” (LEMOS, 2010, p. 14). Dessa forma ela pode ser entendida como os “espaços” nos quais sua totalidade só existe em sua fragmentação e esta só pode ser entendida como parte de um todo. A cidade é então o lugar do diverso,

do outro, do movimento. O plano de construção de Belo Horizonte teve como base as singularidades vinculadas ao seu processo de gestão.

Salvaram-se em sua rotina os aspectos de sua identidade colonial e tentou-se elaborar um plano paisagístico capaz de gerar maior sensação de proximidade, como por exemplo, a capital estadunidense. Washington seria uma cidade com diversas ramificações e centros – econômico, político, cultural – ligados por ruas radiais. Dessa forma os espaços não teriam necessariamente que ser representações de poder. A cidade preservaria assim o deslocamento. Belo Horizonte até conservou alguns traçados dessa concepção, mas não em seu todo.

A ideia de “pulmões” da cidade foi adotada sem que se perdessem os aspectos de uma outra cidade-modelo, Paris. A construção-símbolo de Luís XIV, o Rei Sol, era repleta de monumentos, dando à cidade eixos. Em Belo Horizonte temos, como exemplo, o encaixe entre o setor de indústria e serviços funcionais e os espaços de grupos privilegiados. Aarão Reis manteve em sua planta aspectos das duas cidades – Washington e Paris –, deixando a então Cidade de Minas com uma setorização funcional baseada em serviços urbanos e uma hierarquia na sua distribuição espacial.

As preocupações que norteiam as construções do fim do século XIX e o desenrolar do século XX têm em sua base a constante renovação do espaço urbano. “As demais coisas velhas são tidas ora como insalubres, ora como pequenas, atrasadas – defasadas sempre, em suma – em relação à cidade” (CHACHAM, 1986, pp. 184-185). Os habitantes dos espaços mais antigos, como o do até então Curral Del Rei, são colocados à mercê da cidade com a justificativa que esses lugares são empecilhos para o crescimento e para o progresso.

Dessa forma, a memória urbana se encontra em meio a uma luta entre os lugares perdidos e as novas tendências progressistas na construção da identidade de seus indivíduos. Os lugares das experiências vividas recebem uma personalidade que constrói a identidade dos sujeitos que figuram neles. Cada rua, bairro, praça ou estabelecimento comercial recebe de Nava uma personalidade própria, seja ela fixa ou móvel. O autor rememora o passeante de Belo Horizonte e os detalhes captados em sua escrita reconstróem o ritmo do movimento daquelas figuras, recuperando assim a paisagem física, intelectual, moral, política e social de Belo Horizonte. Todos os lugares, pessoas e objetos são signos do tempo histórico narrado por Pedro Nava.

um ponto de encontro dos moços e moças belo-horizontinos. Acima de tudo, era um complexo que abrigava várias ruas nas quais os cidadãos vivenciavam as mais variadas experiências. Para Nava o Bar do Ponto é uma referência.

O Bar o Ponto é um vasto hexágono irregular que tive várias vezes a honra de atravessar, no tempo em que se o fazia flanando, conversando, sem esperar o pare! E o siga! Da luz vermelha, da verde, das mangas brancas dos guardas e do trilode de seu apito.

(NAVA, 1978, p. 4)

Nessa referência o memorialista⁴⁰ descreve a passagem de um tempo pacato e de vivência boêmia, em contraste com um período acelerado e conturbado que chega com o advento da modernidade. Nava se referia ao “Grande Bar do Ponto” como todo o perímetro onde ficava a Avenida Afonso Pena, a esquina da Goiás, Goitacazes, Tupis, Espírito Santo e a rua dos Tamoios, além de desembocar no viaduto Santa Tereza⁴¹. Aqui podemos observar a cidade do sonho progressista e das centelhas modernistas.

Esse espaço sagrado era lugar de encontro. Ali se passava a vida pública de Belo Horizonte, que, por ser a capital do estado, representava a vida pública de Minas Gerais. A freguesia era habitual no Bar do Ponto: aqueles de um cafezinho rápido e os de uma boa cervejada mais demorada, ou até mesmo aqueles que tomavam suas cachacinhas escondidas em xícaras de café para evitar falatórios e escândalos da tradicional família mineira. Mais ao centro do bar, as conversas de negócios ou de ócio e os debates acalorados sobre futebol, com “torcedores e jogadores do Atlético, do América, do Yale e do Palestra” (NAVA, 1978, p. 4).⁴²

Os bares ficaram para a história da cidade e para a memória de sua população. Marco de uma identidade coletiva, o Bar do Ponto seguia como uma referência, conjugando-se como espaço público e um lugar exclusivo de cada habitante e frequentador de suas instalações. Contudo, o bar tinha sua mobilidade – o local, ou seja, seu espaço físico é superado em sua vivência. “As reuniões no Bar do Ponto sugeriam

⁴⁰ É importante salientar que o momento da lembrança não é o mesmo momento lembrado. Isso faz que algumas referências do memorialista sejam do presente da lembrança.

⁴¹ A construção do viaduto teve como responsável o engenheiro Emilio Baumgart, um expoente entre os profissionais das estruturas de concreto armado no Brasil, que atuou junto ao grupo modernista carioca. O arco parabólico, a parte mais importante e difícil do projeto, consumiu 700 metros cúbicos de concreto.

⁴² A Societá Esportiva Palestra Itália é obrigada, por um decreto que definia a alteração do nome de qualquer instituição que fizesse referência à Itália após a entrada do Brasil na II Guerra Mundial. Passa a se chamar, portanto, Cruzeiro Esporte Clube, em homenagem ao símbolo da pátria brasileira, e passa a usar a cor azul para homenagear a Itália.

uma democratização dotada de personalidade pública, configurando-o como centro social” (LEMOS, 2010, p. 53).

As pessoas que por ali passavam recebiam e depositavam as mais variadas influências. “Aberto num lugar de trânsito, o café recebia uma clientela bastante variada, composta por pessoas dos mais diversos bairros” (SILVEIRA, 1996, p. 139). Era assim o mais democrático dos bares e cafés de Belo Horizonte, que recebia de senhores respeitáveis ao mais simples homem do povo, onde se formava uma rede de grupos, preferências e opiniões das mais diversificadas perspectivas. Era muito próximo do ponto dos bondes, por isso a aglomeração de pessoas trazia toda sorte de tipos citadinos que por ali passavam, tendo sempre a política como um tema em destaque.

Na frente do bar os rapazes se posicionavam para apreciar a passagem das moças, trabalhadores, forasteiros. Todo o movimento da cidade é captado por seu espectador nesse lugar de encontros de amigos e de encontros para trabalho. O polígono formado pela avenida Afonso Pena com a rua da Bahia, desencadeando na ladeira da rua dos Tupis, era o que Nava chamava de “vida social” em Belo Horizonte. Para o memorialista, quem atravessava esse trecho da cidade passava por toda ela.



Figura 3: Rua da Bahia

Disponível em: < <http://belohorizonteantiga.blogspot.com.br/> >



Figura 4: Av. Afonso Pena

Disponível em: < <http://belohorizonteantiga.blogspot.com.br/>>

Na avenida Afonso Pena, ornamentada por seis renques de árvores, estava o cruzamento com as principais ruas da cidade. Naquele pedaço de Belo Horizonte a cidade criava vida. Na ladeira dos Tupis, logo ao virar a esquina, estava o Grande Hotel Globo, em cujo andar de baixo se localizava a Sapataria Central, casa de elegantes artigos masculinos, e a Papelaria e Livraria Oliveira e Costa, vizinha do Bar do Ponto. Por ali nada passava despercebido, as línguas trabalhavam frequentemente, revelando ainda traços interioranos da capital mineira.

Era varado pelo fogo cruzado dos olhares e comentários dos que estavam dentro daquelas três casas e grupinhos formados à beira da calçada. Às vezes, vinha-se alvoroçado, de dentro, correndo até a porta, para assistir à passagem de uma das melhores boas – menina e moça irresistível no seu grande chapéu de tagal enfeitado de largas fitas, no seu vestido de palha de seda, nas meias marrons moldando bem-aventuradas pernas e combinando com a cor dos sapatos rasos ainda sem salto alto. Senhoras da alta. Catraias inexplicavelmente desgarradas àquela hora do dia em tal lugar. Desaforo! A famosa mulata Iracema dos olhos profundos, dos sorrisos promissores e das nádegas de turbilhão. As linguinhas trabalhavam, sobretudo dentro do Bar do Ponto. Que pernas, que seios os desta garota. Pode ser vesga, mas em toda a zona não há outra de cama como ela. Pague cinquentão e experimente. Esta é larga e úmida.

(NAVA, 1978, p. 5)

Ainda passeando por Tupis, em uma parte mais deserta estava a Joalheria Diamantina, sobre a qual Nava narra a venda de um relógio que tinha herdado de seu avô paterno: “As duas tampas com monograma igual e primorosamente gravado: PSN” (NAVA, 1978, p. 128). A farmácia e os fundos da Delegacia Fiscal, a até então segunda sede dos Correios e dos Telégrafos. Ao virar à esquerda por Goitacazes, atravessando a Avenida Afonso Pena para assim chegar ao parque e desembocar no Viaduto Santa Tereza.

A cidade aqui é representada em suas mais variadas faces. Desde madames representantes da família tradicional de Minas, com suas vestes e posturas inabaláveis, até as mulatas pertencentes à zona, a ala marginalizada da cidade. Assim o espaço urbano recebe vida e, ao receber esse movimento, coloca em xeque suas contradições. Outros contrastes como esses aparecem a todo momento na obra de Nava. Na casa da *Madame* ele viu seu conto aplaudido pelo realismo encarnado em suas palavras, mas, ao apresentá-lo a Aníbal, recebeu o alerta.

E acabou dizendo, enquanto esfregava o polegar nos outros dedos, que ali havia matéria, substância, havia, havia, mas que talvez valesse a pena cortar um pouco dos trechos mais crus, suprimir isso, aquilo e mais a cena da moita de bananeiras; outra melhor ainda, da beira do córrego Leitão; e mais forte, a do paiol porque senão eu não conseguiria publicar nada daquilo em Belo Horizonte. Está muito bom, Nava, tem substância como eu disse a você. Mas você sabe, a Família Mineira...

(NAVA, 1978, p. 86)

O conservadorismo da sociedade mineira impedia novas perspectivas intelectuais. Dessa forma a experiência do sujeito das memórias constrói seu espaço. As ruas se revelam, a tradicional família mineira é posta à prova com um grupo de moços que não apenas subiam e desciam a rua da Bahia, como também a fizeram falar. No meio da cidade as relações são estabelecidas, as classes são diferenciadas e os costumes vão dando o tom. A rua dizia quem era quem e quem pertencia a que. Vejamos:

Continuei descendo o lindo jardim de outrora. Um pouco pelo caminho perto da pista central, com seu renque de palmeiras imperiais sob as quais passeavam as moças elegantes no footing do domingo. Quanto namoro começou ali, quanto casamento surgiu desses momentos... Déa Dantas, Milton Campos... Do outro lado renque de palmeiras se repetindo e a aléa dos pobres, povinho, onde passeavam as morenas deleitáveis domésticas de Belo Horizonte. Havia estudantes aficionados uns – ao lado das mulatas, outros – ao lado das brancas. Havia, também, os ecléticos, como o Cisalpino, o Zegão, o Isador que frequentavam os dois.

(NAVA, 1978, p. 29)

No espaço que correspondia a um dos extremos do Grande Bar do Ponto ainda estava o antigo prédio dos correios, um magnífico exemplar da *belle époque* que, segundo Nava, teve que ceder espaço a um arranha-céu a partir do desenvolvimento da cidade. “Era róseo, de arestas pintadas de branco, alternando largos janelões com elegantes janelas finas” (NAVA, 1978, p. 7). A entrada se dava pela avenida Afonso Pena e, ao entrar no *hall*, via-se um espaço tão amplo como uma praça pública. Esse espaço da cidade, deserto e discreto, “servia de encontros de toda sorte, inclusive os de amor” (NAVA, 1978, p. 7).

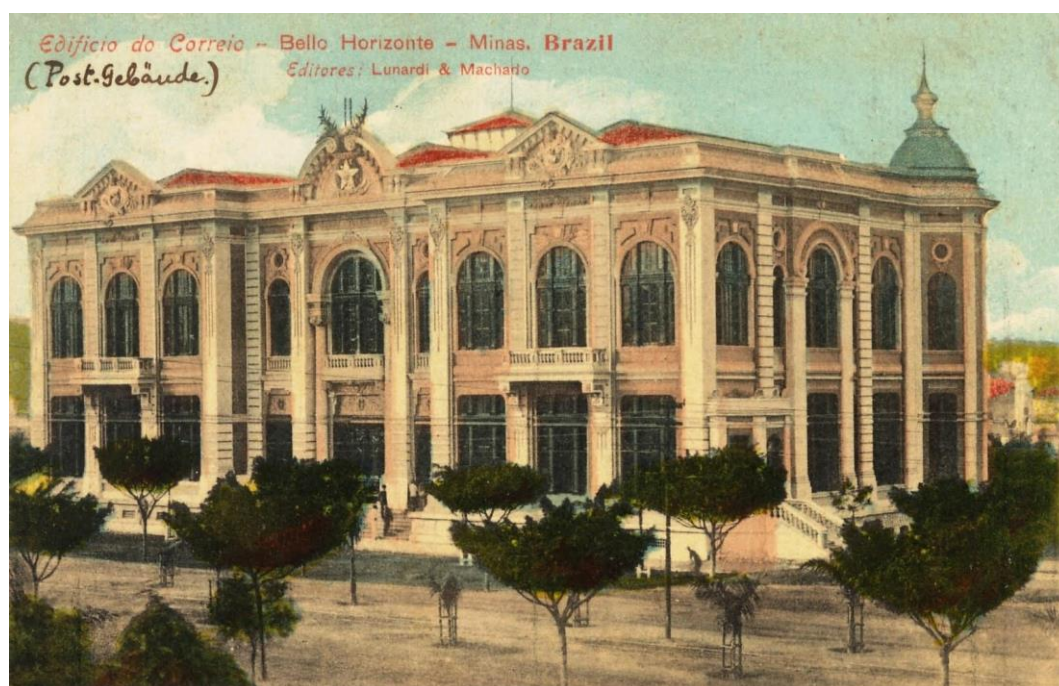


Figura 5: Antigo Prédio dos Correios

Disponível em: < <http://belohorizonteantiga.blogspot.com.br/>>

No encontro da avenida Afonso Pena com a rua dos Tamoios e a Espírito Santo se localizava a Matriz São José. Logo ao seu lado ficava o templo protestante. Sobre a Matriz, Nava destaca sua arquitetura imponente para a época, pois era um símbolo de poder. Suas torres apontando para o céu eram um direcionamento para tradicional família mineira. “Hoje ela encolheu, perdeu altura, esmagada pela paliçada de arranha-céus construídas nas suas costas” (NAVA, 1978, p. 7).

Outro primor da arquitetura da *belle époque* de Minas Gerais é o Palácio da Liberdade, cujas características ressaltam bem o estilo *art nouveau*, todo torneado, com banquetas forradas de veludo vermelho revestindo a parte de ferro forjado. Sua

localização ainda é no alto da avenida Brasil, para quem vem da avenida Afonso Pena, no centro da praça da Liberdade.



Figura 6: Palácio da Liberdade

Disponível em: < <http://belohorizonteantiga.blogspot.com.br/>>



Figura 7: Matriz São José

Disponível em: < <http://belohorizonteantiga.blogspot.com.br/>>

O limite, de fato, do Grande Bar do Ponto se dá no viaduto Santa Tereza, que ligava os bairros de Floresta e Santa Tereza ao centro. Daquele ponto para frente já era outra história. A estrutura física do novo viaduto serviria até como monumento de uma

arquitetura moderna. Sua grandiosidade e beleza servem à organização da cidade e representam o símbolo do progresso que a capital teria trazido à região.

Essa construção de cimento armado comporta um grande vão e sua estrutura é levantada por enormes arcos de concreto e tem largura de cerca de metro. Sua altura é vertiginosa. Pois era esse caminho escolhido pelo poeta de minha geração quando ia tarde para sua casa, na Floresta.

(NAVA, 1978, p. 6)



Figura 8: Viaduto Santa Tereza

Disponível em: < <http://belohorizonteantiga.blogspot.com.br/> >

O Grande Bar do Ponto tinha em seu outro extremo o cruzamento da rua da Bahia com Goiás e Goitacazes. Na Goitacazes estavam, dentre outros estabelecimentos, o Clube Belo Horizonte e o Cinema Odeon, o que Nava chamava de templos da vida citadina na capital mineira. Juntamente com o Bar do Ponto, os Correios e o Hotel Globo, outro símbolo da arquitetura da *belle époque* mineira era o Cinema Odeon. Um prédio de dois andares, tendo à sua esquerda o sobrado do comendador Fonseca, na parte de baixo a Charutaria Flor de Minas e do lado direito a loja do Giacomo Aluotto e as janelas do Hotel Globo, que já davam para a rua da Bahia.

O cinema tinha cinco portas e, tanto nessas entradas quanto na sala de espera, estavam os cartazes anunciando os filmes exibidos. Na bilheteria, toda de metal amarelo, um dos proprietários vendia os bilhetes, “tratando com urbanidade e cumprimentos os senhores, as senhoras e senhoritas e com uma altura olímpica e desconfiada a multidão de rapazes e estudantes” (NAVA, 1978, p. 48). Os cartazes chamam a atenção de Nava, pois os homens pareciam seus heróis dos quadrinhos, e as mulheres, “as heroínas de

nossos livrinhos de safadeza no colégio” (NAVA, 1978, p. 48). Essa sala estava sempre cheia e representava o momento dos rapazes e moças, sempre muito bem apresentáveis, olharem e serem olhados.

As roupas usadas para essas ocasiões definiam o que Nava classificava como típicos almofadinhas da época. Chapéu enterrado até as orelhas, colarinhos altos, colete de doze casas, gravatas borboletas, flor no peito, lenço para fora do bolso, calças largas em cima e apertadas em baixo. Nas sextas-feiras as calçadas lotavam e o trânsito da rua mudava completamente: era a Sessão Fox, o que de melhor havia na indústria cinematográfica.

A sala de projeções estava à cunha. Antes da luz apagar, era costume dar um espaço de tempo para as famílias se repararem. A orquestra afinava. O pianista percutia continuamente o lá do diapasão normal e os instrumentos de corda iam apertando e respondendo. De vez em quando o pio da flauta, outro de clarineta. Como vários rapazes, o Paulo, eu e o Cavalcanti permanecíamos de pé e corríamos os olhos nas moças sentadas entre seus pais e mães e tias solteironas. Isoladas como dentro duma vitrine. Os leques se agitavam, subia um perfume pó de arroz de os namorados começavam a trocar suas greladas ofidianas.

(NAVA, 1978, p. 50-51)

Eram os últimos anos do cinema mudo e também dos últimos retoques de Charles Chaplin ao personagem Carlitos. Nava vê o ritmo frenético da modernidade gerar a solidão no indivíduo ao falar que Chaplin viveu “na sua pungência, na sua solidão. E não é só Carlito que vive o drama do isolamento humano. Todos os seus comparsas, idem” (NAVA, 1978, p. 105). Os membros do Grupo do Estrela, revelou Nava, eram aficionados por cinema – eram sempre os últimos a entrar na sessão e tinham seus lugares como que cativos.

O Clube Belo Horizonte, instalado no andar de cima do Cinema Odeon, recebeu esse nome em 1904. Segundo o que Nava narrou de suas experiências, ele se origina do Clube Violeta, instituição que tinha a obrigação de abrigar o novo grupo mundano da nova capital. Seus cômodos e corredores no melhor estilo *art nouveau* abrigavam a elite da sociedade mineira.

Logo no corredorzinho de entrada o Paulo mostrou a porta à esquerda. Essa é a sala de leitura. (...) larga mesa central redonda, com todas as revistas e jornais fornecidos à leitura dos sócios. (...) sofá, poltrona, cadeiras de palhinha. Nas paredes, retratos dos presidentes e beneméritos do fino grêmio. (...) Desta sala passamos à da frente, a dos bailes, **com mobiliário preto torneado e muito belle-époque, sofás e cadeiras ao longo das paredes**⁴³. Duas jardineiras com

⁴³ Grifo meu.

altos espelhos se defrontavam – uma em cada parede lateral. No canto direito de quem entrava, um estado para a orquestra, onde se viam as estantes das partituras e fechado, um belo *pleyel* espelhante e negro. Peanhas nas paredes para jarros de metal prateado, mais faiscantes sobre o fundo musgo.

(NAVA, 1978, p. 52)

E a descrição espacial segue no texto de Nava. A *art nouveau* que decorava as paredes e móveis dignificava seus integrantes, além das várias portas de toaletes, salas de jogos, a sala da diretoria e da secretaria, o bufê ao centro e as cervejadas demoradas. O memorialista descreve o comportamento das pessoas no clube, seus lugares e suas hierarquias. Aqui é o lugar de grupo tal ou de fulano de tal, ali ficam os que praticam pôquer, xadrez e, ao final da noite, todos dispostos, desciam.

De meados para o fim do ano de 1922 Nava se tornaria sócio do Clube Belo Horizonte. Frequentava seus bailes e, principalmente, o grande palco de debates e discussões sobre política, literatura e arte, livre dos convencionalismos e escandalizando a cidade: a sala do café. Segundo o próprio memorialista, um grupo jovem e sem respeito colocava em choque os antibernardistas contra os bernardistas. Aqui se destaca a figura de João Gomes Teixeira, pertencente à família fundadora de Belo Horizonte e partidário da política vigente, havendo sempre longos entreveros entre eles.

“Esse alegre bando perdia horas no clube, palestrando em torno da mesa central da peça que servia de restaurante e bar – onde se entretinham em rir, conversar, discutir, falar das amadas” (NAVA, 1978, p. 209). Os bailes dos anos vinte tinham um charme todo especial: pedir uma moça para dançar seguia todo um ritual de pedido e entrega da moça nas mesas de sua família. No Clube Belo Horizonte era hábito indicar qual ritmo seria tocado, *ragtime*, valsa ou tango, por exemplo.

Nos anos de 1925 e 1926 ocorreram algumas transformações em Belo Horizonte, fruto do aumento populacional e de incrementos da vida urbana que agiriam na forma das práticas sociais da cidade. No carnaval tinha-se o hábito de fazer uma corrente de veículos ligados por serpentinas; seu percurso começava ao subir a rua da Bahia até o Conselho Deliberativo, onde viravam em direção à avenida Afonso Pena até a praça Sete, de onde se fazia o retorno para a rua da Bahia até o Bar do Ponto. Isso acontecia entre quatro e seis ou sete horas da noite; depois das dez, havia o baile.

O Clube Belo Horizonte foi um dos palcos para essas transformações. Para afirmar tais mudanças, Nava descreve o carnaval de 1926. É claro que o cenário cultural da cidade não teve abertura simultânea para os novos moldes que por ali chegavam, mas aos poucos,

depois de ficarem pasmos, os mais audaciosos começaram a aderir ao novo jeito de vivenciar o carnaval em Belo Horizonte. Vejamos:

Lá estavam as moças com as indefectíveis fantasias de *Noite, Lua, Alsacianas, Tirolesas, Holandesas, Fadas, Castelãs, Marianonietas, Ciganas, Pierretes, Colombianas e Flores* (todas). **Com certo escândalo viu-se**⁴⁴, ao lado dessas, a multiplicação das *apaches e gigoletes*; com surpresa a Orgarita Sá e Silva com uma linda Colombiana, só que metade preta e metade branca, a Ceci Mibieli como Odalisca de lamê prateado. Com muita reprovação, a Marianinha Bevilacqua de calções bufantes feitos de tiras de cetim das cores do arco íris, manto e um colar onde se penduravam as letras que compunham T-E-R-P-S-I-C-H-O-R-E. Era o nome de sua fantasia que uma senhora reprovadora dizia *Terpsicóse* e comentava maligna. **Como é? Que a família dessa moça consente que ela se vista de semelhante psicose! As danças entretanto eram as mesmas valsas, mazurcas, tangos argentinos, xotes, e quadrilhas. À meia-noite do primeiro dia la fête battait son plein quando ouviu-se um berreiro e uma tropelia escadas acima e irrompeu no salão um grupo enorme, num conjunto alvi-negro** – de que o branco era representado por senhores e rapazes vestidos de cozinheiros, de gorro engomado, aventais, mangas arregaçadas e fazendo barulheira infernal de bater e esfregar colheres, garfos trinchantes e escumadeiras em caçarolas, frigideiras, ralos, panelas, caldeirões, tábuas de carne e o mais das parafernália dos mestres-cucas. O negro era das roupas das senhoras e moças vestidas de subretes, touquinhas e aventais de renda – todas brandindo vassourinhas, espanadores e esfregões de linho. Logo identificados. Eram parentes do Mestre Aurélio e D. Sázinha chegados naqueles dias para o verão de Belo Horizonte. Com eles e no mesmo bloco entraram os primos da cidade – todos os Lessas, Sás, Pires fazia um *maitre queux* fabuloso.

(NAVA, 1978, p. 297)

Dessa forma, essa data representou o choque entre o velho e o novo. Não se tocou mais nenhum outro tipo de música naquela noite a não ser marchinhas. Para Nava foi a primeira vez que Belo Horizonte pôde ver homens e mulheres cantando e dançando alternadamente, uns com as mãos nos ombros e/ou cinturas de outros. Esse é um reflexo claro de que interação com pessoas vindas de outras cidades e o aumento populacional deram à fisionomia de Belo Horizonte alguns retoques.

Nava se intitulava um diarista do Clube Belo Horizonte, fazendo sempre o mesmo: sonhar, conversar, tomar um café, uma boa Brahma ou Antártica e sapear os jogos. Todavia, esse clube também está ligado à fundação de outro, o Clube Central, que viria a ser o Automóvel Clube. Com as eleições para a presidência do Clube Belo Horizonte, veio o racha entre os almofadinhas do bar, o pessoal de fala alta e muita empolgação, e os integrantes da sala dos jogos de xadrez. Com a vitória dos almofadinhas o poder financeiro foi transferido para a nova associação, em torno da fundação do Automóvel Clube.

⁴⁴ Grifo meu.

O Clube Belo Horizonte entra em sérios problemas financeiros, sendo sanados apenas com a entrada de Henrique Marques Lisboa à frente da presidência. Ele controla as dívidas, encontra novos sócios, resgata alguns dos antigos, organiza as finanças, valoriza suas ações e o transforma no Jockey Clube de Belo Horizonte, com sede na esquina da Álvares Cabral com a Bahia.

Nava traz em sua descrição a distinção entre classes sociais e os lugares, os cargos ocupados. Até mesmo as roupas serviam para revelar as condições daqueles que ele observava. Estava claro nos passeios de domingo o lugar social das classes menos favorecidas e das abastadas. Até mesmo os cabarés retratados remetem a essa análise socioeconômica, ao mesmo tempo em que ele reconstrói o cenário dos acontecimentos.



Figura 9: autoria própria

Caminhos para a Zona marca os principais pontos de prostituição do período narrado

Na hora da “descida” todos tomavam a avenida Afonso Pena até virar nas ruas Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Paulo, onde se localiza a “zona”, como era chamada pelo memorialista a área que abrigava os prostíbulos da cidade. Ela ficava em um conjunto de doze quarteirões, limitados pela rua da Bahia e pela rua Curitiba em duas extremidades; os outros limites se davam pela avenida Oiapoque e pela Caetés. Nava fala que essa região era uma depressão que findava no ribeirão Arrudas. Nesse pedaço de chão, Belo Horizonte também se dividia em classes sociais.

Estabelecimentos visitados por ricos:

Olhávamos as portas abertas da Petrolina, da Leonídia e, mais embaixo, em Oiapoque, a fachada misteriosa da Elza Brunatti, fechada e cadeado no portão: aquilo era sinal de deputado, senador, desembargador, secretário ou então, quem sabe? – se deliciando-se lá dentro. Dobramos à direita contornando o *Palácio da Águias* e diminuímos o passo diante do portão também inacessível da Olímpia.

(NAVA, 1978, p. 55)

A ala pobre foi tratada por Nava com mais humor. Vejamos:

Passamos diante da fachada apagada do hoje *Instituto de Tecnologia*, naquele tempo contendo toda a escola de Engenharia. Volteamos em Guaicurus e apreciamos o movimento prodigioso daquele açougue chamado *Curral das Éguas* – cujas vedetes eram Geralda Jacaré, a Zezé Bagunça e a Maria Bango-Bango – covil de preço vil: dois *pilas* – e assim, guarida de vagabundo, estudante no fim de mês, descuidistas, gente de banga-la-fumanga, desocupados na bica de ganutos.

(NAVA, 1978, p. 55)

Havia também uma terceira alternativa: a praça Quinze, hoje praça Hugo Werneck, ficava lotada aos arredores da Santa Casa.

Eram domesticas da vizinhança, crioulas e mulatas de rua. Havia as hediondas, as feias, as passáveis, as pouco bonitas e raras muito boas. Mas eram novas. As beiras do riacho do fundo da Santa Casa, os lados do Desinfetório, os barrancos do Campo do América eram cheios de moitas que se povoavam de pares. Era tudo rápido, sem romance, às vezes quase sem palavras e custava baratíssimo. Dez tostões, dois mil réis. Até amanhã chorena! Vai com Deus, bem!

(NAVA, 1978, p. 353)

O que realmente era uma afronta à sociedade tradicionalista de Minas era o fluxo da rua da Bahia: durante o dia os automóveis fechados e discretos dos grandes políticos e funcionários do estado; à noite a exposição das novas prostitutas vindas de São Paulo ou do Rio de Janeiro. De capota aberta, nos carros desfilavam francesas, uruguaias, espanholas e, é claro, brasileiras, que estavam à disposição nos cabarés da Olímpia, da Rosa e da Bruanatti, entre outros.

Um outro aspecto importante para ser ressaltado nas histórias da noite boêmia e vertiginosa de Belo Horizonte eram os shows que essas casas abrigavam. O último dos bordéis instalados naquela região, segundo Nava, foi o Radium. Com menos requinte que o Olímpia, ficara famoso por suas apresentações de tango.

A rua da Bahia, eternizada por grandes poetas e escritores brasileiros, não escapou ao olhar e à admiração de Pedro Nava pela sua aura. Vários estabelecimentos nela situados merecem destaque, como já feito com o Clube Belo Horizonte e o Cinema Odeon, expressões da vida citadina de Belo Horizonte. Descendo pelo seu lado par, além

dos já citados, temos ainda a Charutaria Flor de Minas, a Casa Decat, a Papelaria e Tipografia Brasil e a Casa Giacomo Aluoto.

Todavia, destacarei a Farmácia Americana e o Parc-Royal. O segundo porque ainda no tempo da lembrança de Nava resistia como a edificação mais velha naquele lugar (hoje o prédio abriga uma agência da Caixa Econômica Federal). A primeira porque representa uma série de métodos utilizados à época para os jovens se prevenirem e esconderem suas ressacas. Para Nava essa era a mais importante farmácia da cidade.

A Farmácia Americana, representante de uma importante empresa de medicamentos da época, a Casa Lutz Ferrando & Cia, fornecia medicamentos para o estado. Entretanto, o apreço pela casa vinha da descrição de seu proprietário, Heitor Gomes dos Santos, ou apenas Heitor da farmácia, discretíssimo ao vender aos moços boêmios aspirinas e sais de frutas para ressaca e os preventivos da época, tais como camisas-de-vênus e pomadas de Metchnikoff.

Subindo a rua pelo lado ímpar havia o Trianon, a Bonbonnière Suíça e o Fioravante, típicos exemplos do cotidiano da cidade e de suas desigualdades sociais. A Bonbonnière Suíça era uma doceria que as moças frequentavam para ficar um pouco mais de tempo na rua da Bahia – oportunidade para troca de olhares e palavras rápidas com os moços dali. Já o Fiorovante era destinado a um público um pouco mais modesto, basicamente estudantes e famílias pobres.

O Trianon se organizava em dois planos. No inferior ficavam as mesas e cadeiras – era o lugar dos doces, sorvetes e cremes. No superior “bebia-se em pé, no balcão, junto a um armário de vidro do qual se tiravam saborosas empadinhas” (SALLES, 2005, p. 21). O que chama a atenção de Nava era, sobretudo, seu rotineiro movimento.

Havia a hora cheia do aperitivo da manhã tomado em pé, no lado da loja onde se vendiam frutas, por cavalheiros que se abasteciam das ditas para levar para as senhoras. Aquilo era tapume para uma cervejinha rápida, para cachacinha disfarçada, ou do conhaque, o uísque, o Porto, o Madeira, o otonjim (old-Tom-Gin). Depois morria o movimento e todo o dia era de freguesia familiar e escassa. Senhoras com suas filhas e pimpolhos para degustarem sovetes e alegrarem-se de soda, de gasosa. Às 4 da tarde, quando se fechavam as repartições e desciam os funcionários, começava o movimento mais firme dos aperitivos e da cerveja com as maiores, as melhores, as mais suntuosas empadinhas que já comi no mundo. (...) Outra hora oca, correspondendo à da janta da Família Mineira. Nova enchente à noite. A freguesia transitória dos sorvetes, depois das sessões de cinema; a mais prolongada das cervejadas pachorrentas com descidas periódicas das escadas de trás, para a vista aos mictórios incomodamente colocados no porão.

(NAVA, 1978, p. 9-10)

O Trianon tinha uma espécie de ritmo próprio e rotineiro. Durante a manhã, considerada hora cheia, uma parada para o café ou a cervejinha, rápida e em pé mesmo. Ao longo do dia o movimento caía, atendendo a uma freguesia mais familiar. No fim da tarde os funcionários públicos chegavam para uma cervejinha e aperitivos, para dar fim de vez ao expediente. O que Nava chamava de hora “oca” era o jantar da tradicional família mineira. À noite, os clientes eram os que no meio do passeio faziam uma parada para o sorvete ou os que faziam longos intervalos entre as cervejadas e a hora de descer.

O ritmo ditado para o funcionamento do estabelecimento comercial representava o ritmo da sociedade de Belo Horizonte naqueles anos. Esposos indo para o trabalho, esposas e filhos em casa, jovens a passeio ou na volta do cinema, funcionários e patrões em uma ocasião social. A hora cheia da rua, a hora da família, uma rotina, uma cultura, parte da fisionomia de uma cidade.

O Trianon não fugia aos aspectos de outros bares ou confeitarias do início do século XX. Sua classificação como bar, café ou confeitaria era muito difícil – o que poderia determinar essa classificação seria a hora do dia. Contudo, pode-se dizer que, assim como o Bar do Ponto ou Estrela, “este também era um lugar de reunião e encontro, de conversas as mais variadas, no assunto e na duração” (SILVEIRA, 1996, p. 139). Poderia também ser um lugar para ser observar o tempo e as pessoas que passavam por ali, hábito muito típico desses estabelecimentos.

O contraste social é percebido e descrito por Nava em toda sua obra. Além dos estabelecimentos comerciais, havia também os espaços de moradia e as hierarquias de poder como reflexo para compreensão da Belo Horizonte assistida pelo autor. Em sua entrevista de emprego, Nava percebia os cargos pelas roupas e pela postura de cada um: “adivinhandando a hierarquia pela vestimenta, dirigi-me ao do paletó” (NAVA, 1978, p. 26). A elite brasileira desse período se escandalizava muito facilmente e se mantinha por conchavos e arranjos.

O próprio Nava é a materialização desse contraste. Foi beneficiado com recomendações para sua vaga de emprego e se deleitava com o sistema burocrático de apadrinhamento, ao mesmo tempo em que era, segundo ele próprio, um eterno opositor quando se tratava de política. Na questão social os contrastes apareciam o tempo todo – as meninas do colegial tratadas de uma forma bem diferente das meninas da praça Quinze,

as moradias e vestimentas de quem frequentava o bairro dos Funcionários e de quem morava no bairro da Floresta. Assim se desenhavam os muitos bandos de Belo Horizonte.

Ao descrever Leopoldina, um amor inconsumável de sua juventude, escreve assim sobre as meninas mais afortunadas e de famílias tradicionais. Um reflexo de uma sociedade patriarcal:

Estavam todas vestidas de modo igual, uniforme de colégio, blusa branca, saia azul, meias pretas, sapatos rasos do mesmo negro das gravatas e duma longa fita de tafetá que era a quarta fieira junto a três madeixas que faziam duas tranças para cada cabeça. Na ponta de cada uma o laço que abria duas asas borboletas voejando em roda de cada penteado negro, ou castanho, ou louro.
(NAVA, 1978, p. 70)

E assim descreve o bairro da Floresta, demonstrando todo o preconceito racial e social vigente, que não é exclusividade do Brasil de ontem, mas também está presente ainda hoje.

Eram lugares perigosos cheios de desordeiros, duma negralhada suspeita, de foragidos, de meganhas e de praças. (...) As bebidas eram cachaça pura, cachaça com fernet, *anis escarchado*, um vinho pedregoso, cerveja preta, cerveja branca. A ceia, pedaços de linguiça, ou de salame ou de toucinho tostado dentro de frigideiras cheias de pinga a que se ateava fogo. Era tudo magistrado a farofa.

(NAVA, 1978, p. 90)

As descrições acima revelam, além dos preconceitos, as condições econômicas e as oportunidades de cada classe social. Os bairros nobres em condições nobres de fato, enquanto nos bairros mais afastados convivia-se com poucas oportunidades e péssimas condições de vida. Com esse olhar benjaminiano ao detalhe, Nava caminhava pelas ruas de Belo Horizonte, ora com o grupo dos que moravam na casa da *Madame*, ora com o Grupo do Estrela. “Cada bando me oferecia aspecto diferente da vida e levava sua ação dramática a palcos diversos da cidade” (NAVA, 1978, p. 275). Dessa forma o autor narra e vivencia os ambientes mais diversos, desde as casas das mais tradicionais famílias de Minas até os mais baratos e acessíveis prostíbulos da cidade.

Havia cinco portas de frente. Serviam só as três do meio porque as dos extremos tinham sido viradas em vitrines onde se exibiam bebidas caras, queijos estrangeiros, latarias. Quem entrava dava logo a vista num par de estantes, uma de cada lado do café, com prateleiras circulares que diminuam de tamanho na medida que se sobrepunham. Pareciam fruteiras antigas, altas de metro e meio. Eram torneadas na mesma madeira preciosa dos outros ornatos. Também serviam para a exposição da salsicharias, queijos e virtualhas. Na parede do fundo abriam-se duas portas para a entrada dos detrás do café: copa cozinha, depósitos. Entre estas, de passagem, as dos armários em cujas prateleiras ficavam os espíritos. Via-se através dos vidros renques das garrafas empalhadas do *Chianti* e do *Nebiolo Gran* Espumante, da vinhaça portuguesa, dos vinhos franceses e deitados, os botelhões da *Veuve Clicquot* com seu

rótulo branco e o estanho dourado das coberturas das rolhas e gargalos. Em cima destas estantes via-se um largo painel de madeira preciosa e entalhada. No centro um relógio redondo do tamanho de uma lua.

(NAVA, 1978, p. 99)

Já falamos sobre o Café Estrela. Nava também o classificava como outro prodígio da decoração da *belle époque*: madeira entalhada, vários espelhos e cinco portas de entrada. Seu público era formado por homens mais velhos de Belo Horizonte e até personalidades políticas, além da juventude intelectual da cidade. Ali se conversava sobre tudo enquanto se refrescavam com sucos ou cervejas.

Era decorado com painéis de madeira entalhada, envernizados e reluzentes, que traziam um dragão de curvas tão nobres como os de um brasão. O balcão reservava a máquina registradora em cima e na parte baixa os doces e salgados. Sovetes de vários sabores de fruta, os sucos sendo afinados a mão para serem servidos em mesas de mármore cercadas por paredes espelhadas, onde se escreviam as especialidades do dia.

“No caso do Café Estrela em especial, havia também uma identificação com os Clubes Literários e Salões, uma vez que o processo seletivo era definido pelo capital cultural e intelectual de seus frequentadores” (LE MOS, 2010, p. 54). Uma vez que a confeitaria era o ponto de encontro dos modernistas mineiros, tornou-se uma referência na história literária brasileira. O seu verdadeiro nome, segundo Silveira (1996), era Café Municipal; o nome Estrela ficou popularizado por uma enorme estrela no alto da fechadura, tanto que foi até adotado por seus proprietários.



Figura 10: Rua da Bahia 1920

Disponível em: < <http://belohorizonteantiga.blogspot.com.br/>>

Na rua da Bahia, além do Estrela encontravam-se casas “de primeira” quando se trata do comércio. Os moradores daquela rua eram as famílias ilustres da jovem cidade. O destino final para quem subia era o poder político; para quem descia, a periferia da cidade era o destino final. Ir ao Estrela era como entrar no seu mundo de ideias, era como se inserir no movimento modernista mineiro. “É assim que, para alguns, ir ao Estrela era ser poeta, ou melhor, era ser modernista” (SILVEIRA, 1996, p. 153). Era alcançar o lugar para além de seu espaço físico.

“Era ali, no Café Estrela, que se reuniam, à noite, Carlos Drummond de Andrade, Emilio Moura, Abgar Renault, Milton Campos, Alberto Campos, João Guimarães Alves, Pedro Nava, João Alphonsus, Aníbal Machado, a fina flor da inteligência belo-horizontina” (SALLES, 2005, p. 11). Sobre suas mesas foram lançados poemas, caricaturas e calorosos debates sobre a realidade da época e do contexto em que estavam envolvidos.

Nava diz que as figuras que completavam a fisionomia das vias de Belo Horizonte variavam como as próprias ruas, cada bairro se comportando de forma diferente. O bairro dos funcionários, por exemplo, ainda cheio de saudades de Ouro Preto. E assim as pessoas se misturam com o espaço e este as transforma. A rua da Bahia, emblemática e peculiar, era uma de manhã, outra no entardecer e ainda outra à noite, seja na hora de descer ou na volta da zona. Era uma para o carnaval, uma para o frio, outra para o calor, enfim.

Logo de manhã cedo as ruas de Belo Horizonte se enchiam das beatas das missas diárias, depois dos operários seguidos dos estudantes e das caras escavacadas dos que tinham ficado e àquela hora voltavam para casa. Passava o bonde especial do Santa Maria cheio de moças em flor fiscalizado pela Mrs. Dobson. O movimento morria um pouco para retomar mais nutrido quando acabava as aulas matinais nas faculdades e os moços vinham espairecer entre a Praça Sete e o Bar do Pontoe deste à esquina do Narciso. Era o local escolhido pelos funcionários já almoçados e que chegavam para um bondezinho nos cafés e à beira das calçadas, peneirando as saias que passavam. Sumiam de repente estudantes para as moradas e os burocratas para suas repartições. **Mas a rua ficava sempre com criaturas em disponibilidade permanente, encostadas às portas dos cafés, fumando, tomando sua cachacinha, cortando no próximo.** Rareavam mais um pouco até cerca de duas horas quando apareciam mais desocupados e senhoras e moças indo às compras. De quatro às cinco aumentava a população com os funcionários que desciam Bahia e voltavam àquele umbigo urbano para uma palestrazinha e o aperitivo camuflado no Balila, no Colosso, no Estrela, no Fioravanti, no Trianon, no Bar do Ponto. **Mas já os bondes se enchiam e saiam para as duas direções da cidade cheios de pingentes.** A Família Mineira ia jantar. Essa era a hora morta das ruas quase vazias e onde a vida restante se concentrava nas brasserias que citamos acima, não abandonadas pelos que se cronificavam cervejando ou traçando sua cachacinha, seu conhaque ou – mais prospero – seu uisquinho

servido generosamente a 2\$000 a dose (só no cabaré é que era aquela ladroeira de 5\$000). Mas já iam começar os cinemas e o centro enchia-se de cavalheiros, senhoras, famílias e estudantes em magote à porta do Odeon e até mais longe, nos confins de Afonso Pena, à entrada do Avenida. Essas multidões do dia e da noite, dos bairros ou das estações do ano eu as vejo em conjunto, vultos amalgamados, escuros das vestes masculinas ou bariolado das femininas. **Tal qual se percebe um mapa-múndi destes que giram sobre o eixo que sai do seu pé e mostram paralelas ora mais densas ora mais claras segundo a predominância de uma ou outra esfera.** Quando ele vai parando distinguimos então os oceanos, os golfos, as ilhas, os continentes, os istmos, os cabos. Assim aquela gente passava aos meus olhos distraídos como um todo. **Quando uma diferença, uma originalidade, uma peculiaridade, um cabelo mais ardente ou mais noturno, uma beleza ou uma feiura mais rara, uma altura ou uma baixura, uma velhice a se desfazer ou uma juventude radiosa chamavam minha atenção – eu identificava o personagem posto de repente em relevo.**

(NAVA, 1978, p. 268)

A cidade, seu movimento, seus personagens chamavam a atenção do memorialista, sobretudo o diferente, o detalhe, o fragmento. A conjuntura da época se traduzia em personagens reais que se sobrepunham ao espaço da cidade. Cada lugar exprime uma importância particular àquele que o vivenciou. Nas suas experiências da infância e da juventude o mineiro que narra apreendeu, por meio de seu olhar, os fragmentos de um todo.

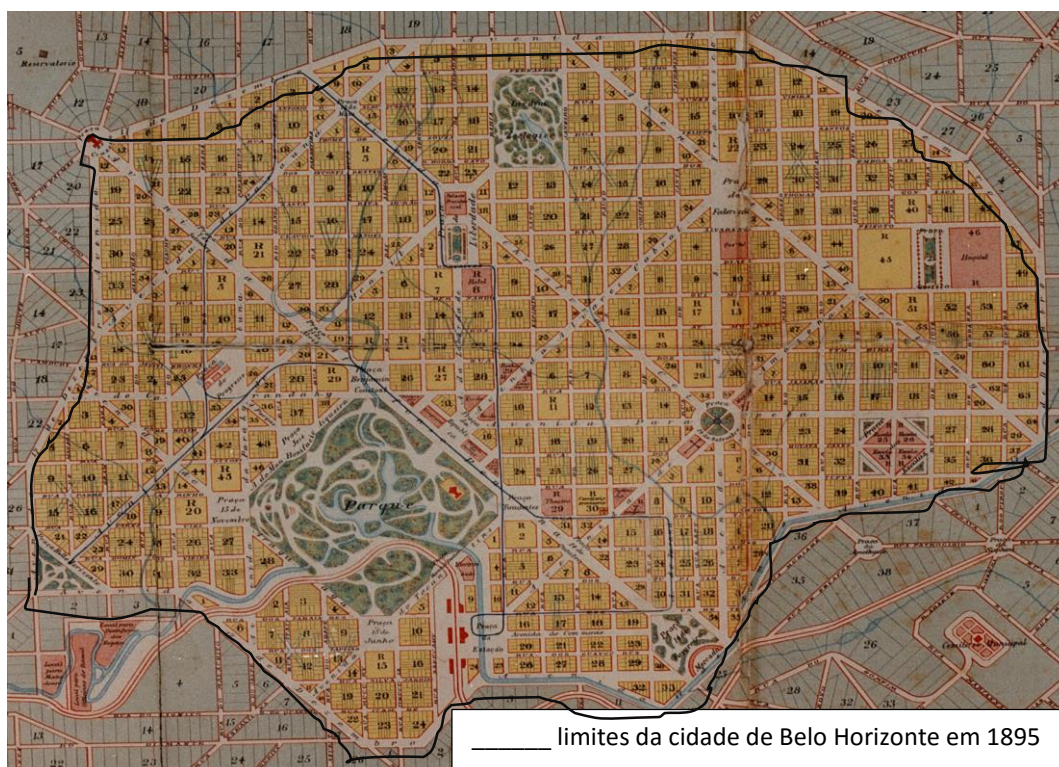


Figura 11: Planta da cidade de Belo Horizonte
Disponível em: < <http://belohorizonteantiga.blogspot.com.br/> >

Para Nava a cidade tinha dois extremos geográficos: os limites da cidade propriamente dita e os limites do Grande Bar do Ponto. Os da cidade eram e são alargados a todo o instante. A rua da Bahia findava-se nos trilhões da Ferrovia Oeste, onde passa a se chamar rua Januária. Ela deixa de ser uma via do centro e passa a ser de bairro, já no bairro da Floresta. Um espaço em ampla transformação surpreende o memorialista por ali encontrar ainda traços de arquitetura dos tempos do Curral.

O outro extremo da cidade se dá no cruzamento da avenida Contorno com a Afonso Pena, com a praça Milton Campos de um lado e praça Rio Branco de outro. Nos anos 1920, no fim da Afonso Pena chegava-se também ao campo de futebol. Percebe-se que a avenida do Contorno era uma separação clara da zona urbana para a zona rural. Para além daquele pedaço de cidade ficava a serra, o morro do Cruzeiro, o córrego Leitão, que só seria canalizado a partir de 1920 – até então, à esquerda de sua margem não havia vida urbana.

O Grupo do Estrela faz o debate político e cultural da capital mineira fervilhar, a Revolução de 30 mexe com paradigmas do poder patriarcal e coronelista vigente no Brasil e, em meio a tudo isso, a cidade se transforma. Os anos vinte para Nava foram de “uma profunda evolução de costumes com a influência do cinema, do automóvel e da remodelação urbana” (NAVA, 1978, p. 216). Com maior fluxo populacional e as ideias iluministas, a cidade de Belo Horizonte se transforma e se remodela em meio às experiências de seus habitantes.

As cidades em Minas Gerais – e Belo Horizonte não fugia à regra – conservavam hábitos ainda interioranos, como as crianças brincando nas ruas, os jovens em pescarias e partidas de futebol em campos de várzea, festas típicas, como as juninas, e o bom hábito de sentar à porta ou na varanda para observar e comentar o ritmo da cidade, a vida das pessoas, as imoralidades e formalidades de uma transição cultural na virada do século XIX para o XX, sobretudo na década de 1920 com seus movimentos artísticos e literários.

Nesse cenário a diversão masculina estava nos bares e restaurantes, nos jogos de cartas, sinucas e outros mais – experiências que Nava nos deixou como reflexo de seu tempo. As quermesses ou bailes dos clubes, onde rapazes e moças se olhavam e até dançavam sob a supervisão de mães atentas, os *footings* na praça eram responsáveis por namoros – no portão ou dentro de casa, na presença dos pais – e casamentos. Enfim, um círculo de hábitos e culturas que confundem o moderno ao tradicional.

Uma cidade em seu movimento próprio, contrastando com as ainda tradicionais posturas e os costumes herdados de uma velha sociedade, condições sociais típicas das desigualdades do país daquele período, formavam um arranjo político que se materializava na composição física da cidade. Contudo, uma parte da composição andava na contramão, o fragmento imaterial se dividia entre o tradicional e o moderno, havia uma ânsia pela renovação, por um outro olhar sobre o espaço e aquele que o completa: o indivíduo. O modernismo não chega a interferir diretamente na cidade em seu estado físico, mas mexe com suas estruturas filosóficas e intelectuais.

“Os sistemas de orientação que têm sido usados variam amplamente no mundo todo, mudando de cultura para cultura e de paisagem para paisagem” (LINCH, 2011, p. 8). Assim, cada indivíduo assume e cria sua própria imagem que, quando posta em sua coletividade, gera um consenso de significados que integram esses grupos. Reconstruir o mapa físico e ideológico-cultural desse pedaço da Belo Horizonte naveana é torná-la inteligível para aquele que lê, como são inteligíveis os espaços de Juiz de Fora, Rio de Janeiro, entre tantas outras cidades do memorialista, em suas páginas de memória.

Por tudo isso, Nava entendia a cidade em seu próprio seu ritmo. Ele próprio ironiza ao dizer que quando alguém de fora chegava ali, naquele trecho entre os bairros dos Funcionários e o da Floresta, sacudia a monotonia da cidade. Sua vida jovial em Belo Horizonte foi um ir e vir sem parar e, pelas memórias, pôde afirmar: “reconquistei Belo Horizonte e a mim – focando-me – naquele ponto do tempo e do espaço, tendo tudo nítido como slide posto na distância exata em que as lentes fazem a projeção perfeita” (NAVA, 1978, p. 256). Da cidade Nava fala com carinho, de seus habitantes nem sempre, de seu movimento seu olhar era atento.

CONCLUSÃO

Ao longo do texto se desencadeia a construção de um debate no campo da representação literária e o uso da memória e da narrativa para compreensão do tempo presente por meio de um resgate do passado. A obra *Beira-mar* é então a referência para a construção de um modelo do espaço urbano brasileiro, especificamente Belo Horizonte, com atributos de uma nova perspectiva vividas pela sociedade brasileira dos anos de 1920.

A história narrada se comporta como fruto de um processo individual, e as experiências de Pedro Nava são entendidas como reflexo de uma coletividade. Por esse caminho foi mostrado como a história, filha de seu tempo, se articula com elementos que ultrapassam as linhas dos textos e levam em consideração todo o tempo narrado e do narrador. As armadilhas da memória enquanto fonte estão basicamente na confusão temporal ao se pensar o tempo da lembrança e o tempo lembrado.

Mesmo pensando diariamente no mesmo fato sua restauração trará de mistura o analógico de cada dia – o que chega para transformá-lo. É como navegar, arrastando dentro do mar-tempo um fio e um anzol que são sempre os mesmos mas sobre os quais se grudam as camadas e as camadas de plâncton que acabarão por transformar a coisa filiforme e aguda numa espécie de esponja. A viagem da memória não tem possibilidades de ser feita numa só direção: a do passado para o presente. Não é a sós que velejamos para os anos atrás em busca dos nossos eus. Levamos conosco uma experiência tão inarrancável que ela é elemento de deformação que nos obriga a agir com nossas recordações como os primitivos que pintavam a Natividade, o Pretório e a Ressureição, dando à Virgem, a São José, a Nosso Senhor, a Pilatos e aos centuriões, roupas medievais em ambientes italianos, flamengos e espanhóis. Assim vim fazendo, desnaturando a Avenida ontem com a de hoje e a de sempre.

(NAVA, 1973b, p. 221)

O tempo é um elemento essencial para a leitura da memória, pois sua relação com o ontem e com o hoje pode ser confundida, por vezes até propositalmente, por aquele que lembra. Para Koselleck (2006), a história indica a vinculação entre os tempos, sendo possíveis suas conexões apenas no momento da apreensão da história em seu modo de recordação e de esperança. Assim, experiência e expectativa são categorias que tramam o tempo histórico, pois seu resultado final é o entrelaçamento do passado com futuro.

A obra naveana nos serviu para um mergulho no passado, caminhando numa direção que vai além de suas próprias vivências e recordações. A condução da obra pelo viés da representação histórica passa por desejos, esperanças, conflitos, traumas do sujeito

que se confrontam com vestígios da sua coletividade. A posse do documento-monumento traz o passado até nós. O que não se deve aqui é pensar equivocadamente e atribuir à memória um viés de manipulação do tempo que se passou, mas sim entender a narrativa como uma fonte capaz de gerar vestígios de uma época em suas mais variadas nuances.

As obras de Pedro Nava são, em sua máxima, uma rearticulação do passado. Dessa forma, a narrativa opera na construção do sentido para o presente por meio do tempo narrado, seja no plano individual, seja no coletivo. De fato, a identidade de uma pessoa consegue alcançar e se estender à identidade de um grupo, chegando assim a ações e pensamentos do passado. “A identidade pessoal é uma identidade temporal” (RICOEUR, 2007, p. 115). As lembranças naveanas são, sobretudo, um testemunho de seu tempo vivido e experimentado.

O testemunho nos leva, de um salto, das condições formais ao conteúdo das “coisas do passado” (*praeterita*), das condições de possibilidade ao processo efetivo da operação historiográfica. Com o testemunho inaugura-se um processo epistemológico que parte da memória declarada, passa pelo arquivo e pelos documentos e termina na prova documental.

(RICOEUR, 2007, p. 170)

O testemunho normalmente é oral, porém aqui a apropriação dessa ideia segue a lógica de um memorialista que percebe seu tempo e transforma esse testemunho em arquivo no ato de redigir seus textos. A narrativa de Pedro Nava, assim como colocada no transcorrer deste texto, serve de instrumento para a compreensão da apreensão de um lugar por meio de um texto que engloba a ideia de lugar social. “É no testemunho da memória, na recordação da testemunha, que a história encontra a certeza na existência de um passado que foi, que já não é mais e que a operação historiográfica pretende representar adequadamente no presente” (CHARTIER, 2011, p. 117).

Assim, a obra de Pedro Nava destaca uma relação mais verdadeira com o passado por meio do uso da reminiscência. É importante então, além de reconhecer a memória enquanto história, também reconhecer suas diferenças fundamentais e os elementos que as unem. Dessa forma, criam-se operações e regras que permitem assegurar a representação histórica do passado, tendo como fonte as obras literárias.

A obra literária não pode ser excluída de sua carga ética, de seus valores e, obviamente, de seu contexto. A construção do cenário urbano vivo nas memórias de Pedro Nava passa pela reflexão do espaço e desse contexto no qual tanto a cidade quanto o sujeito estão inseridos. Suas experiências são notórias nas páginas de seus livros, mas

muito além de sua vivência, sua obra suscitou também a busca por entender a cidade de Belo Horizonte para além daquilo que é visível ao sujeito que contempla seu espaço.

Os elementos do passado são reordenados em um novo conjunto de princípios urbanísticos, tais como as condições de higienização, as condições climáticas e sanitárias na escolha do local, para se entender o novo cenário que Belo Horizonte representa. Tudo isso não afasta a antiga ideia da imposição da ordem em detrimento da desordem. O mapa da cidade estabelece uma uniformidade pela qual passam as hierarquias do lugar como peças-chave do projeto de formação – material e imaterial – da capital mineira.

A obra de Pedro Nava parte então para um campo cujo texto em si e suscita outros debates, novos problemas, novas dimensões interpretativas e representativas. Como expressão individual, as memórias do mineiro são a legitimidade do indivíduo enquanto sujeito histórico; sua reconstrução estética e crítica do passado possibilita uma leitura de várias faces da sociedade de Belo Horizonte. O imaginário social expressa sobretudo a coletividade, informando acerca da realidade.

Em entrevista concedida à revista *Senecta*, disponível no site oficial do memorialista, Nava explica seu processo criativo, confirmando o uso da memória voluntária, sem deixar de se render aos lampejos da memória involuntária.

A memória precisa ser adestrada, como um cão de caça. É preciso saber ter memória. Conversar com os velhos, telefonar, saber coisas, catar papel velho. Eu tenho um enorme arquivo. Mas método é um caderninho, às vezes vou andando e uma paisagem, um edifício me lembram alguma coisa. Às vezes uma só palavra anotada, quando pronunciada dentro de mim, vai me levar naturalmente a uma associação de ideias. Eu desenho muito também.

(NAVA, s/d)

É possível a percepção do ambiente como um lugar de experiência, já que o valor atribuído ao espaço urbano pelo memorialista é muito grande. É um lugar de memória. Uma memória narrada fora de uma perspectiva linear e coerente para ceder lugar a uma montagem descontínua de imagens colocadas num processo fragmentário e constelacional do tempo – o *Frankenstein* naveano. Nesse processo nem a memória coletiva nem a individual se apagam, pois sua sustentação está tanto na voluntariedade quanto na involuntariedade da memória.

No uso de ideias benjaminianas ressalta-se a afinidade entre as estruturas da cidade e do indivíduo que vive nela. Esse caminho fez com que Walter Benjamin criasse o sistema no qual a forma de expressão deixa de ser a cartografia e passa a ser a literatura.

Um caminho no qual o indivíduo aplica sentido a tudo que o cerca, criando símbolos e sinais produtores de significados dentro de uma cultura. É aqui que se encaixa, dentro da historiografia, este trabalho: na busca pelos sentidos de uma cultura em um determinado período de tempo em um determinado lugar.

De fato, esse gênero conciso, que opera entre a descrição, a narração e a reflexão, é muito apropriado para satisfazer simultaneamente as diversas exigências: orientação cartográfica de um livro sobre a cidade, historicidade de uma autobiografia e/ou de um livro de memórias, e teor filosófico de imagem de pensamento ou imagem dialética.

(BOLLE, 2000, p. 332)

Por esse prisma, *Beira-mar* é exemplo desse tipo de gênero, tais como os outros volumes publicados pelo mineiro. Os espaços, fatos, costumes, posturas que são rememorados pelo narrador convergem para uma série de símbolos e sentidos que explicam o tempo e o espaço de outrora. A memória topográfica, em que se pode encaixar Pedro Nava, visa uma reconstrução dos espaços como referências para captar experiências de todos os níveis de uma sociedade.

Assim como a memória, a topografia da cidade também é móvel e seus sistemas de orientação se alteram ao longo do tempo. As memórias podem ser encaradas, assim como Benjamin encarou o passado no texto *Infância em Berlim*, como um processo de consciência e orientação do sujeito e do grupo do qual ele participa. Orientação tanto material – o olhar pelo espaço propriamente dito – quanto imaterial, ou seja, todo processo cultural de símbolos e significados que são construídos.

A orientação cartográfica sobre a cidade na obra naveana nos possibilitou uma remontagem de todo o complexo urbano dos anos de 1920. Por meio de sua narrativa se apreendem o espaço, os lugares, as construções, as ruas e avenidas de Belo Horizonte. O confronto de sua obra memorialística com a história da construção da capital mineira comprova os indícios deixados pelo tempo naquele lugar; percebe-se a lógica usada pelos seus construtores para organizar a cidade, de forma que são bem claras a separação e a integração entre o periférico o centro.

No que diz respeito à historicidade de uma autobiografia e/ou de um livro de memórias, este trabalho endossa a ideia de que a memória reflete um tempo, e esse tempo reflete o sujeito que o lembra. Por esse prisma construímos tanto o sujeito dos anos de 1920, seja ele o mais tradicional, quase sempre satirizado por Pedro Nava, seja o jovem moderno sedento por revoluções, quanto o mundo que o cerca. Pensar a memória para a

historiografia como um documento-testemunha de seu tempo e a autobiografia como o direito do indivíduo de se ver enquanto sujeito histórico é um exercício que legitima a literatura enquanto fonte histórica.

Essa ideia de construção de um teor filosófico pela imagem de pensamento ou uma imagem dialética na obra literária aflora no texto naveano por toda sua carga de sentimento pessoal e análise crítica. Não se nota essa leitura apenas quando se trata de correntes de pensamento que são defendidas pelo memorialista, como o caso do modernismo, mas também quando percebemos todos os fragmentos do mosaico Belo Horizonte. As teorias políticas, as posturas sociais, os ideais que surgem em meio a uma cidade que nasce para ser símbolo, tudo isso constrói uma rede de imagens do tempo-espaço que confirma, ou não, as convenções daquele lugar.

Por meio desses elementos de interpretação e/ou guia das memórias de Nava, foi possível realizar uma leitura mais próxima do que foi essa década para a classe dos intelectuais belo-horizontinos. É importante salientar que a leitura do espaço físico não está desassociada de seus elementos filosóficos, o campo de imagens construídas não parte de leituras isoladas. O que é possível captar ao fim dessa jornada textual é que sujeito e espaço físico se sobrepõem; um não existe sem o outro, mesmo sendo independentes.

A imagem do sujeito é também parte desse lugar, assim como o lugar é parte do sujeito. A paisagem descrita na narração está embutida da percepção do próprio indivíduo. Constrói-se então uma imagem por meio de uma ótica. Como parte de um todo, esse processo ótico, até mesmo carregado de intencionalidade, não desvirtua a obra como fonte. Ao perceber a obra em seu todo, a realidade salta para além da memória em si, podendo assim captar também os elementos de segundo plano, de pano de fundo, de esteio para a construção daquilo que de fato quer ser dito.

“Nas memórias de Nava desenha-se o perfil de um artista bastante talentoso e de um homem impulsivo, apaixonado e apaixonante, que nunca se mostra amorfo ou indiferente” (AGUIAR, 1998, p. 203). Assim, Nava carrega como essência de sua obra a própria experiência, fazendo do tempo um aliado para construção de sua narrativa. Sua obra carrega seu estilo modernista, sua tendência para a arte e sua experiência profissional. Diagnósticos e fisionomias são construídos e desenvolvidos no decorrer de suas linhas.

Nava foi um homem que se destacou pelo apreço ao detalhe – um colecionador, que em seu arquivo guardou uma série de coisas que o auxiliaram na evocação do passado. Por outro lado, foi um grande leitor, sempre atento às obras clássicas. Por esse prisma, ele atribui à sua memória uma natureza que ora se confunde com ficção, ora se aproxima da história.

E é esse o aspecto essencial do nosso problema: o debate entre história e ficção na busca pela representação do passado. O que fica claro no decorrer das análises dos textos é que o terreno que limita história e ficção nas memórias naveanas não são claramente definidos. O que se desenrola é uma sobreposição de uma pela outra, e vice-versa. A variedade de conceitos e disciplinas utilizadas para a avaliação de sua obra, tais como a própria história, a geografia, a política e a filosofia, é reflexo da multiplicidade de elementos possíveis de serem trabalhados.

Assim, as memórias de Pedro da Silva Nava nos revelaram uma série de quadros do passado. Por isso o trabalho aqui realizado parte do princípio da representação da sociedade brasileira em seu tempo-espaço. Esses quadros são de todas as medidas, de todas as formas e complexidades. A construção de uma representação da década de vinte em Belo Horizonte aqui está voltada para a perspectiva da sobreposição de imagens possíveis de serem captadas de um determinado espaço.

Poder-se-ia ainda esmiuçar a obra de Nava pela perspectiva da linguística, pois seu texto traz uma linguagem aplicada a um período específico, que representa seu tempo-espaço e também passa por mutações. Ao se referir à rua São Paulo com a avenida do Comércio, ele assim satiriza: “falavam todas as línguas: francês, espanhol, brasileiro do *nóu(r)te*, *dô sull*, mineiro de Pirapora, Januária...” (NAVA, 1978, p. 54-55).

Os estilos de arquitetura, desde construções colossais de prédios de repartições públicas, como o Palácio da Liberdade, e até mesmo outros modelos, chamavam a atenção do autor. Vejamos esse trecho, referente à casa de seu amigo de faculdade, Roberto, destacado por Nava como uma fuga do padrão arquitetônico de Belo Horizonte:

Sua moradia era moderna, americana, diferente do padrão das construções de Belo Horizonte. Entrava num vestíbulo onde havia assentos, peanhas e em exposição, como num museu, lembranças da inesquecível viagem do Dr. Lourencinho aos Estados Unidos. Entre as peças destacava-se carta elogiosa de Nabuco, então nosso Embaixador naquela República. Larga porta à direita e era a sala de visitas dominada por enorme óleo do Lourencinho, cópia do antigo, representando a *Agonia no Horto*. Do vestíbulo ia-se à sala de jantar que conduzia, à direita, ao cômodo mais largo e aprazível da vivenda – coisa

desconhecida em Belo Horizonte – um living cheio de cadeiras, outra mesa que servia para o pingue-pongue e para o lanche, mesinha de xadrez e damas, estantes, o piano de D. Mariquinhas e da Lilinha.

(NAVA, 1978, p. 41)

Marcas famosas, como o automóvel Chandler, a geladeira Ruffer, o baralho Grimaud, a máquina de costura Singer e as cervejas Antártica e Bhrama são símbolos de um período. Alguns ainda vivos no presente, outros se perderam no tempo. As possibilidades da obra naveana ainda podem ir além do livro aqui estudado. Vale ressaltar que nosso objeto foi o seu quarto volume, *Beira-mar*. Em outros textos, outras épocas, outros lugares, outros personagens podem ser problematizados.

Até mesmo o que se lia na época pode ser problematizado. Em *Beira-mar* o memorialista se rende a Marcel Proust, mas vai além. Entre os autores brasileiros, ele classifica Euclides da Cunha como gênio. É obvio que pelo fato de os anos de 1920 serem também seus anos de estudos é possível apreender as bibliografias indicadas e trabalhadas nas faculdades de medicina da época, como o caso dos estudos de anatomia de Testut, um clássico para a medicina daqueles anos.

O que foi realizado dentro dessa perspectiva de uma representação da década de 1920 em relação ao espaço de Belo Horizonte é uma interrogação da obra de Pedro Nava, usando a memória como um elemento de apreensão de todo seu complexo social. Dessa forma, a representação individual – suas experiências – reconstrói o complexo social de seu tempo-espaço, no qual as cidades são expressões da subjetividade tanto do indivíduo como do seu coletivo. A obra memorialista guarda uma correspondência da realidade com seu objeto representado.

Por esse prisma, elaborou-se uma interpretação do passado intercambiado com novas possibilidades de pensar o saber histórico e a representação do tempo de outrora. Caminhando pela máxima de que a história será sempre uma reconstrução problemática e incompleta daquilo que não existe mais, construímos uma releitura de um tempo perdido, inferindo uma nova interpretação sobre o passado da cidade de Belo Horizonte.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

FONTE PRIMARIA:

NAVA, Pedro, 1903 – *Beira-Mar: memórias/4* / Pedro Nava; poesias de Alphonsus de Guimarães Filho e Nei Leandro de Castro. – Rio de Janeiro: José Olympia, 1978.

BIBLIOGRAFIA:

AGUIAR, Joaquim Alves de. *Espaços da Memória: um estudo sobre Pedro Nava* – São Paulo : Editora da Universidade de São Paulo : Fapesp, 1998.

ALMEIDA, Marcelina das Graças de. A catedral da Boa Viagem de Belo Horizonte: fé, modernidade e tradição. *BH. Horizontes Históricos*. Eliana de Freitas Dutra. (Org.) Belo Horizonte : C/Arte, 1996.

ALMEIDA, Magda de. Ponto final nas memórias de Pedro Nava. O Estado de São de Paulo. São Paulo. Edição Nacional. 15 de maio de 1984. Nº 33.495/ Artes, roteiros e variedades. p, 17.: Disponível em: < <http://acervo.estadao.com.br/> > Acesso em 18 de Agosto de 2014.

ANDRADE, Mário de. *Correspondências Contumaz: cartas a Pedro Nava, 1925-1944*. Ilustração de Pedro Nava. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. 129.

ARAÚJO, Maria Marta Martins. A Vida nos Subúrbios: memórias de outra Belo Horizonte. In: *Cadernos de História: Belo Horizonte*, Vol. 2. Nº 3. 1997, Ed. PUC-MINAS.

ARISTÓTELES. *Política*. Edição bilíngue (português-grego) com tradução direta do grego. Tradução de António Campelo Amaral e Carlos de Carvalho Gomes. 1ª ed. Lisboa: Vega, 1998.

ARRAIS, Cristiano Alencar. Belo Horizonte, a La Plata brasileira: entre a política e o urbanismo moderno. *Revista UFG* p, 66-76 / Junho 2009 / Ano XI nº 6.

_____. *Projeções urbanas: Um Estudo sobre as Formas de Representação e Mobilização do Tempo na Construção de Belo Horizonte, Goiânia e Brasília*. Tese de Doutorado; Belo Horizonte, 2008.

_____. *Tempos e Cidades*. São Paulo, 2006

ARRUDA, Gilmar. *Cidades e Sertões: entre a história e a memória*. Bauru, SP: EDUSC, 2000. Coleção História.

AUERBACH, Erich. Cicatrizes de Ulisses. In: *Mimeses, A Representação da Realidade*. 4ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1994.

AZEVEDO, Marlice Nazareth Soares; COSTA, Milena Sampaio da. O urbanismo no início do século XX: A escola francesa de urbanismo e suas repercussões no Brasil: trajetórias de Alfred Agache e Attilio Lima. URBANA, Vol. 5, Nº 7, Dossiê: urbanistas e urbanismo: a escrita da história – CIEC/UNICAMP. 2013.

BACZKO, Bronislaw. A Imaginação Social in: *Leach, Edmund et Alii. Anthropos-homem*, Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.

BARRETO, Abílio. Belo Horizonte: *Memória histórica e descritiva (história antiga)*; Belo Horizonte, 1995.

BASTOS, Dilza Ramos. Pedro Nava acervo bibliográfica da Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro; Fundação Casa de Rui Barbosa – 2003 http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/edicoes_online/FCRB_PedroNava_Acervo_Bibliografico_Casa_Rui_Barbosa.pdf > acesso em 2 de maio de 2013.

BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

_____. *Magia e Técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Obras escolhidas I. 8ª Ed. revista. São Paulo: Brasiliense, 2012A.

_____. *Rua de Mão Única*. Obras escolhidas II. 6ª Ed. revista – São Paulo: Brasiliense, 2012B.

_____. *Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo*. Obras Escolhidas III. 1ª Ed. – São Paulo: Brasiliense, 1989.

BOLLE, Willi. *Fisiognomia da Metrópole Moderna*: representação da história em Walter Benjamin. 2ª Ed. São Paulo: EDUSP, 2000.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. Editora CULTRIX – São Paulo; 1989.

_____. *O pré-modernismo*. Vol 5. Editora CULTRIX – São Paulo, S/D.

BRANDÃO, Carlos Antônio Leite. (ORG) *As Cidades da Cidade*. BH : Ed. UFMG, 2006. Coleção IEAT.

BUENO, Antônio Sérgio. *Visceras da Memória*: uma leitura da obra de Pedro Nava, - Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1997.

CANÇADO, José Maria. *Memórias Videntes do Brasil*: a obra de Pedro Nava - Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

CAMPOS, Helena Guimarães; FARIA, Ricardo de Moura. *História de Minas Gerais* – Belo Horizonte, MG : lê, 2005.

CERTEAU. Michel de. Operação Historiográfica. In: *A Escrita da História*. 3ª Ed. Forense universitária. RJ. 2011.

CHACHAM, Vera. A memória urbana entre o panorama e as ruínas – a rua da Bahia e o Bar do Ponto na Belo Horizonte dos anos de 30 e 40. *BH. Horizontes Históricos*. Eliana de Freitas Dutra. (Org.) Belo Horizonte : C/Arte, 1996.

CHARTIER, Roger. *A História ou a Leitura do Tempo*. Belo Horizonte. Autentica Editora, 2009.

_____. O Mundo Como Representação. *Estud. av.* vol. 5 n. 11 São Paulo Jan./Apr. 1991.

_____. O passado no presente: Ficção, história e memória. In.: *a força da representação: história e ficção* – Chapecó, SC. 2011.

CHOAY, Françoise. *O Urbanismo: utopias e realidade – uma analogia*. São Paulo: Perspectiva, 1977.

COMPAGNON, Antoine. *O Demônio da Teoria: Literatura e senso comum*; tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão, Consuelo Fortes Santiago. 2ª Ed. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

_____. *Literatura para que?* – Belo Horizonte : Editora UFMG, 2009.

COSTA, Lígia Militz. *A Poética de Aristóteles*. São Paulo: Ática: 2003.

FAUSTO, Boris. *III. O Brasil republicano – 1. Estrutura de poder e economia (1989-1930)* 5ª Edição. Bertrand Brasil, 1989.

_____. *A Revolução de 1930*. 8ª Edição – Editora Brasiliense; 1982.

FALCON, Francisco J. Calazans. História e Representação. *Revista de História da Ideias* – Faculdade de Letras, Coimbra. Vol. 21. 2000. p. 87-126.

FARIA, Carlos Aurélio Pimenta de. A memória cinzelada: em busca de uma consciência político-social – análise dos monumentos belorizontinos aos inconfidentes. *BH. Horizontes Históricos*. Eliana de Freitas Dutra. (Org.) Belo Horizonte : C/Arte, 1996.

FREITAS, Romero. No Limiar do Lógos. Mimesis, cidade e infância no pensamento da Walter Benjamin; In: *Limiares e Passagens em Walter Benjamin*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

FROTA, Lélia Coelho (Org.). Carlos & Mário. *Correspondência completa entre Carlos Drummond de Andrade (inédita) e Mário de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi Produções Literárias, 2002, p. 159-61 (com adaptações).

HALBWACHS, Maurice. *A memória Coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou – São Paulo : Centauro, 2003.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Prático da Língua Portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1987.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *História e narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

_____. Apagar os Rastros, Recolher os Restos. In: *Walter Benjamin : rastro, aura e história* / Sabrina Sedlmayer, Jaime Ginzburg (organizadores) – Belo Horizonte : Editora UFMG, 2012.

GALLIE, W.B. "Narrative and Historical Understanding" [reprint of "The Historical Understanding" (1964), pp. 40–51 in Roberts, G. (ed), *The History and Narrative Reader*, Routledge, (London), 2001.

GARCIA, Celina Fontenele. *A Escrita Frankenstein de Pedro Nava* – Fortaleza : EUFC, 1997.

GOMES, Leonardo José Magalhães. Aspectos da Cidade. Belo Horizonte: a cidade descrita. Documentos de história urbana. *Anuário estático de Belo Horizonte*. 2001.

GROSSI, Yonne de Souza. Belo Horizonte: Qual pólis. In: *Cadernos de História: Belo Horizonte*, Vol. 2. Nº 3. 1997, Ed. PUC-MINAS.

GAY, Peter. Ranke. *O estilo na história*. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo:

HARTOG, François. Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. Companhia das Letras, 1990. p, 63-95.

JULIÃO, Letícia. Belo Horizonte: itinerários de uma cidade moderna (1981-1920). *BH. Horizontes Históricos*. Eliana de Freitas Dutra. (Org.) Belo Horizonte : C/Arte, 1996.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro : Contraponto : Ed. PUC-Rio, 2006.

_____. Progress and Decline: an appendix to the history of two concepts. In: *The practice of conceptual history: timing history, spacing concepts*. Stanford: Stanford University Press, 2002. p, 70-85.

LEAL, Victor Nunes. *Coronelismo, enxada e voto : o município e o regime representativo no Brasil*. 7ª edição – São Paulo : Companhia das letras, 2012.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Tradução Bernardo Leitão, et all. 2º Ed. Campinas: UNICAMP, 1992.

LE MOING, Monquine. *A Solidão Povoada: Uma biografia de Pedro Nava* – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

LE MOS, Celina Borges. *Antigas e novas centralidades: a experiência da cultura do consumo no centro tradicional de Belo Horizonte*. Editora da Escola de Arquitetura da UFMG, 2010.

LOWY, Michel. *Walter Benjamin: aviso de incêndio*. São Paulo: Bomtempo, 2005.

LYNCH, Kelvin. *A imagem da cidade*. 3º ed. – São Paulo : Editora WMF Martins Fontes, 2011.

LUKÁCS, G. *Narrar ou descrever?* Tradução de Giseh Vianna Konder. In: LUKÁCS, G. (Ed.). *Ensaio sobre literatura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. p. 48-99.

MANDELBAUM, Maurice. A note on history as narrative. *History and theory* 6, no. 3 (1967): 413–419.

MARTINS, Joaquim Batista. *Modernismo literário brasileiro e arte*. São Paulo : Fresan 1989.

MELLO, Ciro Flávio Bandeira de. A noiva do trabalho – uma capital para a república. *BH. Horizontes Históricos*. Eliana de Freitas Dutra. (Org.) Belo Horizonte : C/Arte, 1996.

MENEZES, Marcos Antonio de. Lendo as Cidades Modernas em Baudelaire, Gogol, Poe, Engels e Ginsberg. In: *Narrativas da modernidade: história, memória e literatura*. EDUFU, 2011.

_____. Benjamin: Olhares Sobre o Cenário Urbano. *História e Revista*, Vol. 12. UFG. 2007.

MORAES, Aurino. *Minas na Aliança Liberal e Na Revolução*. Belo Horizonte: Edições Pindorama, 1990

NAVA, Pedro da Silva. *Viagem ao Egito, Jordânia e Israel*. São Paulo: Ateliê, Giordano, 1998. 62 p, Anotações extraídas dos diários do autor.

_____. *Cera das Almas*. Memórias/7 – Cotia, SP: Ateliê Editorial, São Paulo: Giordano, 2006.

_____. *Círio Perfeito*: memórias/6. Rio de Janeiro, José Olympia, 1983.

_____. *Galo das Trevas*: As doze velas imperfeitas. memórias/5 : Pedro Nava ; poesias de Gastão Castro Neto e Olavo Drummond – Rio de Janeiro: José Olympia, 1981.

_____. *Chão de Ferro*: memórias/3. Rio de Janeiro: 1ª Ed. – São Paulo : Companhia das Letras, 2012.

_____. *Balão Cativo*: memórias/2. Rio de Janeiro: José Olympia, 1973B.

_____. *Baú de Ossos*: memórias. Rio de Janeiro: 2ª Ed. – Rio de Janeiro, Livraria José Olympia – Editora Sabiá, 1973A.

_____. Tejuco; In: *A Revista*. – Belo Horizonte – editora : Typ, do Diario de Minas. ano 1, n. 1, julho de 1925: ano 1, n.1, jul de 1925.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: *Projeto História*. São Paulo, nº 10, p, 7-28, dez. 1993.

PANICHI, Edina Regina Pugas; CONTANI, Miguel Luiz. *Pedro Nava e a construção do texto*. Londrina, PR, Edel; São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

_____. *O processo criativo e a adjetivação de Pedro Nava na obra Beira-mar - memórias 4*. Assis: Instituto de Letras, História e Psicologia da UNESP, 1987 (dissertação de mestrado)

_____. A Geografia Sentimental do Bar do Ponto. *Signum: estudos da linguagem*. V. 3 N. 1, 2000.

PASSONI, Célia A, N. *Modernismo no Brasil – 1922 a 1930* – coleção: temas de literatura. Editora Núcleo; 1998.

PENIDO, Paulo. *Pedro Nava: o anfiteatro, textos sobre medicina*. São Paulo, Ateliê Editorial, 2003.

_____. in: NAVA, Pedro, 1903-1984. *Viagem ao Egito, Jordânia e Israel: anotações extraídas dos diários do autor / Pedro Nava; [organização de Paulo Penido]*. – 2. ed. – Cotia, SP: Ateliê editorial, 2004.

PEREIRA, Elisabeth G. Parreiras Baptista; XAVIER, Heber. Imagens de Belo Horizonte. In: *Cadernos de História: Belo Horizonte*, Vol. 2. Nº 3. 1997, Ed. PUC-MINAS.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História e Literatura: uma velha-nova história - in: *Literatura e história: identidades e fronteiras / Cléria Botelho da Costa, Maria Clara Tomaz Machado. (org) – Uberlândia, EDUFU, 2006.*

PAULA, João Antônio. MONTE-MÓR, Roberto L. M. Formação Histórica: três momentos da história de Belo Horizonte. Projeto: *BH Século XXI*. 2004. UFMG.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, Vol. 2 N. 3, 1989.

RANCIÈRE, Jacques. O conceito de anacronismo e a verdade do historiador. In: *História, verdade e tempo*. Chapecó-SC: Argos, 2011, p, 21-49.

REZENDE, Neide. *A semana de Arte moderna*. – série princípios – Editora ática; São Paulo, 1993.

RICOUER, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Trad. Alain Fraçois. Campinas, SP : Editora Unicamp, 2007.

RÜSEN, Jörn. *História Viva : teoria da história : formas e funções do conhecimento histórico / Jörn Rüsen; tradução de Estevão de Rezende Martins*. – Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2010.

_____. *Reconstrução do Passado – Teoria da História II: os princípios da pesquisa histórica*. Tradução de Asta-Rose Alcaide e Estevão de Rezende Martins – Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2007.

_____. *Razão histórica. Teoria da história: os fundamentos da ciência histórica / Jörn Rüsen; tradução de Estevão de Rezende Martins*. – Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2001.

_____. Pode-se melhorar o ontem? Sobre a transformação do passado em História; In: *História, verdade e tempo*. Chapecó-SC: Argos, 2011, p. 259-290.

SALLES, José Teixeira de. *Rua da Bahia / José Bento T. Salles, - Belo Horizonte : Conceito Editorial, 2005 (BH. A cidade de cada um; 4)*

SANTILI, Maria Aparecida. *Pedro Nava / seleções de textos, notas, estudos biográfico, histórico e crítico e exercícios*. – São Paulo : Abril Educação, 1983 (literatura comentada)

SAVIETTO, Maira do Carmo. *Baú de Madeleine: o intertexto proustiano nas memórias de Pedro Nava* – São Paulo: Nakin Editorial, 2002.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. *Ler o livro do mundo*. São Paulo: Iluminuras, 1999.

SILVEIRA, Anny Jackeline Torres Silveira. As ruas e as cidades. In: *Cadernos de História*: Belo Horizonte, Vol. 2. Nº 3. 1997, Ed. PUC-MINAS.

_____. O sonho de uma petite Paris: o café no cotidiano da capital. *BH. Horizontes Históricos*. Eliana de Freitas Dutra. (Org.) Belo Horizonte : C/Arte, 1996.

SILVEIRA, Fernando Luis Batistini. *Estado da arte: manifesto dos mineiros*. Disponível em: < <http://www.ufjf.br/virtu/files/2010/05/artigo-7a15.pdf> > Acesso em 11/02/2014.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História Militar do Brasil*. Rio de Janeiro, Ed. Civ. Bras., 1965.

VALE, Vanda Arantes. Memórias do médico Pedro Nava Documentos para a História da Saúde e Doenças. INTERSEMIOSE – Revista Digital; ANO I, vol. 01, n. 01. Jan/Jul 2012. p, 233-259.

_____. Arquivos e memórias de Pedro Nava: documentos para a biografia de um modernista. *Juiz de Fora*, v. 11, n. 19. jan/jul 2011.

ZOLA, Emile. *Do romance: Stendhal, Flaubert e os Goncourt*. São Paulo: Imaginário / Edusp, 1995.

SITES:

Academia Nacional de Medicina. Disponível em: < <http://www.anm.org.br/#> >. Acesso em 15/02/2014.

Arquivo Público Mineiro. Disponível em <<http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/>>. Acesso em 02 de fevereiro de 2015

Belo Horizonte Antiga. Disponível em: < <http://belohorizonteantiga.blogspot.com.br/> > Acesso em 12 de janeiro de 2015.

Curral Del Rey.com. <<http://www.curraldelrei.blogspot.com.br/>>. Acesso em 26 de Janeiro de 2014

Diário de Minas. In: Biblioteca Nacional Digital Brasil. Disponível em: < <http://hemerotecadigital.bn.br/artigos/diario-de-minas/> > Acesso em 20 de julho de 2014

INSTITUTO HISTÓRICO GEOGRÁFICO DE MINAS GERAIS Disponível em: < <http://www.ihgmg.org.br/institucional/historia#idc-container> > acesso em 12 de dezembro de 2014.

Portal Governo de Minas. Disponível em: <
<https://www.mg.gov.br/governomg/portal/m/governomg/governo/galeria-de-governadores/10212-milton-soares-campos/5794/5241>> Acesso em 24 de Maio de 2015.

Prefeitura de Belo Horizonte no portalpbh – Disponível em: <
<http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/>> Acessado em 22 de julho de 2014.

Projeto: “BH Século XXI”. 2004. UFMG. Disponível em: <
<http://www.cedeplar.ufmg.br/pesquisas/pbh/arquivos/Mod1.pdf> >. Acesso em 26 de Agosto de 2014.

REVISTA HOJE. Entrevista (1978), concedida a Dircel Accioly Lindoso – Site oficial do memorialista Pedro da Silva Nava. Disponível em: <http://pedronava.com.br/> >. Acesso em 24 de Dezembro de 2013.

REVISTA SENECTA. Site oficial do memorialista Pedro da Silva Nava. Disponível em: <http://pedronava.com.br/> >. Acesso em 20 de Maio de 2014.

Site Oficial do Escritor Pedro Nava – Disponível em: <<http://pedronava.com.br/>> Acesso 20 de Maio de 2013.

FILME:

SABINO. Fernando. Documentário: Encontro Marcado com Fernando Sabino com Pedro Nava. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=hzPL6AVLgIY> > acesso em 08 de março de 2013